

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ISABELLA COELHO DOS SANTOS
ISRAEL SIMÃO DE FARIAS

**PEDAGOGIA É CURSO DE MULHERES OU DE HOMENS
TAMBÉM?**

CURITIBA

2017

ISABELLA COELHO DOS SANTOS

ISRAEL SIMÃO DE FARIAS

PEDAGOGIA É CURSO DE MENINAS OU DE MENINOS TAMBÉM?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor de Educação como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagoga no curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Paraná.

Profa Me. Lennita Oliveira Ruggi.

CURITIBA

2017

RESUMO

Esse trabalho monográfico discute a presença do gênero masculino no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A metodologia recorreu ao levantamento de dados estatísticos bem como a entrevistas com os acadêmicos homens de Pedagogia, que dispuseram de seu tempo para compartilhar suas valorosas experiências e visões sobre o curso. Analisamos a multiplicidade de acontecimentos que podem responder às indagações feitas por essa pesquisa, desde as influências por parte da família, piso salarial de diferentes profissões e os dados que compõe os censos escolares sobre a distribuição de gênero dentro das modalidades da Educação Básica. Para essa pesquisa contamos com a ajuda de teóricos da sociologia como Bourdieu e Passeron, da Filosofia com Judith Butlher e tantos outros que participam desse trabalho dando sustentação a forma como o mesmo constrói-se. Buscou-se analisar as atuações dos diferentes gêneros ao longo das etapas da Educação Básica, como Creche, Pré-Escola e Anos Iniciais. Concluímos que o tema que esse trabalho de pesquisa suscita é de grande valor para compreensão da temática de gênero dentro e fora dos espaços escolares.

Palavras chave: Gênero. Educação escolar. Escolha profissional. Pedagogia.

ABSTRACT

This monographic work discusses the presence of the masculine gender in the Pedagogy major of the Federal University of Paraná (UFPR). The methodology used the collection of statistical data as well as interviews with the academic men of Pedagogy, who took the time to share their valuable experiences and visions about the course. We analyze the mutiplicity of events that can answer the questions asked by this research, from the influences of the family, the wage floor of different professions and the data that compose the school census on the distribution of gender within the modalities of Basic Education. For this research we rely on the help of sociological theorists such as Bourdieu and Passeron, and from Philosophy with Judith Butlher and many others who participate in this work giving support to the way it is built. The aim of this study was to analyze the performances of the different genres along the modalities of Basic Education, such as Kindergarten, Pre-School and Initial Years. We conclude that the theme that this research evokes is of great value to understand how the gender dialogues inside and outside the school spaces.

Keywords: Gender. Schooling. Professional choice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 VESTIBULAR E A ESCOLHA DA PROFISSÃO	11
3 A PROFISSÃO E O SALÁRIO	19
4 LICENCIATURAS: SALÁRIO E PRESTÍGIO SOCIAL	26
5 COMO HOMENS E MULHERES	31
6 PROFISSÕES MASCULINAS E FEMININAS: PONTOS A SEREM CONSIDERADOS	41
7 MASCULINO OU FEMININO? COMO OS CURSOS SE DISTRIBUEM	46
7.1 AS LICENCIATURAS	68
8 AS MULHERES E A ESCOLA	74
8.1 OS OLHARES SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	77
8.2 COMO HOMENS DE PEDRA	79
8.3 ANDROFOBIA E NOSSOS CORPOS	85
9 PROFESSOR! QUE PROFISSÃO É ESSA?	94
9.1 “SER PROFESSOR”	98
10 O HOMEM PEDAGOGO E SUA ATUAÇÃO NAS DIFERENTES ETAPAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	102
10.1 GÊNERO, EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS EM CURITIBA	114
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	126
ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	129
ANEXO II - QUESTIONÁRIO	131
ANEXO III - ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA	133

1 INTRODUÇÃO

Hoje, depois de passados os dias de euforia do vestibular, das múltiplas aflições que tomam o coração do vestibulando, diante da situação ao qual se encontra e dos dias de ansiedade à espera do resultado, a explosão de euforia ao comemorar a aprovação. Estamos aqui novamente para mais uma etapa do decorrer dos anos dessa caminhada acadêmica, em que os dias da ansiedade de entrada na universidade hoje convergem nos dias em que estamos novamente nos aproximando das portas do vestíbulo, para adentrar de posse da comprovação de nossa caminhada, a diplomação de nossos esforços e aprendizagem.

Porém, não antes de um outro ritual, através desse Trabalho de Conclusão de Curso, pela prática de nossa pesquisa, a proposta de nosso objeto de estudo, a importância de entenderem-se os mecanismos que movimentam as engrenagens sociais entre a escola e a sociedade, buscando entender, ainda que no micro-universo de nossa pesquisa, a ausência dos homens na educação e principalmente na Educação Infantil.

Mulheres e homens, em sua historicidade dentro da educação, como profissionais que nela trabalharam ao longo de sua organização no Brasil, indagamos como se deu o distanciamento dos homens da profissionalização como professores. Investigamos através das leituras bibliográficas e por meio das entrevistas com os acadêmicos do sexo masculino, que com suas valiosas contribuições, vieram a sedimentar nossas hipóteses. Falas essas que nascendo de suas experiências pessoais, visões diferentes das realidades experimentadas, vividas, e trazendo suas conquistas e frustrações, deixam marcados nas páginas dessa pesquisa, o quanto ainda precisa-se avançar na forma como os gêneros dialogam e como se dialoga sobre gênero nos espaços escolares. Com grande relevância as marcações de como isso ocorre na Educação Infantil, o ponto mais sensível em todo esse trabalho e a esfera cujos olhares devem se fazer mais atentos.

Com isso, as nove contribuições (entrevistas) que tivemos, alimentaram e deram a sustentação que esse trabalho precisava. Na inquestionável, contribuição de ouvir, sentir e perceber como os homens relacionam-se consigo mesmos na atuação da profissão e na vida acadêmica. Mergulhando no passado, nos livros,

nas memórias e na história pessoal de cada um que participa ativamente dessa caminhada.

Pois aqueles vestibulandos imberbes, hoje amadurecidos em sua trajetória acadêmica e diante da problemática que a pesquisa exige, se dispõe a essa contribuição social/acadêmica, em trazer mais esse entendimento do funcionamento social da escola, deixando para que a universidade e os futuros acadêmicos que virão depois, possam dar continuidade a esse estudo ou a ter nesse humilde trabalho inspiração para suas próprias pesquisas futuras.

Nessa pesquisa e ao longo de toda as análises que foram realizadas, dos dados levantados, a presença masculina ainda se encontra em percentuais muito menores em relação à feminina. A forma como organizou-se a educação no Brasil, em diferentes etapas da história do país, dá conta de demonstrar essa movimentação, embora não seja explicativa dos contornos da distribuição de gênero na escola hoje. Ao longo desse trabalho constituímos diferentes hipóteses, que elaboram respostas que conduzem a problemática trabalhada ao longo dessa pesquisa. Algumas lacunas ainda ficam, evidente, pois a dinâmica da sociedade e das características da própria pesquisa não dão conta de “colocar tudo no mesmo espaço de análise”, evidenciando com isso a potencial continuidade dessa pesquisa por agentes futuros.

A Pedagogia torna-se efetivamente um curso de prerrogativas femininas? Tema esse que tratamos no Capítulo II, analisando como distribuem-se os gêneros em diferentes cursos ofertados pela UFPR.

Porque os homens afastaram-se dessa formação, da Educação Infantil, e são encontrados na educação básica somente nos anos posteriores, já no Fundamental II, onde as disciplinas passam a serem individualizadas e sai de cena a figura da professora polivalente?

Tentar entender como se dá essa relação de ausência, o estranhamento de um pedagogo na Educação Infantil, se faz urgentemente necessário se ambicionamos uma escola pluralista, diversa, cheia de possibilidades. Pois antes de tudo a escola é social e constituída de pessoas, com suas histórias e versões individuais.

Nos capítulos que compõe o micro-universo dessa pesquisa, trabalhamos em seus múltiplos e diferentes capítulos as hipóteses que foram levantadas, na busca

por encontrar respostas às variadas frentes, as quais ao longo do próprio cursos foram sendo “despertadas”, as práticas de estágio que suscitaram essas investigações bem como a forma como o mercado de trabalho mostra sua face, em relação às escolhas profissionais.

A relação das escolhas tentaremos no Capítulo I entender como a família, a sociedade (como realidade que habitamos), o mercado de trabalho (com diferenças salariais), agem na dinâmica de escolhas diante do vestibular. As respostas a essas nossas hipóteses, buscam a compreensão de onde estão os cursos mais “valorizados” nas escolhas, nas tradições e na compreensão de que o vestibular é esse “passaporte” da profissionalização. Nesse capítulo analisamos como esses diferentes elos unem-se, tencionam-se e apresentam suas respostas.

Na continuidade desse trabalho de pesquisa, o Capítulo II, nos apresenta um olhar mais apurado das escolhas profissionais propriamente relacionada a gênero. Respondendo com isso quais os cursos com maior ou menor presença de homens e mulheres. Para isso elencamos 57 cursos para a análise dos gráficos salariais bem como das distribuições de gênero por curso.

Nos capítulos III e IV pontuamos com análises de dados sobre como é a presença de homens e mulheres na Educação Infantil, nas etapas como: Creche, Pré-Escola e Anos Iniciais. Permeando ao logo de toda a pesquisa, as entrevistas, com as “falas e experiências” de cada acadêmico que entrevistamos.

2 VESTIBULAR E A ESCOLHA DA PROFISSÃO

Neste primeiro momento, buscamos analisar quais seriam as possíveis escolhas dos indivíduos em relação a sua formação acadêmica, refletindo sobre sua escolha pelo curso. Indagando quais as relações entre a formação acadêmica e o "sucesso profissional" e como estes aspectos estão intrinsecamente tencionados com suas relações familiares.

O momento da escolha da profissão é uma das fases mais importantes na vida dos jovens. Alguns questionamentos se fazem presentes, tal como: "Que profissão escolher?", pois seguem a lógica de que esta escolha determina o futuro da carreira a seguir. Portanto, conforme Jordani et al (2014, p.27), "Ao encerrar o ensino médio, na sua maioria entre os 17 e 24 anos de idade, os jovens precisam decidir qual caminho seguir e para isso é preciso que construam um projeto de futuro, dando continuidade à aquisição do conhecimento, com acesso ao ensino superior".

Considerando que este acesso ao ensino superior seria o resultado natural de um longo processo escolar, de acordo com a origem social dos alunos, segundo Bourdieu e Passeron (1964, p.17) "[...] chances escolares objetivas exprimem-se de mil maneiras no campo das percepções cotidianas e determinam, segundo os meios sociais, uma imagem dos estudos superiores como futuro 'impossível', 'possível' ou 'normal', tornando-se por sua vez um determinante das "vocações escolares"

Então o que deveria ser uma escolha individual, reflete-se no peso de muitos fatores. Sendo eles a valorização que essa futura profissão carrega, o prestígio que a mesma pode trazer na sociedade em que se está inserido, as possibilidades de uma remuneração farta, podendo congrega assim a lógica de um possível sucesso profissional. Pois:

A escolha profissional é um momento da vida da pessoa em que ela passa a refletir sobre seus valores, metas e expectativas, para que assim possa optar pelo "melhor caminho" ou seja, aquele que melhor se enquadra em valores, metas e expectativas. A reflexão torna-se importante para que a essa pessoa não venha a ser influenciada por fatores que venham a interferir de forma negativa no seu discernimento pessoal e no sucesso profissional futuro. (SANTOS; CANEVER; FROTA, 2011, p.352)

Em um universo de escolhas possíveis as estatísticas ainda recaem sobre os mesmos cursos, sendo esses líderes de concorrência no vestibular, por trazerem em seu bojo a aura de uma constituição dos melhores salários e prestígio social.

Como apresenta o relatório, “Atratividade da Carreira Docente no Brasil”, realizado pela Fundação Carlos Chagas, sob encomenda da Fundação Victor Civita (2009, p.32):

[...] chama a atenção que, na definição da escolha profissional, aparecem fortemente carreiras tradicionais, como Medicina, Direito, Engenharia e Administração, mesmo nas escolas públicas. Na verdade, essas carreiras parecem não mais distinguir a escolha dos estudantes pesquisados nas instituições públicas e particulares. [...] observa-se que há algumas carreiras que tendem a distinguir fortemente, na amostra pesquisada, os alunos de cada uma dessas instituições: Educação Física, Enfermagem e Ciências Contábeis, citadas respectivamente em quinto, oitavo e décimo lugar na escola pública, localizam-se depois da décima quinta posição entre as escolhas das escolas particulares. Já Arquitetura, Relações Internacionais e Economia são escolhas típicas da escola particular. (FCC/FVC, 2009, p.32)

Reforçando a argumentação das “escolhas tradicionais”, dos cursos temos que:

A elevada demanda por cursos de alto prestígio social, nomeadamente Direito, Engenharia e Medicina, pode ser explicado historicamente. [...] a escolha das profissões tinha como objetivo elevar o indivíduo a cargos nobres, de preferência com o exercício de atividades intelectuais, de modo a suprir a propriedade da terra e os privilégios de nascimento. (PALAZZO; GOMES, 2012, p.880)

Como aponta um relatório do Banco HSBC em 2015, citado em reportagem de Pati (2016) do site da revista Veja:

Nem carreira nova, nem profissão inusitada. Quando o assunto é a expectativa em relação à escolha profissional de seus filhos, os pais são bem tradicionais. A pesquisa “O Valor da Educação” realizada pelo banco HSBC com 5,5 mil pais, com filhos com menos de 23 anos, em 16 países mostra que medicina, engenharia e ciências da computação são as profissões que eles mais gostariam que seus rebentos seguissem.

Isso demonstra o quanto os pais tendem a influenciar os filhos nas escolhas profissionais, os tradicionalismos perpetuam as escolhas para a futura profissão. Pois por mais que a escolha final da profissão fique a encargo dos indivíduos, os familiares exercem forte influência sobre eles. Reconhece-se aqui um típico contrato familiar, onde filhos assumem um “pacto de lealdade” com seus genitores

em suas opções de futuro, na forma da profissão que escolhem, como apontam Almeida e Guimarães (2011, p.210):

Esse processo de transmissão entre as gerações é definido por legados, mandados, mitos e lealdades que se perpetuam e fazem parte da história familiar, além dos valores transmitidos pela família em interface com o âmbito sociocultural no qual está inserida. [...] a transmissão geracional permite dar continuidade à identidade familiar através do tempo.

Observa-se a formação de um *contínuo* de tempo que vai realizando-se de geração para geração, sucessivamente: “[...] a família constitui-se como um núcleo de cultura, com costumes e tradições próprios, como se houvesse uma lente comum a todos os seus membros através da qual eles interpretam a realidade” (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p.210).

Assim se estabelece indiretamente uma naturalização das relações familiares, na qual os atos de "lealdade" se colocam como um valor familiar que não pode ser transposto, não pode ser “quebrado”, em “leis internas que regem a vida familiar”, formando um ciclo entre as gerações. Segundo Almeida & Magalhães (2011, p.211), “Existem várias formas de pagar as dívidas de lealdade e corresponder às expectativas familiares. Uma delas é optar por acatar a ‘herança profissional’ [...] ou seja, a transmissão de profissões por várias gerações”.

Embora a família possa ser a determinante do caminho a ser seguido, não só ela, mas também forças externas a ela agem com suas interferências e inferências: “[...] as heranças que o indivíduo de uma geração recebe das gerações passadas fazem parte de uma tradição familiar que, por sua vez está inserida em um contexto sócio cultural” (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p.210).

A família transmite seus valores na continuidade de um “processo de status social”, refletindo a forma como a sociedade está hierarquizada. De acordo com Bourdieu e Passeron, (1964, p.27) "De todos os fatores de diferenciação, a origem social é sem dúvida aquele cuja influência exerce-se mais fortemente sobre o meio estudantil".

A valorização do capital cultural dentro e fora da família é determinante para os espaços nos quais uma pessoa irá se relacionar. O capital cultural tem como base diferentes heranças individuais, acarretando na reprodução dos elementos “repassados aos herdeiros”.

[...] capital cultural, no seu estado incorporado, constitui o componente familiar que atua na forma mais marcante na definição do futuro escolar da prole, uma vez que as referências culturais, os conhecimentos considerados apropriados e legítimos e o domínio maior ou menor da língua culta trazida de casa (herança familiar) facilitam o aprendizado dos conteúdos e dos códigos escolares, funcionando como uma ponte entre o mundo da família e o da escola. (BONAMINO; ALVES; FRANCO, 2010, p.492)

Os tradicionalismos profissionais não perpassam só a profissão, mas a continuidade que a mesma oferece, com o legado que carrega representando distinção social. A forma como a sociedade constrói e valoriza determinadas profissões, congregando na mesma não só prestígio, mas legitimando a distinção da mesma para com as demais profissões. Como indicam Palazzo e Gomes (2012, p.880): “a seletividade escolar está relacionada à seletividade social”. A pesquisa “O Valor da Educação” indica também que “de acordo com 70% dos pais, o ensino superior não faz parte das possibilidades da maioria das pessoas” (HSBC, 2015, p.3).

Encaramos com isso o distanciamento que o nível superior ainda tem para muitas pessoas. Cursos noturnos seriam a opção para realização das possibilidades de acesso ao nível superior, levando-se em consideração as necessidades individuais, como trabalho, disponibilidade de horários, etc. Palazzo e Gomes (2012, p.881) argumentam que:

[...] criou-se três classes de cursos: os seletos, os intermediários e os populares. Os cursos seletos incluem, entre outros: Direito, Administração, Arquitetura, Psicologia e Relações Públicas. Os cursos intermediários são os de Turismo, Contabilidade, Jornalismo, Publicidade e outros. Entre os populares estão: Biblioteconomia, Pedagogia, Geografia, Letras, História, Filosofia, Ciências Sociais, sobre o que se pode concluir que as licenciaturas em geral estão enquadradas nessa classificação.

As escolhas prestigiosas recaem preferencialmente sobre cursos historicamente tidos como de grande prestígio social, pois oferecem destaque social e renda muito acima da média geral entre as outras profissões.

Então deparamo-nos com tradicionalismos, em que as escolhas estão lá postas diante do sucessor, que para Bourdieu e Passeron (1964, p.53) seriam as “carreiras burguesas forjadas”, sendo aquelas “cujos estudos forneciam a jovens privilegiados uma pausa ou passagem ritualmente arranjadas à beira de uma carreira burguesa” que seguirá os passos já transcorridos por seus antepassados,

como uma experiência já naturalizada e, feita a “escolha”, não pode fugir-se ao prestígio que esse legado de “tradicionalismos” constrói e elabora-se no seio da sociedade.

Pois, ainda de acordo com o estudo “Valor da Educação”: “90% dos pais pensam em uma profissão específica para os filhos, sendo medicina (23%), engenharia (18%) e política (10%) as áreas mais comuns” (HSBC, 2015, p.3). Se os pais são tão influenciadores das escolhas profissionais dos filhos, o estudo demonstra que entre os fatores preponderantes para a escolha estão itens como segurança financeira, sucesso e bem-estar-físico, como demonstra outro ponto de análise dessa pesquisa:

Segurança financeira, carreira de sucesso e bem-estar físico são classificados também como as maiores expectativas dos pais em relação a seus filhos. Mais de um terço (35%) afirma que ganhar o suficiente para desfrutar uma vida confortável é um dos três principais objetivos, e uma parcela semelhante acredita que ter uma carreira de sucesso (32%) ou um estilo de vida saudável (30%) é importante para os filhos. (HSBC, 2015, p.4)

Contudo, se itens como sucesso, vida financeira estável e bem-estar físico são importantes, há um determinismo das reais escolhas que os pais apontam para os filhos, afastando-os de escolhas desastrosas ou mesmo de profissões estigmatizadas. Compreendemos com isso que:

[...] no momento da escolha de um curso superior, percebe-se prévio grau de seletividade, visto que, para cursos de maior prestígio social e, potencialmente, de maiores recompensas financeiras, há uma grande concentração de candidatos de mais alto nível socioeconômico. (PALAZZO; GOMES, 2012, p.880)

Os tradicionalismos permeiam não só as influências, mas as opções que os filhos recebem em sua formação, os colocando na mesma direção dos pais, desde a inserção no processo escolar, primórdios de sua escolarização, como preparo para alcançar essas metas já outrora desenhadas como um caminho certo a ser percorrido na escolha da profissão futura.

Entendendo como tradicionalismo não somente a distinção social entre os cursos, embora esse seja o ensejo de grande parte dos genitores ao buscar alcançar seu “aprendiz de profissão”: não só seguir os passos, mas garantir a manutenção do *status quo*. A presença dos pais demonstra ser o determinante nesse caminho

a ser seguido, pois “é a família que nos dá o sentido de pertencimento e de diferenciação” (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p.210).

A família é esse amalgama que nos funde às nossas escolhas reais e necessárias, como podemos ver em alguns exemplos apresentados em sites de notícias, com o G1.Globo, com um artigo intitulado “Conheça histórias de filhos que seguem as profissões dos pais”; artigo de ODA (2015). Como a declaração de Ricardo Pardim, filho do militar Kléber Coelho:

“A gente sempre morou perto dos locais onde ele trabalhava, então posso dizer que minha infância foi neste universo de quartéis e destacamentos por onde ele passou”, fala Ricardo, que está na corporação há uma década.

Ricardo Pardim é casado com uma militar, que também é filha de um PM. Apesar de ainda não ter filhos, ele é enfático ao fazer que, “futuramente se um filho meu quiser entrar para a polícia terá todo o meu apoio, assim como tive o do meu pai”.

Ou a declaração de Mateus Moreira, filho do mecânico Ronaldo Moreira, da mesma fonte: “Eu comecei como mecânico para dar uma força para o meu pai, mas fui aprendendo com ele e gostando, até que resolvi ficar na profissão”.

No portal Educação do site Terra, em 1º de agosto de 2011, foi veiculada matéria intitulada “Por admiração, jovens escolhem a mesma profissão dos pais”, da qual seguem alguns trechos;

Rafael Weiss, 20 anos, e Fernando Rhoden, 23 anos, optaram pela mesma carreira dos pais por acreditarem na profissão. [...] nenhum deles hesitou na escolha. A certeza de um futuro profissional garantido ajuda, mas, para os dois, o que mais importa é o fato de estarem fazendo o que gostam.

O carioca Weiss decidiu começar o curso de Administração, na PUC-Rio, por admirar o trabalho do pai. “Eu sempre gostei do fato dele ser seu próprio chefe e ter a sua própria empresa, apesar de ter começado do zero e ter suado bastante para fazer o negócio dar certo”, conta. Para o estudante, a vida profissional não vai começar do zero e ele não descarta a possibilidade de assumir a empresa do pai, mas conta que também tem ideias próprias que quer colocar em prática. “Já estou abrindo a minha própria empresa, mas, como é em um ramo de jovens, eu não poderei atuar quando ficar mais velho”.

(...) Já Rhoden, morador de Bauru (SP), onde faz especialização em ortodontia, começou a faculdade com a certeza de que teria um consultório para trabalhar como dentista. Seguindo o exemplo do pai e do irmão mais velho, o estudante se formou em Odontologia e escolheu a área de especialização por identificação e paixão, mas também pensando nos negócios da família. “Na clínica do meu pai, ele, meu irmão e meu primo são cirurgiões buco-maxilo-faciais. A ortodontia, que foi o que eu escolhi, caminha junto à cirurgia, uma vez que precisa de um pré-tratamento ortodôntico. Encontrei uma lacuna que poderia preencher em nossa clínica”.

Os artigos vinculados em sites de notícias dão conta de como as famílias influenciam diretamente na escolha acadêmica dos filhos, implicando que pais, mães, irmãos e todos que circundam a realidade social são importantes na futura escolha, como traz uma pesquisa feita pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). O estudo foi feito com 279 profissionais com mais de 15 anos de experiência e divulgado no site Exame Abril em julho de 2014 em artigo de Reschke (2014) onde podemos perceber as influências familiares nessas escolhas, como

[...] Fabiana Munhoz, de 30 anos, gerente de pesquisas da fabricante de cosméticos L'Oréal, do Rio de Janeiro. Com duas irmãs mais velhas médicas, Fabiana rompeu a escrita e fez uma carreira acadêmica em física, da graduação ao doutorado [...]

“Meus pais sempre tiveram orgulho de minhas irmãs mais velhas, médicas, e achavam um desperdício de inteligência minha opção pelo curso de física, já que eu ia bem na escola”, afirma Fabiana. “Apesar disso, eles sempre apoiaram minha decisão e passaram a respeitar mais minha escolha.

Pontua-se ainda que, ao filho seguir os passos dos pais, enfatiza-se a figura masculina. Nos exemplos citados encontramos casos como o policial, o mecânico, o dentista, o administrador e um caso onde ocorre uma ruptura marcada pela opção por formação em bacharelado em Física.

Para cada membro do sistema familiar são delegados um papel e um destino, atribuídos pelas leis familiares. [...] cada família tem suas leis que são herdadas ao longo do ciclo de vida familiar. [...] esses conteúdos de “lealdades invisíveis”, pois são conteúdos que perpassam as gerações, muitas vezes sem serem ditos explicitamente. [...] como se houvesse um “livro de prestação de contas” que contabilizasse os créditos e os débitos intergeracionais e funcionaria como uma espiral entre a obrigação de dar, a obrigação de receber e de retribuir. Aquele que recebe ficaria em dívida com o membro que deu, sentindo-se na obrigação de retribuir, correspondendo as suas expectativas e assim sucessivamente nas gerações, buscando um equilíbrio nas relações. [...] como se as relações familiares pudessem ser comparadas a dos pratos de uma balança. (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p.210)

A escolha da profissão passa prioritariamente pelo sucesso pessoal e profissional e no espelhamento das escolhas e possibilidades encontram-se os atributos que fazem com que o círculo dificilmente seja tencionado para gerar uma ruptura para além das mesmas escolhas tradicionais. Conforme os exemplos apresentados nessa discussão, pode-se perceber um universo de masculinização

de algumas profissões, como observa-se ainda dentro do estudo “Valor da Educação”, que aponta:

Há uma nítida diferença em relação à preferência de algumas carreiras entre homens e mulheres. Os pais de filhos homens tendem a preferir cerca de duas vezes mais que eles curseem engenharia (23%) em comparação às suas filhas mulheres (12%). (HSBC, 2015, p.5)

A diferença apontada pela pesquisa demonstra como a influência dos pais é moldada também por gênero, existe um gênero que deve ser preenchido pela profissão corretamente escolhida, tardeando com isso que escolher uma profissão que não seja notoriamente verídica da escolha dos genitores pode acarretar na ausência de apoio ou desacordo dentre os familiares: “A possibilidade de discordância entre os projetos da família e do indivíduo constitui na família um ‘micro arena’ [...] na qual emerge a coexistência de visões diferentes e conflitantes com a realidade” (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p.209). No formato como é posto socialmente, observa-se que a problemática da escolha da profissão está ligada a gênero:

[O] processo de escolha profissional é constituída pelas próprias relações de gênero, com seus desdobramentos na divisão sexual do trabalho, reproduzida tanto no ambiente familiar quanto na escala e na sociedade. Essas três instituições sociais criaram ao longo do tempo uma série de obstáculos dificultando o egresso da mulher no mercado de trabalho e contribuindo para o crescimento dos preconceitos machistas. (SANTOS; CANEVER; FROTA, 2011, p.348)

Sendo então essa a perspectiva que se encontra nas relações sociais, de escolha das profissões majoritariamente influenciadas pelas determinações que se pressupõe do que cabe ou não cada gênero, na forma como a sociedade constrói o que seriam as funções da mulher e o que se espera da figura do homem, como já apontado neste trabalho. A inserção do indivíduo ao ensino superior vem sendo relacionado a uma lógica profissional e como as relações familiares estão diretamente ligadas a estas escolhas, de acordo com as amostras de relatos citados, “percebe-se” ainda o foco na figura masculina como o representante de sucesso profissional, mantenedor da prole. Aprofundaremos esses apontamentos no capítulo II, ao tratarmos do Gênero e as Profissões.

3 A PROFISSÃO E O SALÁRIO

Como apontado anteriormente, potencial salarial e prestígio social são pretensões que dão a direção da escolha das profissões por parte da influência dos pais. Essas pretensões se mostram tão assertivas ou determinantes na escolha da profissão e perpassam diretamente pela busca do destaque social, que age conjuntamente com a busca pela escolha da profissão com seus determinismos sociais, visando assim que o legado não se perca ao longo do transcurso de desenvolvimento da jornada de alavancamento social ou sua permanência, como continuidade do legado familiar que passa a ser transmitido no momento em que o local de ensino é escolhido, pois através dessa instituição escolhida e do curso que se pretende realizar coloca-se que:

[...] alunos das escolas públicas e particulares: embora a maioria deseje estudar e trabalhar, os primeiros sabem que nem sempre continuar estudando será possível em um futuro próximo. Se não passarem no vestibular, terão que trabalhar para custear a faculdade. Nos grupos de discussão das escolas públicas, os alunos falam sobre o vestibular e discutem que não será fácil o ingresso no ensino superior, especialmente nas universidades públicas, e que é possível que estejam estudando e trabalhando ou apenas trabalhando até que seja possível ajudar no custeio dos estudos. (FCC/FVC, 2009, p.29)

Existem profissões que historicamente se constroem como uma força social inabalável, pois alicerçam-se não só em sonhos de concorrência a serem vencidos, mas também na continuidade de suas organizações corporativas que cuidam da efetiva manutenção de *status* e reserva de mercado para não descerem ao “ralo da desvalorização social”, pois quanto mais se dá importância a uma profissão mais são reforçados os elementos seletivos valorizados na sociedade capitalista, como esclarecem Bonamino, Alves e Franco (2010, p.488):

[A] seletividade educacional (...) elimina e marginaliza os alunos oriundos das classes populares, enquanto privilegia os alunos mais dotados de capital econômico, cultural e social, contribuindo assim para a reprodução, de geração em geração, dos capitais acumulados.

Nesse desenvolvimento das escolhas, a forma como os cursos se distribuem, valorizando mais algumas profissões em detrimento de outras, ao

longo dessa historicidade, pulveriza seus valores éticos sociais depositados na vontade, no seio familiar e nas escolhas dos vestibulandos, tem-se;

A elevada demanda por cursos de alto prestígio social, nomeadamente Direito, Engenharia e Medicina, pode ser explicado historicamente. [...] a escolha das profissões tinha como objetivo elevar o indivíduo a cargos nobres, de preferência com o exercício de atividades intelectuais, de modo a suprir a propriedade da terra e os privilégios de nascimento. (...) A atratividade dessas ocupações explicava-se mais por sua influência social do que pela vocação ou por tendências individuais. [...] as profissões de médico, engenheiro e advogado são chamadas de “tradicionais” ou “imperiais”, pelo fato de terem sido constituídas durante o Império, numa época em que a preocupação do país era formar profissionais necessários ao Estado e à elite local. (PALAZZO; GOMES, 2012, p.880-881)

A história recheia-se de tradicionalismos que, vivendo no ideário da sociedade, perpassados pelas famílias e reproduzidos na vontade de cada jovem, não constrói o novo, mas está interligado à continuidade do resgate do passado que nunca pertencerá só ao passado. A continuidade dos valores arrasta-se pelos estamentos sociais, na forma dos acessos possíveis, diante das possibilidades apresentadas, na forma como os cursos hierarquizam-se.

Nessa forma do fazer social, algumas escolhas não são tidas como possibilidades e sim como aquilo que se consegue tomar para si como uma tentativa de contornar a situação social no qual alguém se encontra. Não podemos afirmar nem mesmo como uma hipótese que as escolhas que temos diante de nós são as que desejamos ou gostaríamos de ter, mas são as que podemos realizar naquele momento real.

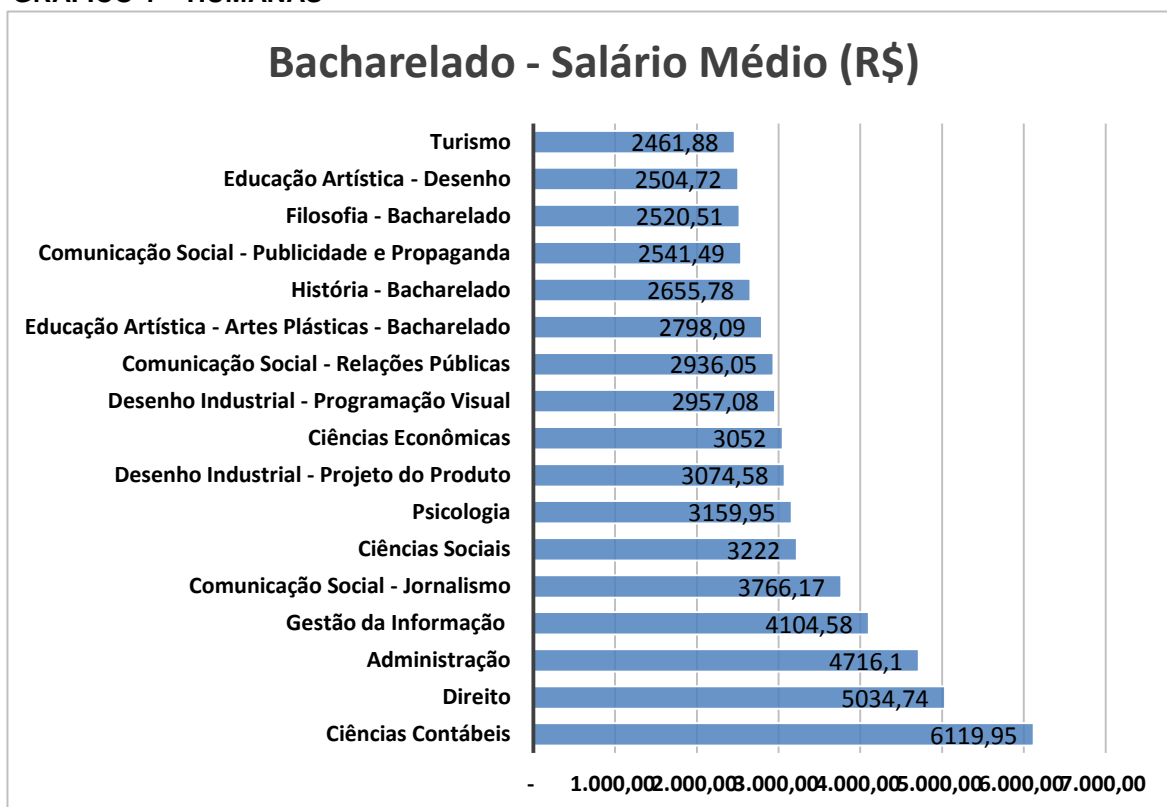
Se os tradicionalismos e os salários das profissões são essa “força de atração irresistível”, analisaremos nos gráficos abaixo as médias salariais de alguns cursos oferecidos pela Universidade Federal do Paraná, divididos em suas respectivas áreas: Humanas, Tecnológicas, Exatas, Biológicas, Ciências da Terra, com base nos dados do IPEA/SINE 2014 e IBGE - Senso 2010. Analisaremos as remunerações buscando perceber as diferenças de valorização profissional no mercado de trabalho.

As descrições que se apresentam nos títulos dos gráficos das médias salariais deste capítulo não refletem a forma como os cursos são organizados nos diferentes setores, variando em função da dinâmica de regras próprias da Universidade Federal do Paraná.

Como demonstra o Gráfico 1 abaixo, entre os cursos compreendidos como de Humanas, com habilitação no bacharelado, as médias salariais não se diferenciam muito entre si, porém ao final da curva de análise destacam-se os cursos de Gestão da Informação, Administração e Ciências Contábeis.

Cabe ainda apontar que Direito, tido como um curso imperial, figura como cobiçado e fortemente balizador de status social, não deixa de ser atraente por conta da remuneração que esse profissional possa vir angariar em seu desenvolvimento profissional e dentro da sociedade. Onde apresentam-se as médias salariais Brasil.

GRÁFICO 1 – HUMANAS



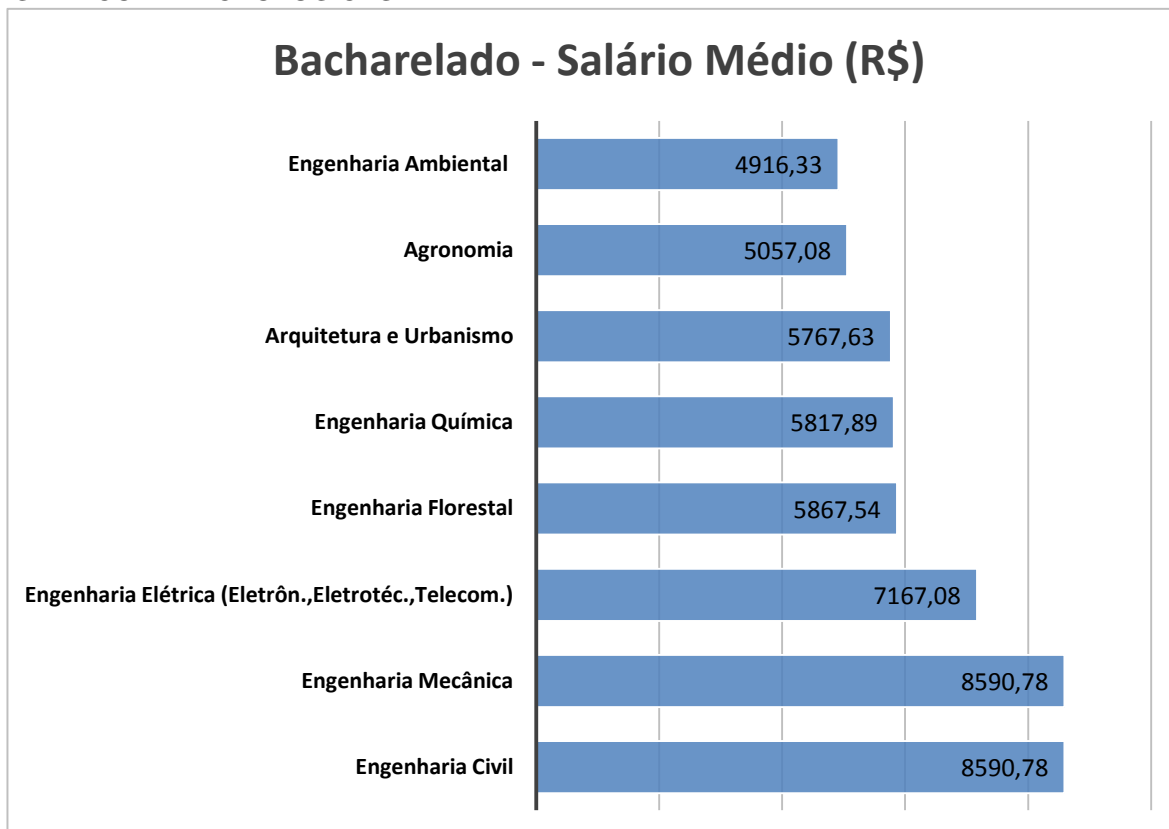
FONTE: (IPEA/SINE - 2014/IBGE -2010)

Na continuidade dessa nossa análise, daremos segmento a observar como se desenvolvem os salários nos cursos de Tecnologia bacharelado, como observamos no gráfico seguinte.

Os salários mudam ao longo do gráfico e distanciam-se dos analisados anteriormente. Esse distanciamento é relevante em relação aos ganhos que esse profissional passa a ter em função a sua remuneração salarial, notadamente muito

maior que os anteriormente analisados. Quais os fatores que colocam esses “cursos/profissionais” em destaque frente às percepções do mercado de trabalho e da sociedade, para que o prestígio, status profissional, conduza a escolha desses cursos como formação acadêmica, tomando com isso como carreira a ser seguida como caminho profissional?

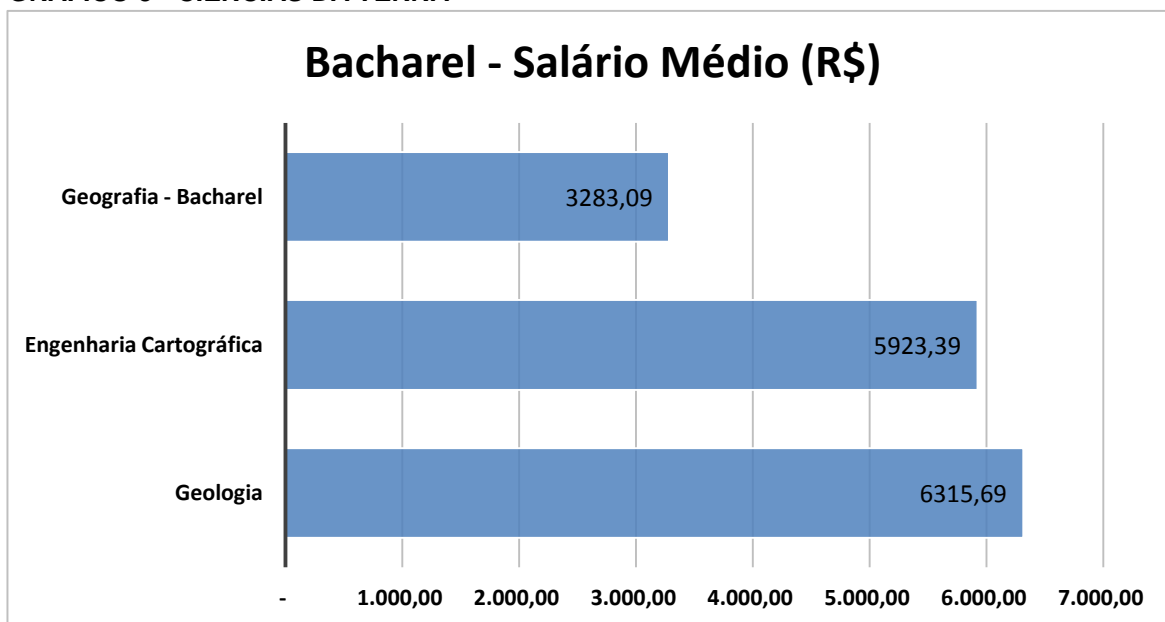
GRÁFICO 2 - TECNOLÓGICAS



FONTE: (IPEA/SINE - 2014/IBGE -2010)

Os gráficos salariais demonstram que a atratividade econômica se consolida como um fator mensurável diante da escolha profissional a ser feita. Pois como já pontuamos anteriormente, diante da representatividade da manutenção do tradicionalismo, que “impõe” aos filhos a necessidade de seguir a busca do sucesso e, portanto, da profissão que historicamente o colocará no caminho do sucesso, da realização profissional.

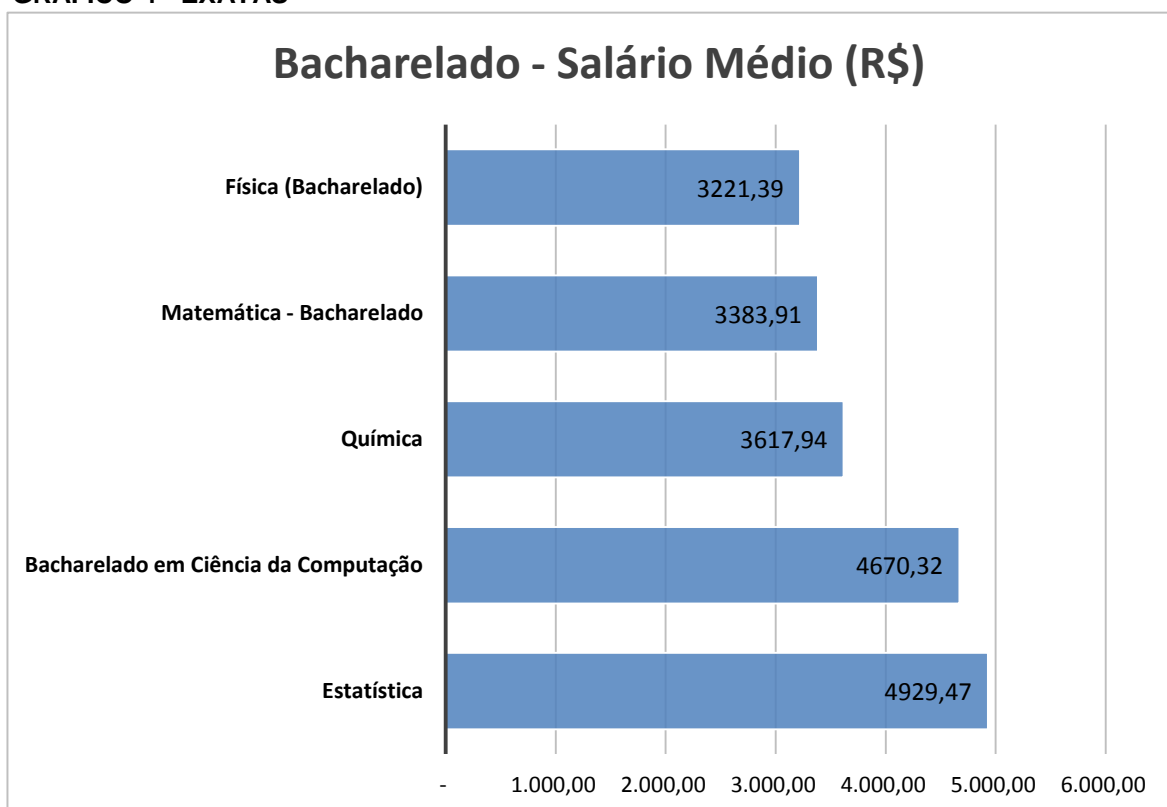
GRÁFICO 3 - CIÊNCIAS DA TERRA



FONTE: (IPEA/SINE - 2014/IBGE -2010)

No Gráfico 3, podemos observar os cursos de Ciências da Terra, com destaque para a comparação com o profissional formado em Geologia bacharelado, com esse último tendo um salário 51% maior que o profissional formado em Engenharia Cartográfica, que mesmo pertencente a outra categoria de divisão dos segmentos a que se vinculam na divisão dos cursos, na universidade, juntamente com as engenharias anteriormente analisadas, equiparam-se em salário, tornando-se atraente do ponto de vista da escolha profissional, com destaque para o bacharel em Geografia, cujo salário destaca-se por ser muito próximo ao profissional das licenciaturas. Embora pertencente aos cursos de Ciências da Terra, com outros cursos de grande valorização de mercado esse último distancia-se dos demais, na forma como o mercado de trabalho o valoriza financeiramente.

GRÁFICO 4 - EXATAS

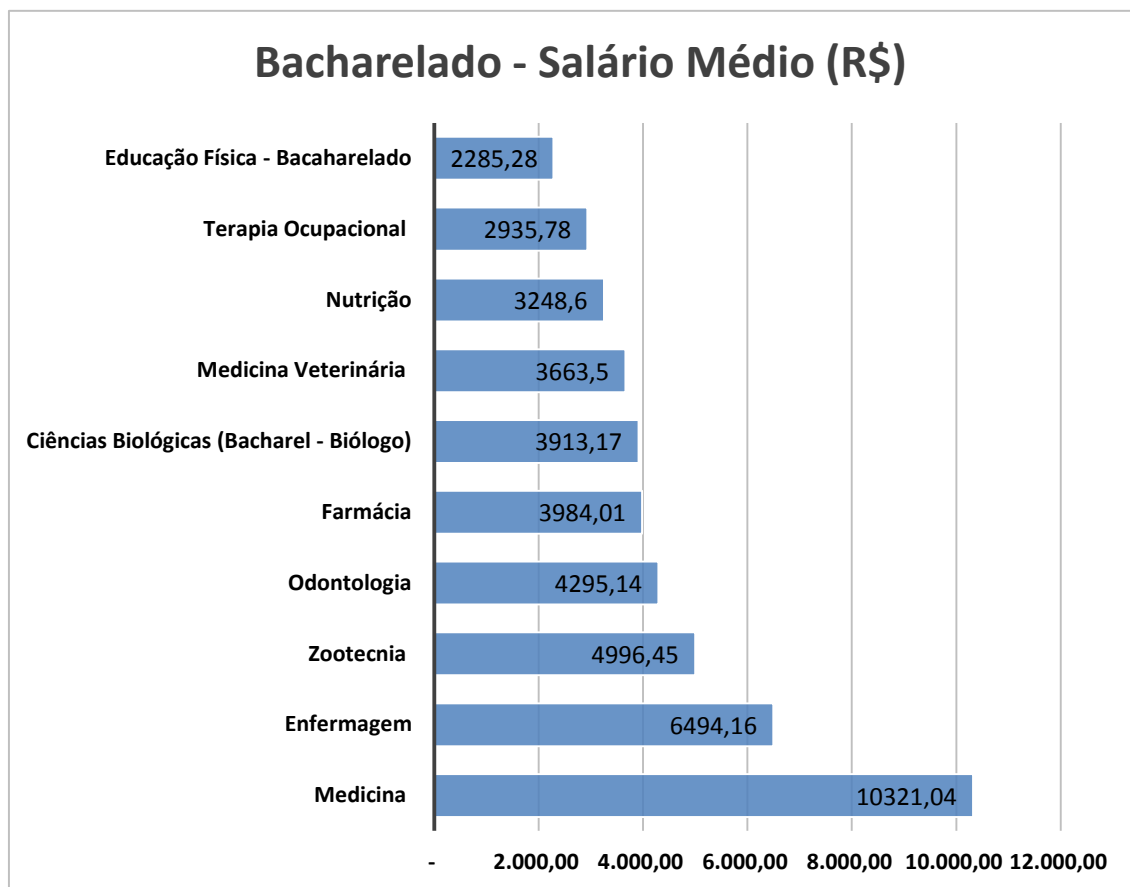


FONTE: (IPEA/SINE - 2014/IBGE -2010)

Na continuidade dessas análises observa-se como destaque no Gráfico 4, não os dois cursos com maior salário e sim os com a menor média salarial, que são Química, Matemática e Física. Embora sendo todos de formação no bacharelado, assim como apontado no Gráfico 3, com o bacharel em Geografia, apresentam-se, nessas comparações como as menores médias salariais até esse momento nos gráficos analisados.

No Gráfico 5, iremos observar que as mais altas médias salariais estão nos cursos voltados para a área de saúde, com destaque para Odontologia, Enfermagem e a consagrada Medicina, sendo esse último também um dos conceituados cursos imperiais. Ademais desses cursos, outros também sobressaem com médias salariais altas.

GRÁFICO 5 - BIOLÓGICAS



FONTE: (IPEA/SINE - 2014/IBGE -2010)

Não podemos deixar de mencionar Educação Física e Terapia Ocupacional, com médias salariais novamente muito próximas de valores vinculados às licenciaturas, sendo que Educação Física bacharelado, novamente vincula-se a uma formação de licenciatura, ou toma-se esse profissional, como um “instrutor de exercícios de academia”, conduzindo a forma como a sociedade, “percebe” a atuação desses diferentes profissionais como atuantes no mercado de trabalho.

Observamos assim os cursos que apresentam-se como os de maior pretensão salarial, que colocam o futuro vestibulando em sua rota na busca por esses cursos, que cumprem em sua formação a realização de um projeto de vida com status e o cumprimento dos tradicionalismos sociais e familiares, ao empreenderem a escolha profissional mais rentável. Analisaremos no tópico seguinte as médias salariais entre as licenciaturas e como são as remunerações em cada um dos cursos de licenciatura oferecidos pela Universidade Federal do Paraná, dentro do seguimento dos cursos de Humanas.

4 LICENCIATURAS: SALÁRIO E PRESTÍGIO SOCIAL

Embora muito reconheça-se a importância que o professor tenha, pouco valoriza-se esse profissional em sua formação e muito menos em sua remuneração. Diz-se muito da importância que a educação tem para o desenvolvimento tecnológico de um país, como aponta reportagem do site Globo.com realizada em 5 de maio de 2015: “Valorização do professor é essencial para melhoria da educação, diz UNESCO”. A reportagem demonstra o que já se sabe pelos telejornais e outras mídias de comunicação jornalística: as imensas dificuldades que enfrentam os profissionais das licenciaturas, como no relato de uma professora:

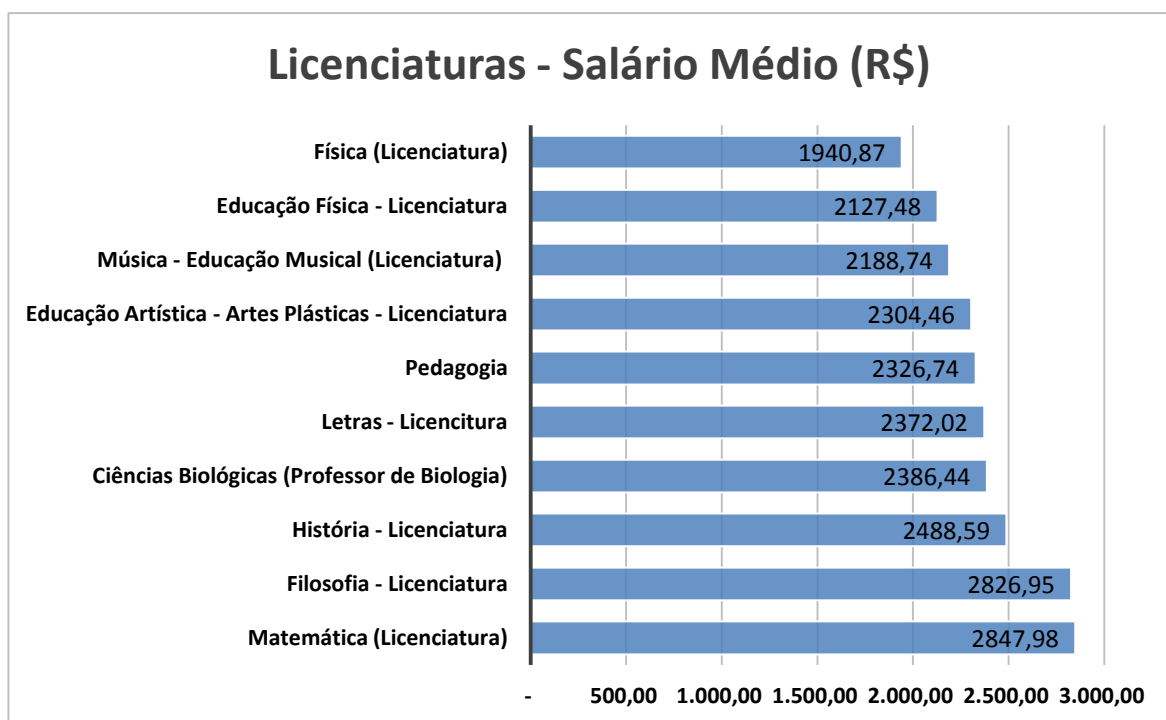
De manhã, de tarde e de noite. Três turnos em escolas diferentes. A professora Cristina de Jesus adora o que faz, mas diz: “Eu acho que é demais. Às vezes eu chego em casa à meia noite, acabada e no outro dia tem que acordar cinco e meia, cinco e quarenta.” Se não for assim: “Meu salário não dá para suprir minhas necessidades”, explica a professora. (Globo, 2015)

A reportagem demonstra os enfrentamentos que passa o profissional das licenciaturas, o que torna a profissão pouco atraente e nada glamorosa como as que até aqui vínhamos analisando.

Não é doravante incentivada pelos pais como uma carreira tradicional, pois ser professor recai sobre um estigma social de que este profissional é desvalorizado, fundamentalmente por sua remuneração.

O discurso social é de que todos precisamos de um professor, mas em poucos momentos essa carreira se torna atraente do ponto de vista da sociedade, pois não congrega em si os benefícios que outras profissões carregam, não tem salário atraente, como demonstra o Gráfico 6. Aponta-se tantas divergências que afastam o jovem dessa escolha como uma real necessidade de urgência de reversão do quadro.

GRÁFICO 6 - HUMANAS



FONTE: (IPEA/SINE - 2014/IBGE -2010)

Porém se as licenciaturas não estão entre as preferenciais, devemos reconhecer as dificuldades que recaem sobre essas escolhas, como tentar entender quais as dificuldades pelas quais passam tais profissionais, o que distancia os vestibulandos de escolherem as licenciaturas.

Esses alunos explicitam uma importante reflexão sobre o significado do trabalho numa sociedade capitalista e consumista, destacando que a escolha profissional é uma pressão social, um fenômeno multideterminado socialmente e que envolve fatores que refletem, no entanto, um modelo único de vida: estudar, trabalhar, ganhar dinheiro, consumir. Há uma angústia refletida aí sobre “ser si mesmo”, “ter outras escolhas”. A sociedade tem vivenciado, especialmente nas últimas décadas, o surgimento de novas necessidades e novas exigências que trazem inúmeras implicações para o futuro dos jovens, suas perspectivas e identidades. (FCC/FCV, 2009, p.33)

A média salarial baixa pode ser entendida como um fator de desestímulo, relegando essas profissões a remunerações sempre defasadas em relação às demais profissões tão mais prestigiadas socialmente. Porém, as escolhas nascem de uma identidade:

[...] a construção da identidade se dá ao longo do ciclo de vida do indivíduo e ocorre dentro de contextos socioculturais, sendo resultado da interação entre a pessoa e o ambiente. Já a construção da identidade profissional está

diretamente vinculada à identidade pessoal, pois ambas incluem todas as identificações feitas pelo indivíduo ao longo da vida. Sendo assim, a identidade profissional forma-se através da autopercepção que o indivíduo tem de papéis profissionais com os quais tem contato ao longo de sua existência, principalmente no que diz respeito às identificações com figuras significativas, como pais, familiares e professores. (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p.208)

A relação com a escolha do curso de Pedagogia está diretamente ligada a estas figuras significativas, que compõem este processo, como observamos nas entrevistas realizadas com os acadêmicos homens no curso de Pedagogia dentro da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Ao serem questionados pelos entrevistadores, "Quais os motivos que levaram a escolha do curso de Pedagogia?", as respostas foram diversificadas. Dos nove entrevistados, quatro afirmaram ter influências familiares de figuras femininas para a sua escolha pelo curso¹:

[...] a minha mãe sempre foi professora, ela tinha o magistério e trabalhou no Kumon por muito tempo. Então eu trabalhei com ela, e, e eu meio que sabia que queria ser professor[...] acontece que em 2011 a minha mãe entrou aqui (refere-se a UFPR), a minha mãe entrou na pedagogia aqui da federal, ela veio estudar, é, e aí eu fui ajudar ela a fazer trabalho, digitar, esse tipo de coisa assim, e eu comecei a me interessar, e lá dentro da licenciatura mais ainda eu gostava; eu comecei a gostar mais de licenciatura do que da parte de exatas [...] (RONALDO NAZÁRIO)

[...] a princípio porque minha esposa é pedagoga, enquanto ela cursava eu tive contato com alguns temas que eu achei interessante e relevante não só para educar e para aplicar na educação, mas para o desenvolvimento pessoal, nesse sentido eu tive contato com, tive contato no sentido de contato com textos, com leitura [...] achei muito interessante, de novo volto a dizer para o desenvolvimento do meu pessoal, e daí por isso vim buscar o curso Pedagogia porque já tinha tido contato com ele [...] (ET)

[...]meus pais trabalham com educação minha mãe trabalhava na universidade meu pai é professor também [...] (OSVALDO)

[...] primeiro minha mãe, pedagoga, ela já se aposentou; e ela mãe solteira, então o único, eu só tinha contato com a minha mãe, e ela era pedagoga, então, sei lá, educação para mim sempre foi algo que teve na minha vida desde o começo desde que eu me entendo por gente, assim então eu nunca tive vontade de fazer outra coisa a não ser professor [...] (ALEXANDRE)

¹ Todas as entrevistas foram feitas com perguntas abertas. A versão completa do roteiro de entrevista pode ser consultada no Anexo 1. Os nomes dos entrevistados são fictícios, sugeridos por eles mesmos no momento da entrevista. Todos assinaram termos de livre consentimento, no qual concordavam em participar da pesquisa e foram informados de que poderiam se abster de responder qualquer pergunta, sem qualquer prejuízo aos mesmos.

A partir destas declarações, compreendemos que a identidade nasce das relações de interpretação dos papéis sociais que realiza, que desenvolve nas suas diferentes trocas com o ambiente a sua volta, na sua sócio-interação com o meio, com os profissionais que alguém conhece e consigo mesmo. Nas atribuições que constrói diante da admiração ou repulsa a essa ou aquela profissão, assim se constrói paulatinamente a forma como se absorvem ou se percebem os relacionamentos que a escolha da profissão o conduz.

Se olharmos por esse prisma, as cores que encontraremos refletidas do outro lado na decomposição de fatores das não-escolhas ou mesmo da desvalorização e da falta de status de ser professor espelham o distanciamento que os anos vão colocando à criança e depois ao jovem sobre a realidade do que é a escola, dos modelos que vai construindo, das atribuições e (des)valorização que passa-se a ter do professor: como uma profissão a não ser seguida por conta da ausência de status social, pelo professor não ser visto como um “Herói Nacional” – embora defenda-se, como já mencionamos, ser um profissional necessário ao pleno desenvolvimento da nação, pela formação que proporciona para o desenvolvimento tecnológico.

Quanto mais distanciado está o profissional da educação de um possível grau de valorização, menos importante se torna esse profissional também em sua formação e nos diferentes níveis de ensino, a exemplo do que se pode observar nos graus de importância que se daria se fizéssemos uma escala e enumerássemos, do Pedagogo que ocupa as funções iniciais na escola primária, desde o berçário, seguindo assim por todas as demais profissões ligadas às licenciaturas até os professores universitários. Se fossemos a campo realizar essa pesquisa sobre como as pessoas percebem e valorizam cada etapa da educação, o que encontraríamos? Uma profissão é valorizada em função da demanda social? Segundo, Palazzo & Gomes (2012, p.881)

[...] as profissões mais valorizadas socialmente tendem a serem aquelas associadas ao recebimento de altos salários, conduzido à perda de prestígio social do magistério. Entretanto, os professores não conseguem substituir essas imagens por novas representações profissionais. (PALAZZO; GOMES, 2012, p.881)

Não se pode afirmar isso com exatidão, pois uma profissão pode em um determinado momento ascender a níveis de forte concorrência no vestibular, pode diminuir no ano seguinte em função da elevada necessidade de determinado profissional em detrimento das profissões historicamente consolidadas, que alicerçam-se no imaginário de escalada social ou ainda na passagem dos ritos de tradição a serem seguidos dentro dos clãs familiares, no transporte da herança profissional de geração a geração, não permitindo que se desgaste com o tempo, ou não valorize-se as necessidades perpétuas daquele profissional e as infundáveis justificativas de valoração do seus salários.

5 COMO HOMENS E MULHERES

Diante dos diários relacionamentos que enfrentamos em nossas vidas, a discussão de gênero está evidente e fortemente disseminada nas mais diferentes esferas sociais da vida cotidiana. De acordo com Connell (2003, p.15), “La vida diaria es un ámbito de la política de género, no una forma de evardilo” e Louro enfatiza ainda “que as palavras têm história, ou melhor, que elas fazem história” (1997, p.14).

Homens e mulheres são socialmente descritos, dentro dos estames do senso comum, em suas particularidades como definições biológicas, onde os corpos se destacam, marcando assim, socialmente, o lugar de cada um em determinado espaço que possa vir lhe caber como sendo o seu. Nas palavras de Louro:

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social. (LOURO, 1997, p.20)

O mundo do trabalho nasce no seio da sociedade. Como argumenta Connel (1995, p.15) masculinidade e feminilidade são “relações sexuais internalizados, produtos da aprendizagem social”. A realidade a nossa volta será maior do que individualmente somos capazes de tencionar no território que nos circunda. E essas realidades, tão regulamentadas e em muitas ocasiões adversas, que moldam as experiências e personalidade de cada um, reforçam a noção de identidade de gênero relativa a cada indivíduo.

Sendo assim, compreendemos que cada mulher e cada homem já nascem tolhidos para uma função, para Connell (2003) no gênero, a prática social se dirige aos corpos, como se houvesse um predestinado espaço onde cada um deve encaixar-se segundo o senso comum, que norteia e forma nossa realidade de percepção, incluindo como nos vemos e nos associamos ao lugar onde é possível estabelecer as formas como nossos corpos admitem-se dentro dessas realidades.

Como seres "biopsicossociais", que estabelecem regras e estruturas de convivência, executamos nossas realizações de diferentes maneiras dentro da sociedade, entre elas o trabalho no qual nos relacionamos com nossos corpos "biossociais".

[...] a profissão [...] não é apenas para garantir o *pão nosso de cada dia*, segundo adágios populares, mas também é um mecanismo para inseri-lo nos meios de produção de uma sociedade que nutre a partir das relações de trabalho e da divisão que estas sustentam. O trabalho que não é apenas sinônimo de sustento, mas expressa muito de significação na e para a sociedade. (NETO; SILVA; OLIVEIRA, 2009, p.736)

Admitindo-se com isso que é o trabalho é a ferramenta de visibilidade social, parte do que nos constitui como homens e mulheres dentro de nossas relações sociais, entendemos que precisamos do trabalho para nos realizar socialmente. No entanto precisamos nos perceber dentro desse processo de colaboração social, vigorosamente constituído diante da escolha "certa" para que possamos ter nosso reconhecimento social ao sermos inseridos em uma sociedade historicamente constituída, onde homens e mulheres atuam de formas distintas. Gênero e sexualidade são relações tão delicadas de serem aceitas e entendidas fora dos ditames estabelecidos. Assim temos que:

[...] [nos] nossos papéis sociais estão os estereótipos sociais que afetam diretamente as ações que praticamos, pois através delas somos incorporados e/ou submetidos a determinados grupos, com base em características típicas e delimitadoras que, invariavelmente, servirão de base para compor a nossa identidade [...]. (SOUZA, 2010, p.151)

Evidencia-se com isso que em cada indivíduo, nas características pretensamente biológicas de seu corpo, está também sua identidade de gênero, determinando o "lugar" de sua profissão, "socialmente delimitada" desde seu nascimento, que de acordo com Louro (1997, p.32), é consequência de "uma lógica que parece apontar para um lugar 'natural' e fixo para cada gênero". Pois escolher uma profissão é antes de tudo a escolha do lugar para adentrar e permanecer na atuação formativa que escolheu. De acordo com Louro,

[...] múltiplos discursos que caracterizam a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher. [...] Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fabricas, nas oficinas e

nas lavouras. [...] Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias à assistência, ao cuidado ou à educação. (LOURO, 1997, p.17)

Afinal, é inegável que vivemos em um mundo capitalista de realidades muito distintas e o lugar que alguém ocupa determina quem essa pessoa é, ou ao menos afirma em seu corpo sua “virilidade da masculinidade” ou “feminilidade”, tal como posta na sociedade.

Olhando por essa ótica de realizações, busca-se dentro desse processo de escolha da profissão a realização dos desejos, pois vindo de lá os “abastados ganhos” que irão constituir o que faz de mim e me construir como o engendramento de todas as minhas realizações futuras – seja como construtor de meus sonhos ou capaz de influenciar e determinar de “certo modo” o tônus sociais no entorno das minhas possibilidades de direcionador/formador de opiniões.

No determinismo de nossos anseios, que se misturam às vontades parentais, outrora já apontadas como vinculadoras de direcionamento das escolhas tomadas como a “acertada escolha profissional”, entendemos que o trabalho é essa força social, que não só move a sociedade, mas molda os corpos, e estabelece os espaços distintos onde os mesmos podem encaixar-se. Os que fogem a essa determinação, causam perturbações sociais e “riscos de infelicidade social”, para si mesmos. Então, ao tentarmos tencionar as determinações pré-estabelecidas nos espaços aos quais nossos corpos se encaixam, sejam eles “masculinos” ou “femininos”, nos colocamos em risco:

[...] a questão do gênero está vinculada ao plano simbólico e aos papéis sociais que foram e são atribuídos a homens e mulheres ao longo da história da civilização. No campo do trabalho e na vida cotidiana o gênero depende de como a sociedade concebe machos e fêmeas e, conseqüentemente, quais os lugares destina para cada um. (NETO; SILVA; OLIVEIRA, 2009, p.740)

A sociedade com seu senso comum nos constitui como somos, ainda que possamos ou desejamos ser outra coisa, que nos pareça mais “agradável”, se a forma como nos “enxergamos” não condiz com a “correta” forma de realizarmos nosso papel social, é certo que essa “desobediência social” pode nos lançar no limbo das margens sociais, ou sermos tomados por “corpos que não nos

pertencem”, no sentido de que somos biologicamente estabelecidos para um trabalho determinado na sociedade em função de nosso gênero.

Não queremos com isso afirmar que existem realmente profissões só de homens ou profissões só de mulheres, contudo, refletimos sobre como a dinâmica social faz com que nossas formas de ver, entender e sentir agradavelmente dentro dessa sociedade, suas formas e estruturas, nasce dessas relações que a sociedade em seu senso comum, faz do uso de nossos corpos biológicos, inclusive no reconhecimento profissional. Segundo Louro,

Ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatiza, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas [...] As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO, 1997, p.22)

Nossa biologia não é determinante de como somos ou como nos estabelecemos socialmente, pois dentro do que podemos compreender como parâmetro para nossas realizações sociais, o corpo biologicamente constituído aparece como essa vitrine de quem somos.

Então, um homem em suas “brutificação virilizante” se constitui diante de seu trabalho de homem “rústico, capaz dos feitos mais incríveis para o estabelecimento da manutenção das necessidades primárias da família”, não escapando a mulher, de ser a “docilidade, dos infindáveis modos de subtileza, leveza e maternalização de todos os cuidados e funções de doméstica (relações com a casa e sua manutenção)”. Ao longo da história do Ocidente, ao menos no que se contemplam os diferentes textos de leituras realizados:

A presença da mulher no cenário escolar ocorreu tardiamente na História da Educação Brasileira. Desde o período Colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para ao lar, ou seja, aprendia atividades que possibilitasse o bom governo da casa e dos filhos e a isto não incluía leitura e escrita, nas prendas domésticas. (ARAGÃO; KREUTZ, 2012, p.64)

Na mesma direção, entende-se que, segundo Rosa (2001, p.2) “Idealizou-se uma mulher pura e dócil e que tinha o papel social somente voltado

para o lar e maternidade. Suas vidas resumiam-se em se preparar e esperar o casamento e depois se dedicarem ao marido e filhos”. O senso comum da sociedade estabeleceu estruturas, regras e formatou espaços ao qual, cada um desses distintos corpos pode adentrar-se, como homens e como mulheres: “cada sociedade estabeleceu ao longo dos tempos a imagem de como o homem e a mulher deveriam se portar e quais espaços poderiam ocupar na vida social” (NETO; SILVA; OLIVEIRA, 2009, p.740).

Se tentarmos romper com essas estruturas, tão rigidamente estratificadas, tão solidamente constituídas ao longo de tantos tradicionalismos que se estabelecem os “ruídos” sociais não serão poucos, todavia este rompimento faz-se necessário, segundo Louro (1997, p.34): “Romper a dicotomia [*ideia singular de masculinidade e de femilidade*] poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito ‘gênero’”.

Então, temos no trabalho nosso “eu”, que se desenvolve, se realiza, e se constitui como o lugar de nossa felicidade plena, pois:

[...] o trabalho é considerado como uma afirmação do homem na sociedade, que conquista seus lugares abraçando uma profissão que dele espera entrega total. Logo, a escolha relacionada ao tema é marcada por conflitos, dificuldades e antagonismos, pois o futuro que se vislumbra é múltiplo e aponta para infinitas possibilidades. (NETO; SILVA; OLIVEIRA, 2009, p.741)

Se o trabalho é esse lugar de nossas realizações, e não podemos colocar “corpos estranhos” no local para os quais não foi estabelecido, então o gênero, que nos define, é tomado como uma forma rígida, não transmutável e inviolável. Não se podem mudar os corpos, pois fazer isso implicaria em mutilações de nossas realizações sociais. Não por incompetência funcional em estabelecer as realizações pertinentes àquela habilidade exigida no trabalho e sim, pela forma como cada sociedade estabeleceu onde cada homem e cada mulher pode encontrar-se, para nessa performance de suas realizações de “felicidade profissional”.

Contudo, a sociedade e seus dinamismos, podem ser compreendidos como um organismo “vivo”. Como organismos que se relacionam, baseado em regras mutáveis e ideologias que insistem em parecerem como um reflexo de distorções múltiplas diante do espelho de nossas percepções sociais. Então a forma como

constituímos essas realizações, colocamos homens e mulheres frente a frente, lado a lado ou ainda em lados opostos:

[...] entre homens e mulheres, notamos a presença dos reflexos do preconceito criado na antiguidade, quando vemos que a maioria das mulheres ainda cursa faculdade que têm maior clientela feminina, profissões que são verdadeiros guetos femininos, salário diferenciado para o mesmo emprego e função, no caso engenharia no caso da engenharia, dentre outros exemplos que se poderia citar. (SANTOS; CANEVER; FROTA, 2011, p.348)

Embora possamos escolher o que fazer que profissão nos “realiza profissionalmente”, essa escolha ainda deve estar “aprovada e de comum acordo com nosso gênero”, pois é essa ainda a chave que abre a porta de nossas realizações e felicidade social. Estabelecemos essas estruturas como formas de manutenção de alguma coisa, de uma situação que não é um privilégio de todos, pois se assim fosse, não poderíamos apontar tantas distorções diante das realizações profissionais, nas quais se dão esses embates tão significativos, como são os dos estudantes homens no curso de Pedagogia.

Foi dado a cada gênero espaços tão dicotômicos, que tentar uma reflexão, ainda que seja por pura teorização, gera a desconstrução de uma lógica que concebe, segundo Louro (1997), “homem e mulher como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão”.

Dentro dessa lógica, ao homem foram relegadas as possibilidades de ser o detentor do seu destino, ao menos como se pensa e estrutura-se dentro dessas relações sociais. O problema está em considerar essa possibilidade como natural e desconsiderar o outro neste processo de relação social, de acordo com Louro (1997, p.33), “o problema que permanece é o de conceber as diferenças (sejam elas consideradas culturais, sociais, subjetivas) em relação ao homem – sendo ele a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado”.

Embora para a mulher seja ressaltado seus “porcelanismos de fragilidades múltiplas”, é preciso ao menos mencionar que a mulher em suas grandiosas realizações, foi negligenciada ao longo da história, sendo apagados seus feitos e proezas. Contudo, esse trabalho não trata de elencar méritos de homens e mulheres e sim tentar estabelecer, ainda que de forma “goticular”, delineações de gênero no curso de Pedagogia da UFPR na sua respectiva.

Pois se existem espaços onde homens e mulheres podem estabelecer-se como “realizadores de seus sonhos e desejos”, e o gênero é esse marcador social de nossas funções sociais, então:

[...] o gênero “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. É uma forma primária de dar significado às relações de poder.” [...] o termo gênero, foi proposto como uma alternativa ao termo sexo, pois homens e mulheres, masculino e feminino são categorias sociais historicamente produzidas que não devem ser reduzidas a uma categoria biológica. (SANTOS; CANEVER; FROTA, 2011, p.349)

As sociedades vão reinventando possibilidades, marcadores sociais, como se houvesse essa possibilidade de dominância social por meio de um poder estabelecido. Visto que as regras sociais funcionam com base nas trocas de relações, de colaborações entre si, nas múltiplas vantagens que possamos obter e nos lugares nos quais “habitamos”. Nos “corpos que habitamos” temos nossas marcas, nossas experiências pessoais e sensoriais; constituímos-nos de tudo que aprendemos e vivemos, nos tornamos indivíduos únicos e sociais.

Pressupostos esses que trazem à tona seu enfrentamento também diante dos espaços escolares que são construídos historicamente para atender uma demanda da forma como nossos “corpos individuais” devem se “portar e relacionar-se” com a sociedade na qual se estão inseridos, e como nos relacionamos de acordo com as diferentes regras e engajamentos que são produzidos, velados e ignorados. No que diz respeito a esse aspecto, Louro demonstra que:

[...] diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas não somente “fabricam” os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero. (LOURO, 1997, p.83)

Então, a ocupação do espaço social do trabalho deve ser transposta pela necessidade de que “embora se possa admitir uma infinita liberdade de escolha”, essas na realidade não se realizam. Pois basta um indivíduo que não se encaixe nos “parâmetros de gênero” e o mesmo será “estigmatizado”, com possibilidades de encontrar dificuldades seja na atuação acadêmica (estágios), seja no próprio mercado de trabalho.

As profissões, dentro de uma historicidade de acontecimentos, cristalizam-se como sendo ou masculinizadas, ou fortemente feminilizadas, e qualquer “transgressão ou transvalidade”, terá possíveis barreiras de atuação.

Assim, sendo, as hipóteses que podemos pressupor são que:

[...] o sistema educacional está condicionado a diversos fatores que vem sofrendo mudanças ao longo do tempo, dentre eles a questão de gênero. Tanto homens como mulheres vão se enquadrando nos modelos já pré-estabelecidos de uma sociedade que determinou que menino veste azul e menina veste rosa e a partir daí, esse sistema a muito tempo dirige o masculino para funções trabalhistas diferentes das femininas. (SANTOS; CANEVER; FROTA, 2011, p.350)

Não estamos com isso culpando a escola, como formadora única do que se tem como ideal de gênero, masculino e feminino. Essa marcação de elementos tão claramente constituídos é performativa ou, segundo Butler, (2015, p.24) “se o gênero são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos”.

Pois desde muito cedo já somos marcados pelas “cores de nossas identidades”, essas “rotulações sociais” ou adereços nos bebês de sexo feminino, com suas orelhinhas furadas, no intuito de as destacarem e evitarem serem constrangidas e confundidas com meninos, ficando assim visualmente muito claro a quem observa à primeira vista que se trata uma menina, oposto ao que se poderia pressupor se não fossem esses marcadores sociais.

A sociedade constitui-se desses elementos, desses marcadores para colocar-nos em pontos distintos, diferentes e detentores de posições que dificilmente serão tencionados, transgredidos ou violados sem incorrer em riscos de forma que:

[...] nas relações de gênero [...] a família e a escola socializam meninos e meninas, reproduzindo um padrão pré-estabelecido pela sociedade do capital onde estão inseridos. Este padrão está dotado de preconceitos que contribuem para desigualdade social entre homens e mulheres, alimentando o machismo e a subordinação das mulheres em relação aos homens, e conseqüentemente favorecendo a divisão sexual do trabalho. (SANTOS; CANEVER; FROTA, 2011, p.351)

Então a escola não só reproduz juntamente com as famílias esse ideário de formas e formações, ao reforçar a constituição desses estereótipos, como os reproduzem dentro das instituições ao oferecer espaços de realização que vetam o divergente. A escola também exerce papel fundamental nestes processos de construções de identidades, constituindo seus aspectos interacionistas, considerando que para Louro (1997, p.61) “identidades escolarizadas. Gestos, movimentos, sentidos são produzidos nos espaços escolares e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos”.

A escola reproduz, portanto, valores sociais mais amplos, embora não estejamos aqui dizendo, que a escola deva pôr-se alheia a esses acontecimentos e sim, que deva problematizar de forma dinâmica essas realizações que nela se inserem. Contudo, a escola em sua tentativa de neutralizar-se de todos esses acontecimentos, ignora que fora de “seus contornos”, existe uma realidade “real” além de seus muros. Tentando com isso a escola eximir-se de todo histórico de desenvolvimento social que passou ou passa pela sua própria historicidade.

Se tais elementos perpassam as formas como nos comportamos, em nossas individualizações, compreendemos a forma como reproduzimos discursos postos diante de nós:

[...] [O] processo de escolha profissional é constituída pelas próprias relações de gênero, com seus desdobramentos na divisão sexual do trabalho, reproduzida tanto no ambiente familiar quanto na escola e na sociedade. Essas três instituições sociais criaram ao longo do tempo uma série de obstáculos dificultando o egresso da mulher no mercado de trabalho e contribuindo para o crescimento dos preconceitos machistas. (SANTOS; CANEVER; FROTA, 2011, p.348)

A escola é terreno fértil para o desenvolvimento de diferentes conflitos relacionais sem problematização, como a realidade que a sociedade perpetua como uma forma de distinção entre os gêneros faz com que homens e mulheres passem a serem vistos de formas tão dicotomizadas. Essas realizações sociais perpassam diferentes meios, acessos e caminhos. Contudo é nas profissões que essas realizações de marcação de gênero se fazem tão alarmantes, encontrando-se ocupações profissionais tão cristalizadas por um único gênero. Colocar-se nesse meio é como adentrar em um mundo desconhecido, tornando-se um “objeto estranho ao lugar” por não encontrar outro que se assemelhe no

mesmo gênero ou, se o encontra, enfrenta os discursos de questionamentos de sua orientação sexual. Pode-se entender que:

[...] a formação da primeira identidade do indivíduo relaciona-se como próprio “ser” humano e a segunda é a identidade de gênero, que é algo construído no âmbito da cultura, socialmente, algo que é nomeado [...] atuando no campo simbólico, fornecendo bases para a divisão sexual do trabalho em todas as sociedades. (NETO; SILVA; OLIVEIRA, 2009, p.739).

É também no trabalho e através dele que essas marcações de gênero se fazem tão distintamente percebidas. Talvez em nenhum outro momento de nossas percepções e presença na sociedade nos torne tão evidente como gênero masculino e feminino como quando nos colocamos em espaço de não-integração ou não pertencimento, ainda mais quando essa dinâmica age em nossas relações de trabalho.

6 PROFISSÕES MASCULINAS E FEMININAS: PONTOS A SEREM CONSIDERADOS

O senso comum, posto na sociedade, dá conta de determinar que homens e mulheres ocupam-se de espaços distintos. Embora possamos encontrar mulheres e homens em profissões de muita proximidade não podemos tomar como regra que esses choques e embates não possam vir a ocorrer, tampouco desvalorizar a importância desses pequenos grupos que estão inseridos nestes espaços de “não pertença” ao seu gênero. Buscamos nos outros então semelhanças, segundo Goffman (1975, p.11) “Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram informação a seu respeito ou trazem à balia que já possuem”.

É no trabalho que adentramos na vida social economicamente ativa, e nos constituímos como úteis à sociedade, porém diante das escolhas que iremos realizar no encaminhamento das nossas possibilidades de formação acadêmica, o que cabe a qual gênero. De alguma forma todos carregamos em nós, um modo operacional social:

Esta forma de harmonia é um ideal otimista, não sendo, de qualquer forma, necessária para o funcionamento regular da sociedade. [...] esperar-se que cada participante suprima seus sentimentos cordiais imediatos, transmitindo uma visão da situação que julga ser ao menos temporariamente aceitável pelos outros. A conservação desta concordância superficial, desta aparência de consenso, é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apoiam valores aos quais todos os presentes se sentem obrigados a prestar falsa homenagem. (GOFFMAN, 1975, p.18)

Se todos carregaram um modo de operar, dentro do que espera a sociedade, o trabalho, a família, operamos de formas muito distintas em diferentes situações e lugares. Faz-se necessário para este “rompimento” entre os diferentes espaços, considerar os envolvidos nestes processos, incorporando questionamentos acerca dos indivíduos que não seguem aquilo que é determinado como “regra social”, reafirmando segundo Louro (1997, p.34) “[que] mulheres e homens que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como ‘verdadeiras/verdadeiros’ mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária”.

Será que existem mesmo profissões que homens e mulheres realizam com maior destreza que o outro?

[...] a relação da profissão com a identidade é tangencial, considerando-se que a matriz de análise é a preparação do sujeito na sociedade industrial para o conhecimento especializado, a *expertise* que justificaria a divisão de funções e cargos diferenciados, mas que não prescinde de uma autoridade administrativa, um status e uma diferenciação, inclusive no exercício profissional cotidiano. (CRUZ; AGUIAR. 2001, p.14)

A escolha da profissão é primordial às nossas realizações pessoais, ao mesmo tempo em que essa preparação para a integração da sociedade industrializada faz com que essas escolhas possam acabar em uma decepção, pois, de acordo com Neto et al. (2009, p.741) “[o] ‘mercado’ pode se colocar como usurpador de sonhos e fantasias, pois se abrem possibilidades, mas estas nem sempre estão carregadas de prestígio social, expoentes numéricos e crescimento econômico”.

Se o mercado torna-se esse ceifador de sonhos, esses destruidores de conquistas e realizações, então se coloca em situação muito mais complexa a escolha de profissões fortemente polarizadas, onde o gênero dominante determina como o mercado irá dar ou não aceitar aquele profissional. Como na experiência pessoal de um dos autores dessa pesquisa, no processo de um dos estágios acadêmico na Educação Infantil, ao ser “submetido a constrangimento velado”, por ser oposto ao gênero que se espera nos espaços escolares nessa etapa da Educação Básica.

Da mesma maneira como rompe com paradigmas uma mulher atuando em canteiro de obras, local “socialmente masculino”. Deixando ao senso comum o encargo de enriquecer e fortalecer essas relações de separação entre as ocupações profissionais.

Como na constituição de um “Totem das Profissões do Gênero”, tendo o “Tabu”, como seu guardião. Criando marcadores das “ocupações de gênero”, assim como não se espera o gênero masculino, inserido em um espaço de berçário, pois notoriamente compreende-se esse “espaço”, como de ocupação feminina, por conta de todas as pretensas “atribuições de feminilidade”, já discutidas nessa pesquisa.

Somente com a vitória sobre esse “guardião” do totem, em sua verticalização tão fortemente rígida, não sendo possíveis muitas possibilidades de romper com suas estruturas, pois a função do totem é exatamente a de regulamentação. De acordo com Freud (2008, p.11): “o sistema totêmico está voltado para a observação analítica de como o homem constrói suas proibições que se universalizam [...]”.

A função do totem é, na metáfora que estamos utilizando, atuar como vigia da forma como cada gênero ocupa-se de seus posicionamentos sociais, não existindo com isso possibilidades de tomar um lugar ao qual seu gênero não pertence naquele momento, naquela estrutura.

Os grupos que estão submetidos ao mesmo totem devem cumprir A SAGRADA OBRIGAÇÃO e o não cumprimento dela deve submeter-lhe ao castigo automático de respeitar sua ética, suas normas e seus conjuntos de regras e leis. O caráter totêmico é imputado a todos os membros do clã [...] (FREUD, 2008, p.11)

A forma como essas forças organizam-se demonstra como é improvável que um gênero que não cabe naquele momento da organização do totem possa realizar-se nele.

Entendemos com isso que a dinâmica social das profissões realiza-se de forma muito rigidamente constituída, com reflexos bilaterais, seja da sociedade que reproduz os acontecimentos da vida acadêmica, seja na forma como os cursos se organizam. Realizamos este diálogo de forma elaborada no primeiro capítulo deste trabalho, no qual citamos diversos exemplos sobre como as escolhas dos cursos estariam sendo relacionadas à expectativa salarial futura. Destacamos aqui a dimensão generificada dos cursos da Universidade Federal do Paraná. A universidade em sua organização realiza-se dentro desse binário, influencia a sociedade em que se insere e é influenciada por fazer parte dela.

[...] o plano simbólico como a solidificação de uma condição de gênero, muitas vezes, já que, escolhendo, o jovem responde anseios, que são lançados para construção de sua singularidade e sobre os papéis sociais que devem desempenhar. (NETO; SILVA; OLIVEIRA, 2009, p.741)

Então, ao fazer a escolha do curso que deseja realizar como profissão, na vida como estudante da universidade, o(a) jovem depara-se com as barreiras impostas

muito antes de realizar-se como profissional formado. Tentamos aprofundar as complexas formas como essas variantes se estabelecem, criam ruídos, ecoam – e não podem ser negadas ou não ouvidas.

Dentro desse contexto elencamos pequenos relatos, coletados através de entrevistas com acadêmicos do sexo masculino no Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná. A proposta fundamental foi coletar informações pertinentes a estas relações de desejo e anseio para a atuação profissional, experiências adquiridas antes da conclusão de sua formação.

Apesar de serem “falas livres”, alguns entrevistados deixaram transparecer como tem se estabelecido barreiras para a inserção de homens pedagogos no mercado de trabalho. Quando perguntado: “Você já foi chamado para alguma entrevista de estágio em alguma escola privada ou pública, que atende a Educação Infantil? Como foi sua experiência?” Algumas das respostas foram:

“[...] basicamente para atender na educação infantil, para ajudar na educação infantil, ela até falou, ah, por ser homem, às vezes a gente pode precisar de uma espécie de um inspetor, assim, para ajudar no pátio [...]” (Ronaldo Nazário)

“[...] não, eu já entreguei e foi assim, tipo, no começo do ano eu entreguei vários currículos, então eu procurei. Não, nenhum lugar nunca me chamou, nunca teve essa opção [*docência na Educação Infantil*] talvez tenham me chamado, mas era para trabalhar na área administrativa não para atuar dentro da sala, não, nunca [...]” (ET)

“Eu tenho noção que se eu quiser atuar na educação infantil [...] Eu não vou conseguir por meio de estágio não obrigatório, ou eu vou conseguir só por estágio obrigatório.

Ou se eu entrar por algum concurso e conseguir pegar uma turma de educação infantil, porque ensino particular eu já vi escolas que ficaram meses e meses colocando anúncio e não conseguindo preencher a vaga e não respondiam às minhas ligações. Ou eu ligava marcava a entrevista e desmarcava, sabe.

Eu já passei por coisas desagradáveis mesmo, teve uma escola que eu “tava” fazendo a vaga, que eles fizeram um primeiro estágio. Teve um dia, para eles poderem me colocar e ver como eu ia atuar “e meio que me testarem”. E daí no dia seguinte que eu achei, que tipo eles me chamaram no dia seguinte, provavelmente já vou ir para assinar o contrato. E daí foi a diretora, falando, a gente gostou de você, pelo seu currículo e tudo mais a gente imagina que a equipe vai ganhar muito com você, porém não podemos te contratar porque a vaga é preferencialmente feminina e daí a gente já tem pretensões [...]” (NARCISO)

Reforçando com isso a hipótese de profissões como a de Pedagogia, onde a ocupação e prevalência são femininas, dificultam a atuação de homens como professores na Educação Infantil. Mesmo que desejem há uma “rejeição de mercado” que marca essa ocupação de forma muito “monocromática”.

Ventilamos também, através das análises de dados, que também são “monocromáticas” as graduações em Engenharia, com destaque para Engenharia Mecânica, onde o gênero feminino encontra dificuldades de atuação, seja na graduação ou mesmo no mercado de trabalho, por conta dessas polarizações, desses mecanismos que em diversos momentos são subentendidos nas relações do corpo (biológico), para o perfil deste profissional, que verticalizam e dificultam acessos de inserção social/profissional. Tal realidade se impõe como um impedimento durante e depois da graduação, já que a universidade e a sociedade industrial capitalista relacionam-se nesse binário reprodutor estéril. Isso tolhe de antemão, e dicotomiza, as esferas profissionais que cada gênero ocupa, organiza a forma como nos comportamos dentro e fora dos espaços profissionais.

Refletindo assim sobre cursos que embora não tenham “gênero ou sexualidade” como requisito de ingresso, se caracterizam como locais onde homens e mulheres deveriam atuar, naturalizando essas ocupações por conta das dinâmicas sociais. Com isso temos que:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-se em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas forças que policiam a aparência social do gênero. (BUTLER, 2015, p.59)

O “Totem das Profissões do Gênero” constitui essa verticalização rígida, e parece ser passivamente tomado como algo que não pertence a nenhuma instituição específica: nem universidade nem mercado de trabalho podem ser totalmente responsabilizados pela exclusão de gênero. O discurso está posto, enraizado e constituído de todos os elementos que formam e deformam a dinâmica das profissões na sociedade. Discurso esse que vem sendo constituído pelos elementos estereotipados que permeiam as discussões acerca das atribuições de gênero, reforçando as dicotomias entre as esferas sociais da vida em que transitam homens e mulheres. Eles têm reflexos biológicos, dirigindo-se aos corpos, vistos estes como mecanismos de distinção entre os gêneros.

7 MASCULINO OU FEMININO? COMO OS CURSOS SE DISTRIBUEM

Apresentaremos a seguir o levantamento de dados realizado com base nas listagens de aprovados nos cursos da Universidade Federal do Paraná durante uma década, de 2008 até o último vestibular em 2017. Esse levantamento foi realizado a partir da contagem de aprovações de cada curso analisando a presença de homens e mulheres, no intuito de compreender como se formam as dinâmicas de gênero nas escolhas profissionais. E com isso poder buscar compreender como essas escolhas refletem estereótipos sociais, como alimentam os discursos de marcação de gênero. As informações que compõe esses gráficos são de autoria própria, com base nos levantamentos apontados acima².

Esses dados foram tomados com bases nas listagens de aprovados nos vestibulares, ou seja, as listas divulgadas como oficiais e colhidas no site da instituição, no referido endereço eletrônico: www.nc.ufpr.br, onde se encontram todas as informações sobre os vestibulares realizados pela Universidade Federal do Paraná desde 2003. Apresentamos abaixo, os gráficos dos cursos analisados, nas áreas: Tecnológica, Biológicas, Exatas, Ciências da Terra e Humanas, que se divide em duas modalidades: Bacharelado e Licenciaturas.

Como já apontamos em diferentes momentos desse trabalho as discussões acerca de como os gêneros se apresentam, adentramos agora em dados concretos que passam a demonstrar como a sociedade acadêmica relaciona-se como um organismo coerente. Pois ao congregar tantas subjetividades diferentes, colocar em relação subjetividades tão distintas, quase como uma única unidade formativa, mesmo que não diretamente implicitamente nas “entrelinhas” (embora possamos ler), não se atreve a romper com essas subjetivações, ou demonstrar que as mesmas são preconizadoras do que está dentro e fora dos espaços universitários.

Ao longo das observações postas nesse espaço, iremos apresentar polarizações que são tão marcadoras de espaço que se assemelham a verdadeiros “clãs”, “como ordas”, verdadeiros “Clubes de Homens” ou “Clubes de

² Esclarecendo ainda, que não observamos como ocorrem as dinâmicas internas desses cursos, como: trancamento, desistências, mudanças internas de trocas de cursos, pois são possibilidades oferecidas pela universidade.

Mulheres”, que se constituem dentro dessas realidades, tão neutralizantes, que compreende-se, em suas justificativas, que:

A realidade construída acerca do papel feminino na sociedade permeia o âmbito doméstico, estando fortemente associada à maternidade e ao casamento. Desde pequena a mulher era criada para se casar e ter filhos, sendo o casamento e a maternidade as únicas formas possíveis de realização feminina e, caminhando na mesma linha de pensamento apresentava-se a capacidade de ensinar. (ARAGÃO; KREUTZ, 2012, p.64)

Se olharmos a sociedade universitária, baseando-nos na universalização da mulher como “fragilismos”, precisamos ainda destacar que seu “lugar nos estudos” foi tardiamente assegurado à custa de lutas sociais, decorrentes das diferentes frentes de batalhas e conquistas.

Quando se pretende referir ao feminismo como um movimento social organizado, esse é usualmente remetido, no Ocidente, ao século XIX [...] ao ‘sufragismo’, ou seja, movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres [...] sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a ‘primeira onda’ do feminismo [...] ‘segunda onda’ [é] aquela que se inicia no final da década de 1960 em que o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas [...] deve ser compreendido, no entanto, como uma referência a um processo maior, que vinha se constituindo e que continuaria se desdobrando em movimentos específicos e em eventuais solidariedades. (LOURO, 1997, p.15)

Estaremos só reforçando com isso que os “estereótipos de feminilidade”, são os mais assertivos e as profissões femininas tem sido contestada por movimentos sociais nessa dinâmica de escolhas profissionais. Nesse contexto elencamos os relatos feitos por acadêmicos do sexo masculino no Curso de Pedagogia na UFPR. A proposta fundamental foi coletar informações sob o que os entrevistados entendem sobre as relações entre docência e feminilidade. Quando perguntado: “Você sendo um homem no curso de Pedagogia, que é constituído com prevalência de mulheres, qual é sua opinião sobre a relação entre a docência e a feminilidade? ”

“Apesar de que se eu não tiver muito louco lá na sua origem ela é muito masculina em algum momento da história provavelmente, não! No momento em que a mulher entra no mercado de trabalho é a brecha que ela consegue, por isso se torna tão feminino, então eu acho que não é assim um traço, o educador deve ser, ou precisa ser, não! eu acho que só é uma questão dos homens de hoje também precisam se adaptar a esse universo, eles não podem chegar lá achando que já sabe tudo o que tão pronto, assim como eu chego numa empresa não é? mesma coisa, então eu acho que é uma relação muito forte, mas não

exatamente que as mulheres sejam melhores do que os homens em minha opinião”. (ET)

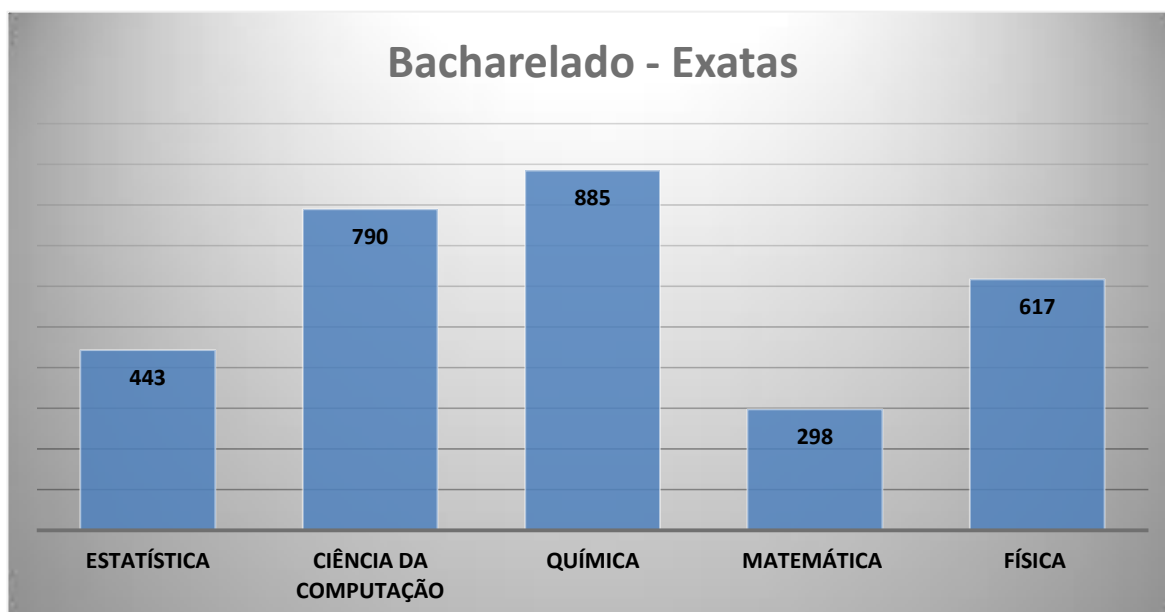
“O curso de pedagogia em si é mais voltado para os anos iniciais fundamental; né! A questão da gestão mais tarde; as licenciaturas, por outro lado, de outras áreas do conhecimento, já têm um maior equilíbrio entre esses dados, entre homens e mulheres, necessariamente eu acredito que a própria questão biológica seja um fator que influencia a escolha do curso; sabe! porque o interesse das mulheres em cuidar de criança e tudo mais, etc; que já existe esse estereótipo do curso, ele é um fator que simplesmente pode ser tanto biológico como social, a pessoa foi influenciada por alguém, tem alguém da família que trabalha com isso, enfim, são diversos motivos que podem ter levado, ela escolheu isso, só que eu acredito que tenha esse lado mais materno mesmo e se você for perguntar para a maioria das pessoas elas vão realmente responder aquilo que tá esperando, que ela tá fazendo o curso porque gosta de criança” (OSVALDO)

[...] nunca tinha pensado nisso assim, mas sei lá, eu acho que aquela coisa, assim, de pensar mais que a mulher tem mais facilidade, e por causa do instinto maternal, que eu acho que é algo muito mais cultural, assim mesmo, no mesmo, do que não vou dizer verdadeiro, mas eu acho que algo muito mais da cultura de achar isso, acho que, sei lá, todo mundo tem capacidade de estudar, eu nunca, confesso, que eu nunca tinha pensado sobre isso, não tem uma opinião assim que eu possa de fato responder com objetividade” (ALEXANDRE)

“eu acho o seguinte, que eu com quarenta e três anos recebi uma educação aonde eu estou tento que, agora, aprender pelos livros a enxergar muitas mulheres pela sua condição de educação feminina [...] tem umas coisas que eu tenho que construir em mim por meio da faculdade, mas que algumas mulheres já tiveram isso na educação cuidando do irmão, filho [...] então às vezes eu olho e vejo, cara, eu vou ter que ralar pra chegar ali, mas hoje eu vejo que não é porque ela é mulher ou porque eu sou homem, é porque ela foi educada de uma maneira ou de outra e eu vou ter que aprender coisas que ela já aprendeu, e ela vai ter que reaprender coisas, aí pode ser que seja mais difícil para a mulher que vai ter [que] passar de um estado de atos naturalizados [...] as crianças como serzinho que tem que ser cuidado por uma mãe, a escola com a visão de que lugar de serviço de cuidar [...] (JOÃO)

“eu acho que a gente já começa até pela estrutura da palavra docência né! Não sei, se eu, você imagina que docência venha de dócil, de você docilizar, eu acho que [é] até atribuído, uma coisa que é destinado para que a mulher esteja na docência, frente ao corpo que já é socialmente visto para ser docilizado, ela possa né! fazer a mesma coisa com as pessoas, eu acho que a docência acaba assim do tipo uma coisa que é tão muito além de ser feminino [...]” (NARCISO)

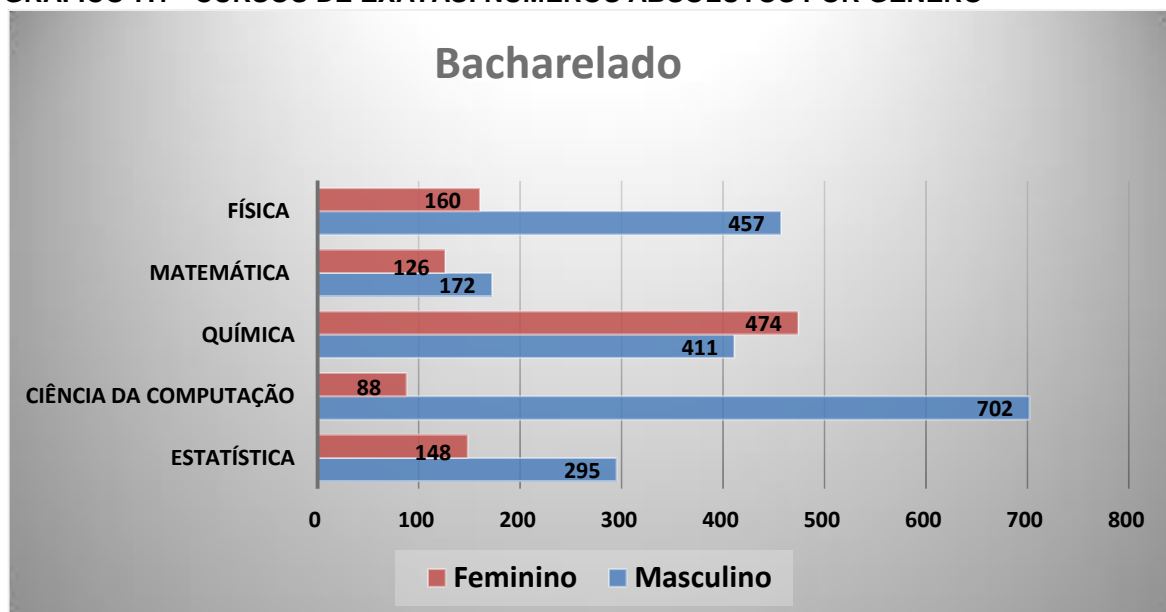
As diferentes falas, dos entrevistados dão suporte e sustentação para as hipóteses, especificamente sobre as “suspeitas” que se observam no mercado de trabalho, nas ocupações de carreira e nos gráficos que passaremos a analisar abaixo, onde poderemos observar como distribuem-se distintamente os gêneros e os cursos que elencamos na nossa pesquisa.

GRÁFICO 7 - TOTAL DE APROVADOS EM 10 ANOS³

FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

No Gráfico 7 apresentamos o total de aprovados em dez anos nos cursos de bacharelado em Exatas. Permitindo com isso melhor observar os gráficos seguintes, nos quais poderemos desenvolver a análise sobre a composição de gêneros dos estudantes nos diferentes cursos abordados nessa área.

GRÁFICO 7.1 - CURSOS DE EXATAS: NÚMEROS ABSOLUTOS POR GÊNERO



FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

³ "Total de aprovados em 10 anos" -Soma de masculino e feminino de cada curso.

Esse recorte demonstra que existe uma prevalência que conduz à verticalização dos aprovados por gênero⁴. Enquanto o Bacharelado em Ciências da Computação encontra-se com maior ocupação do gênero masculino, Química e Matemática apresentam-se como muito mais igualitários em suas constituições. Sendo esse último curso, tomado das listas de aprovados na modalidade de Vestibular Estendido (PSE)⁵, inserido na universidade cinco anos antes da data de recorte, ou seja, em 2003, que elencamos como base desse levantamento de dados, ou seja, a lista final dos aprovados nos cursos do PSE⁶.

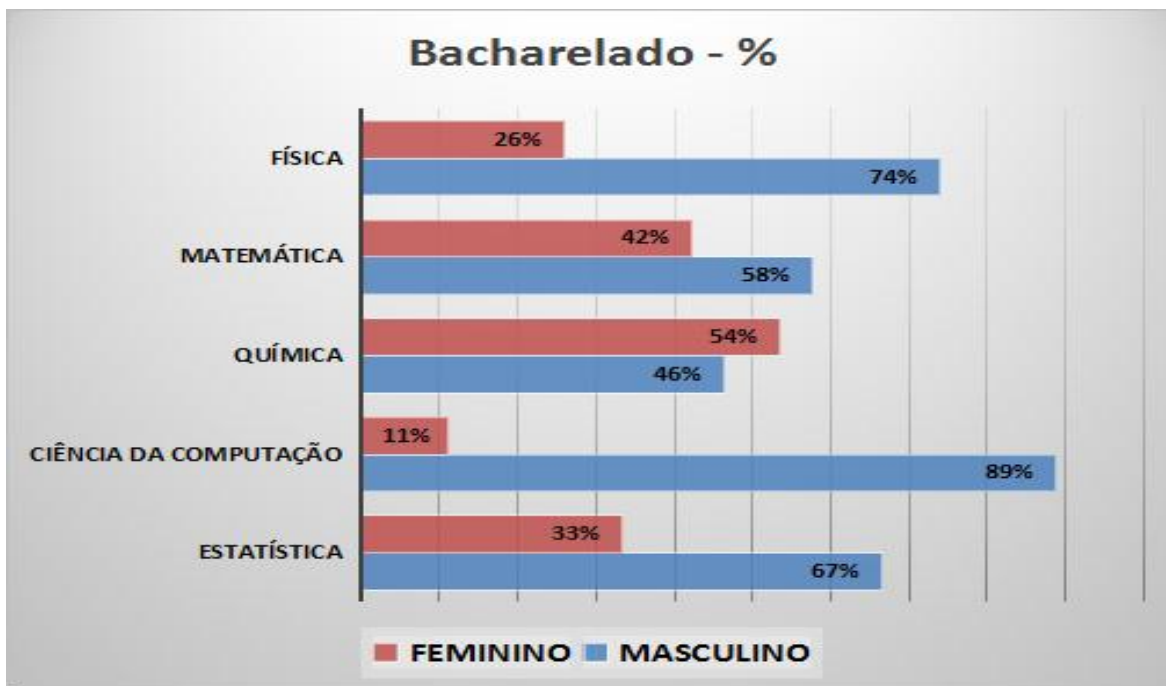
No gráfico 7.2, onde analisamos os percentuais, os dados de gênero aparecem com muito mais clareza, e podemos observar a composição que gera uma “disparidade”, com Física apresentando em dez anos 74% de homens e 26% de mulheres, ou seja, a presença do gênero masculino no curso ultrapassa o dobro da média de mulheres no mesmo período. Destacamos nesse comentário também o curso de Estatística, com 33% do gênero feminino em dez anos, e na contrapartida o gênero masculino, apresenta-se na média com uma participação maior que 50%, do gênero feminino.

⁴ Caberia um estudo a parte só para dinamizar como um único curso em sua historicidade e relacionamentos entre mundo acadêmico/mercado de trabalho para que pudéssemos elencar elementos de maior clareza.

⁵ O Vestibular Estendido compreende no cumprimento de uma terceira fase, com duração de seis meses: incluindo os candidatos aprovados na segunda fase do vestibular, em números que correspondem a um percentual muito maior que a quantidade de vagas. Esse grupo de estudantes deve cursar duas matérias específicas do curso e após a realização de quatro avaliações, obter nota final igual ou maior que 50 pontos. Após isso, ocorre o registro definitivo do acadêmico.

⁶ Foi usada no levantamento de dados as listas finais de aprovados nos cursos, que seguem as regras do PSE - Processo Seletivo Estendido. Sendo os cursos de: Estatística, Matemática e Matemática Industrial.

GRÁFICO 7.2 - CURSOS DE EXATAS: PERCENTUAL POR GÊNERO



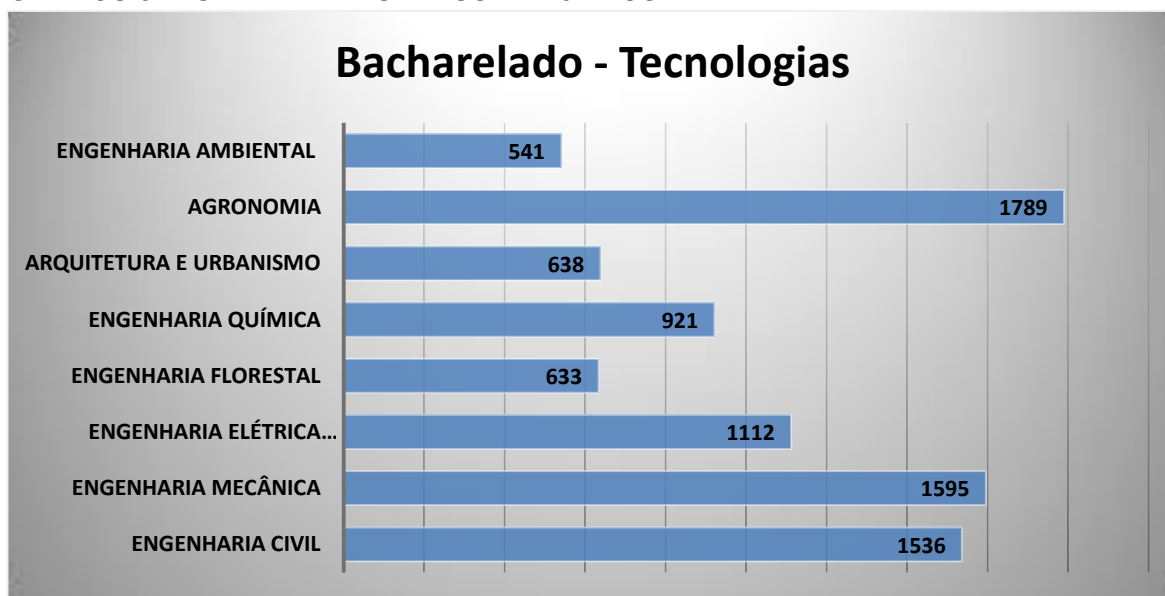
FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

Não podemos deixar de problematizar o curso com maior distorção de participação de gêneros: Ciências da Computação, com 89% de presença do gênero masculino, conduz a pensarmos nas diversas dinâmicas de relacionamento interno e externo à realidade da universidade.

No destaque das observações que podemos extrair do gráfico acima, temos que, de acordo com Cruz & Aguiar (2001, p.13), “A profissão significa, além do pragmatismo, a divulgação de possibilidades morais, certas unidades sociais e a ocupação de funções integradoras”. Contemplando, assim, ideias que vínhamos elaborando ao longo desse trabalho de pesquisa. Nessa constituição de um curso que congrega em si forte disparidade de gênero, tornando essa composição em alguns momentos mais heterogênea. Pois não pode assumir como normal as prerrogativas dessa exclusividade. Deve ser observado que não podemos “antropomorfizar” os cursos ou disciplinas dando-lhes “personalidades estratificadas”, como um organismo vivo e autônomo.

No Gráfico 8, temos a distribuição de aprovados na área de Tecnologias⁷, onde o número de aprovados é maior que no gráfico anterior. Com isso, tentar perceber como se organizam essas diferentes áreas, onde os diferentes cursos repousam suas atividades de formação.

GRÁFICO 8 - TOTAL DE APROVADOS EM 10 ANOS

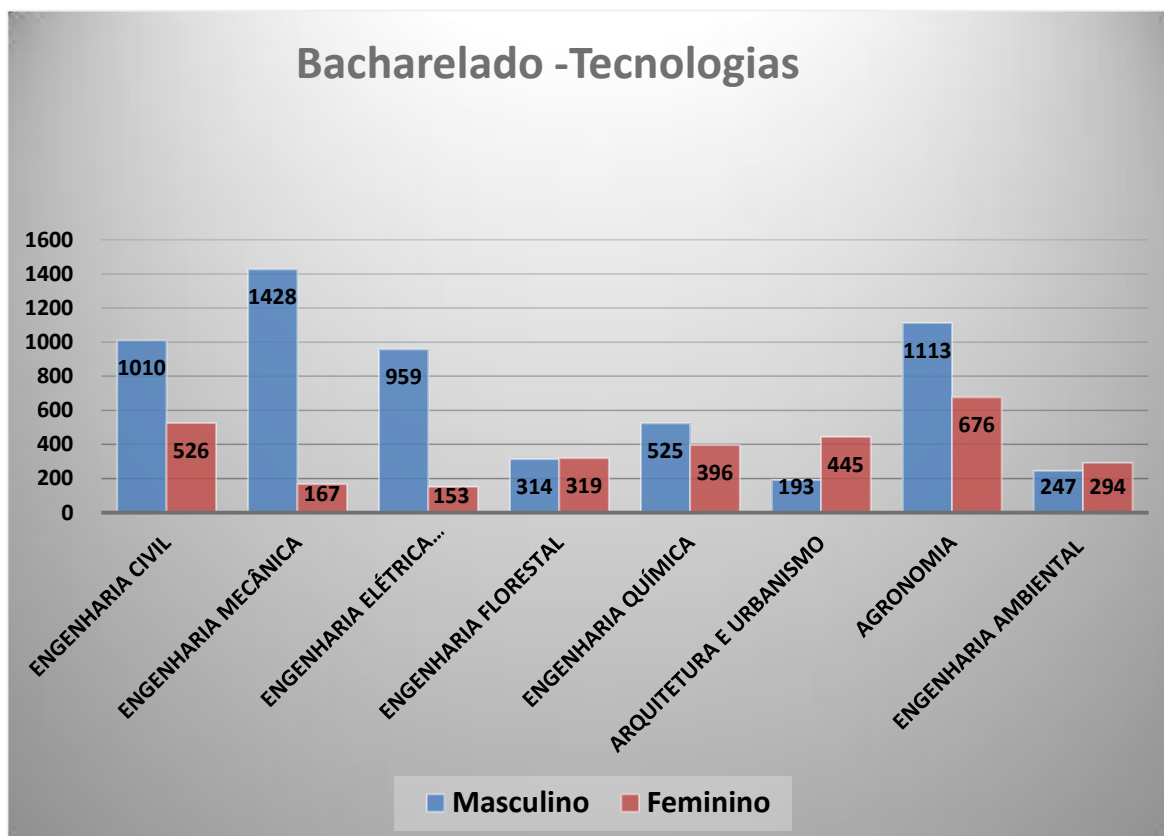


FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

O que se observa muito claramente no Gráfico 8.1, é que os distanciamentos entre os cursos são muito mais marcados. Podemos apoiar-nos em algumas hipóteses, embora não seja possível, toma-las como única vertente ou ponto de análise para seu entendimento.

⁷ Ainda dentro dos cursos de bacharelado, com vertente na área Tecnológica, não confundindo-se com os cursos Tecnólogos, oferecidos pela universidade e que não compõe o escopo dessa pesquisa

GRÁFICO 8.1 - TOTAL POR GÊNERO

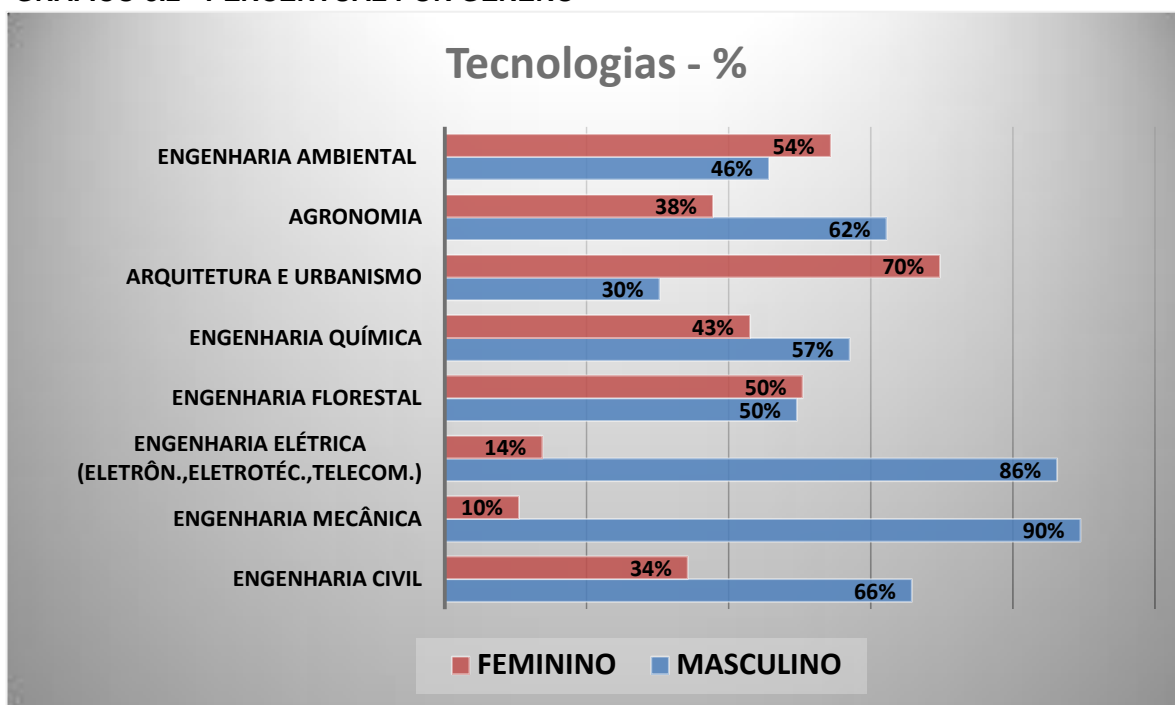


FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

Cursos como Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica e Agronomia, contemplados majoritariamente pelo gênero masculino como uma escolha que constrói “na história dos cursos” citados a “naturalidade dos discursos de reprodução”, de que determinadas graduações são ocupados mais por um gênero que por outro.

Não negamos de forma alguma a presença feminina, em suas fileiras de acadêmicos e profissionais, egressos depois de formados com atuação dentro da vida profissional. Contudo observando os dados apresentados, cabem comentários de destaque à Engenharia Ambiental, (gráfico 8.2) que entre as “Engenharias”, aparece como um espaço de formação muito mais equitativo, apresentando um percentual levemente feminino, numa igualdade participativa que abre caminhos muito mais “iguais” no mercado de trabalho.

GRÁFICO 8.2 - PERCENTUAL POR GÊNERO



FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

Dentro dessa participação mais equitativa, temos Engenharia Florestal, com “perfeitos” 50% de distribuição de gênero. Criando nos cursos de Engenharia, um novo capítulo no que tange à percepção e atuação dos gêneros masculino e feminino.

Em uma paráfrase de um filme famoso, o Gráfico 8.2, apresenta também o “Lado Negro das Engenharias”, com a presença de apenas 34% do gênero feminino, presente em Engenharia Civil, em dez anos de levantamento de dados, que no gênero oposto, um número de participação é maior que 50%.

Porém esses levantamentos de observações colocam mais profundamente o “dedo na ferida”, com a percepção de que o gênero feminino em uma década de vestibulares para Engenharia Elétrica representa apenas 14% do número total de aprovados no curso.

E esse mesmo gênero participou em Engenharia Mecânica, com a décima parte de todos os aprovados nos dez anos dessa análise, ou seja, representam 10% de todos os acadêmicos do curso. O gênero masculino foi responsável, pela ocupação de 90% das vagas dessa graduação e 86% no curso de Engenharia Elétrica.

Essas marcações tão distintas se fazem talvez, embora outra vez só possamos ventilar essas possibilidades, com base nos tradicionalismos de que falamos no primeiro capítulo desse trabalho, em que a família dispõe desses direcionamentos. Isso talvez explicasse em partes, motivações para Engenharia Mecânica ser tão fortemente masculino, pois se apresenta com maiores índices de prevalência de um gênero em detrimento do outro. Acompanhado, como mencionamos acima, das demais engenharias e Agronomia.

Contudo, o mais “feminino” desses cursos é Arquitetura e Urbanismo, com o prevailecimento do gênero feminino em destaque. Será então a família esse elemento que, apontando as direções por indução direta ou indireta, possa constituir que:

Seguir a carreira de outros membros da família pode ser também uma via de sucesso facilitada pelo que o grupo familiar já construiu e até mesmo pelo significado do simbólico do sobrenome da família em determinada área profissional. O nome da família é considerado um capital social [...] à medida que funciona como um recurso de vinculação ao grupo e relaciona-se ao conhecimento e ao estabelecimento de contato. Dessa forma, os “detentores de um capital social herdado, simbolizado por um sobrenome importante, que não tem que relacionar-se com todos seus conhecidos, que são conhecidos por mais pessoas do que as que conhecem” [...] acabam sendo valorizadas pelo seu capital social e contando com um caminho facilitado em direção ao prestígio social. (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p.211)

Ou ainda na forma como:

[...] à identidade profissional, a conceituação híbrida e em interface de várias áreas do conhecimento, apresentando diferentes enfoques e enredos, embora ainda não decisivos, na medida em que permanece o desafio para elucidar, de maneira mais objetiva, a dicotomia entre *quem o sujeito é e quem é o profissional*. (CRUZ; AGUIAR. 2001, p.8)

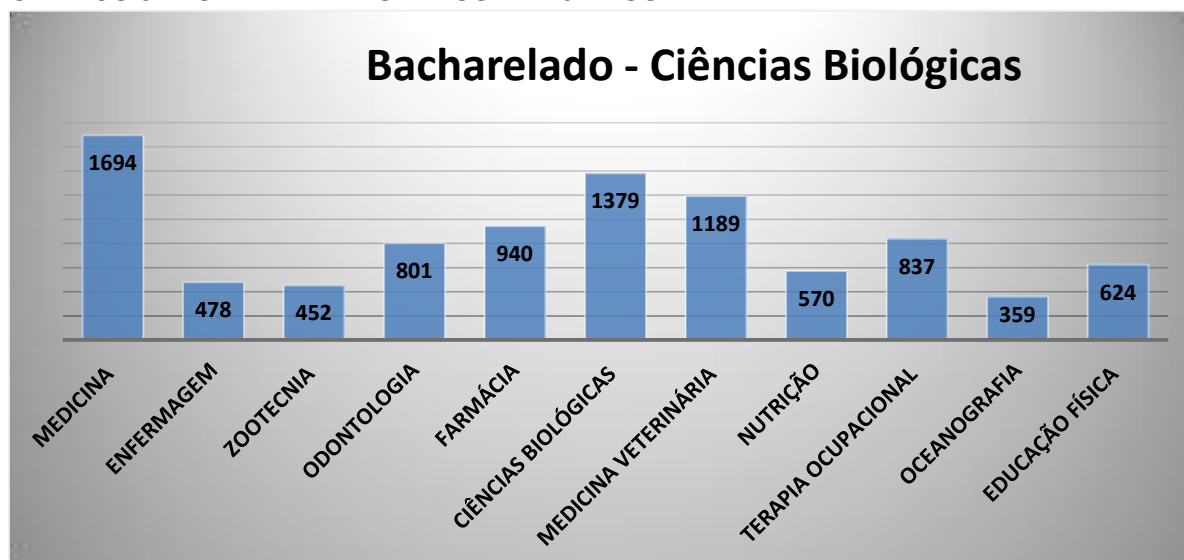
A busca por compreender, todas essas formulações e relacionamentos transformam e conformam-se na identidade dos relacionamentos profissionais, no entendimento de quem é quem nesse processo. Na hipótese dessas possibilidades serem aceitas e separarmos o sujeito pessoal do sujeito profissional, implicaria entender que nos transvestimos da profissão no intuito de adentrar esses espaços com tantas formas, cores, regras e “performances de viver e comportar-se”, e acima de tudo, manter a identidade própria, na formação de seu “eu”, evitando ter sua subjetividade ser confundida com outra possibilidade

identitária, por ser um homem em um curso de prevalência feminina ou uma mulher em um curso majoritariamente masculino.

Contudo, não podemos controlar as múltiplas interpretações sociais, que possam derivar desses pertencimentos e sermos “confundidos”, ou mesmo motivos de questionamentos quanto a nossa identidade de gênero ou orientação sexual. Uma vez que levantamos a hipótese, fazendo relações com estas escolhas e a orientação sexual como elementos constituintes da nossa construção de identidade, apresentamos trecho da entrevista, realizada com um dos acadêmicos de Pedagogia. Quando perguntado “sobre a presença majoritariamente feminina no curso de pedagogia qual é a sua opinião?”, este respondeu:

“Dentro do curso de pedagogia existem poucos homens, mas menos do que se pensa e vê. Exemplo: no tempo que estou na UFPR, se em uma sala do curso existem quatro "homens"... dois ou três são homossexuais. Isso diminui a participação e influência masculina no curso, na participação em aula, e posteriormente na prática profissional. Uma perspectiva masculina sobre educação infantil simplesmente não existe e além disso tem aquele problema que este homem só poderá discutir consigo mesmo sobre os temas mais sensíveis do curso [...]” (ET)

GRÁFICO 9 - TOTAL DE APROVADOS EM 10 ANOS

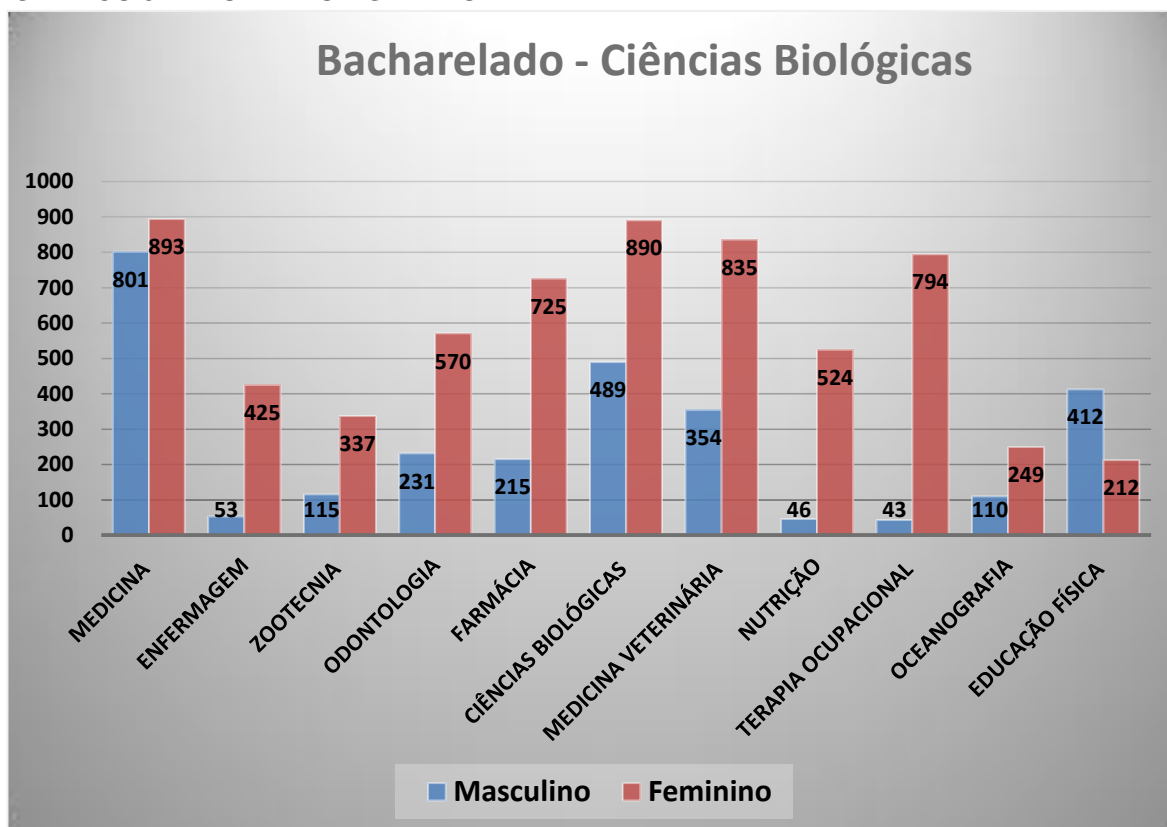


FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

No Gráfico 9, os cursos com maior número de vagas são Medicina, com 1964 integrantes, Ciências Biológicas com 1379 e Medicina Veterinária com 1189.

Demonstrando o quanto são áreas de grande interesse do público, ou ainda profissões que congregam grande valorização e prestígio profissional.

GRÁFICO 9.1 - TOTAL POR GÊNERO



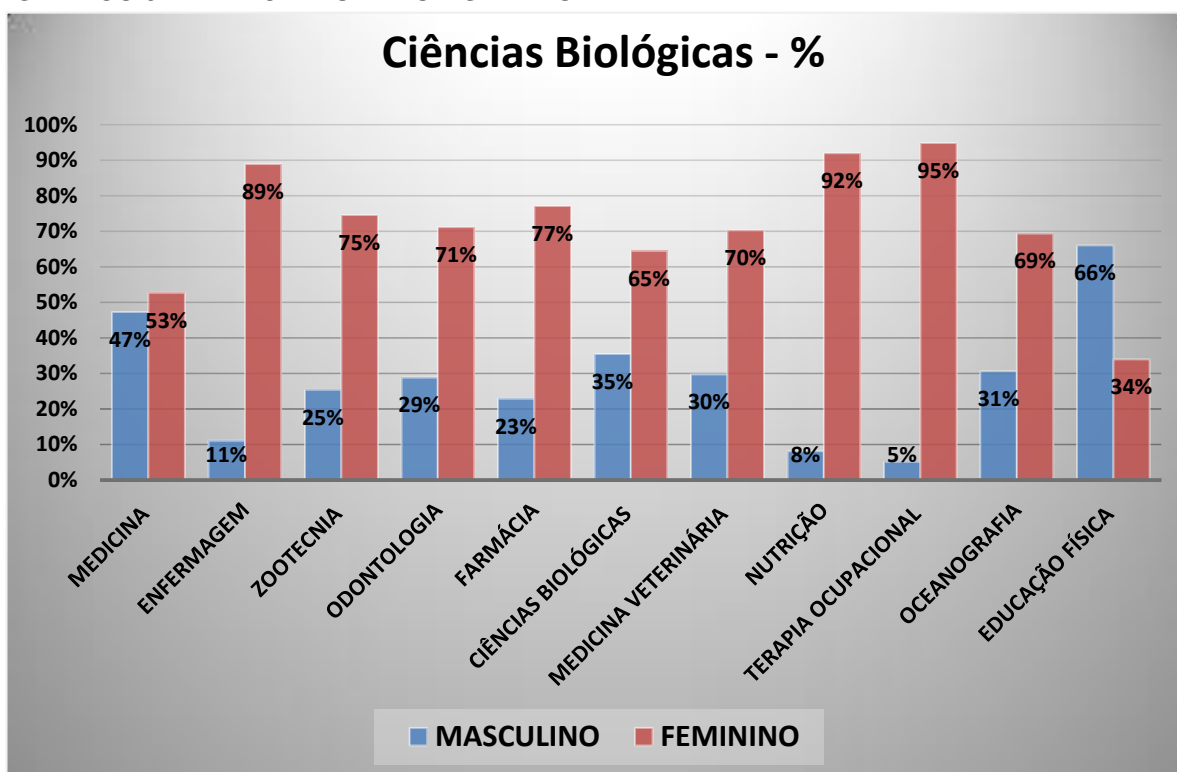
FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

Do comentário do gráfico anterior, sobre os cursos com maior número de integrantes, descortina-se, no Gráfico 9.1, uma realidade interessante de ser analisada, onde a presença do gênero masculino apresenta-se como o “Reflexo Inverso” do gráfico 8.1, quando falávamos dos cursos relacionados à área de Tecnológicas. Se até então observamos cursos onde as marcações são muito distintas em suas relações de gênero, com prevalência maior do gênero masculino em relação ao feminino, ainda assim a disparidade não se apresenta com tanta ênfase como no Gráfico 9.1, onde podemos observar o que poderíamos chamar de “Inversão de Valores”, contudo, levanta questionamentos que possam a vir reforçar uma estereotipagem, de como o gênero feminino, passa ser “socializado” dentro desses espaços profissionais.

O que aponta o Gráfico 9.1, que embora existam a presença do gênero masculino como em todos demais cursos analisados até o presente momento, dá-se aqui a percepção de que a maioria desses cursos é socialmente “percebida como femininos”.

Se olharmos às luzes de uma ótica mais cuidadosa, com exceção de Educação Física, que se destaca como de dominância masculina, todos os outros se representam como um Arquétipo da Mãe Cuidadora. Não podemos afirmar que seja esse o único ponto a ser levado em consideração, porém é um deslumbre buscar entender como essas caracterizações naturalizam-se de forma tão marcada.

GRÁFICO 9.2 - PERCENTUAL POR GÊNERO



FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

Das formações e organizações, de como os percentuais distribuem-se no Gráfico 9.2, cabe um olhar com muito mais atenção a três deles. Enquanto Medicina demonstra um percentual mais equitativo, Terapia Ocupacional coloca-se como uma ocupação quase em sua totalidade do gênero feminino, quase “apagando a percepção” dos 5% do gênero masculino. Outro curso que

merece atenção, ao olhar as diferentes distribuições entre os gêneros, é a graduação em Nutrição, com 8% de representatividade do gênero masculino e outro destaque a ser pontuado, como pertinente de observarmos, é Enfermagem, onde do total de 478, integrantes da graduação, somente 11% são do gênero masculino.

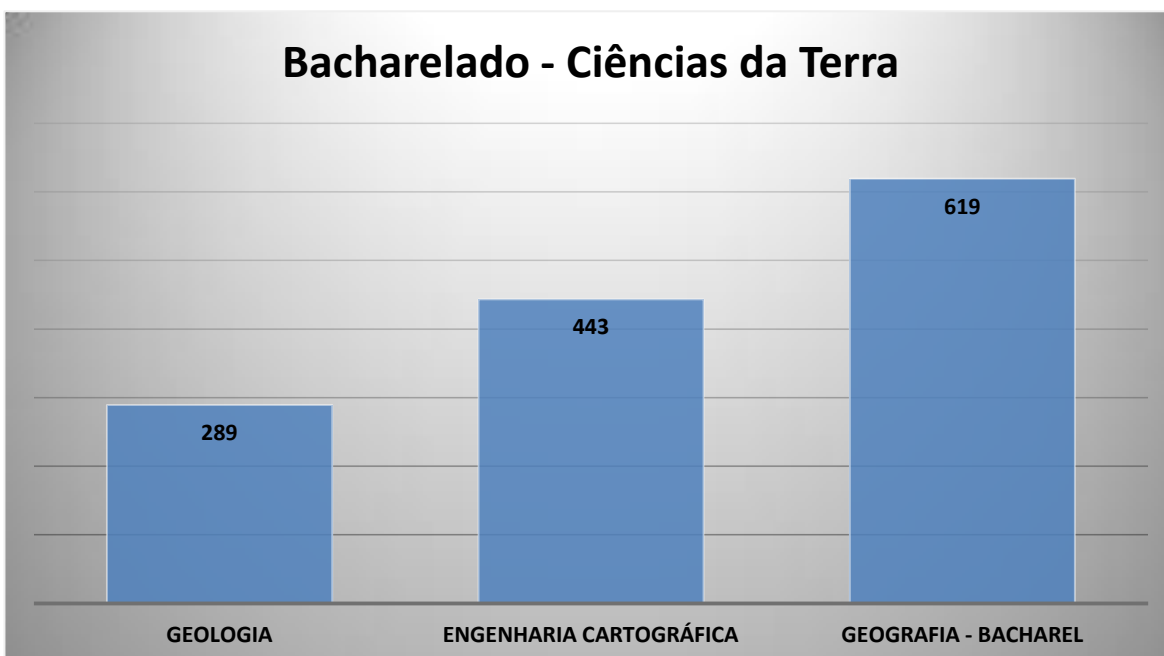
Pensávamos anteriormente como as relações binárias da universidade sofrem influência da sociedade na forma como organiza sua oferta de cursos, embora a instituição não estabeleça regras de preferência de gênero na ocupação das vagas, sendo a inscrição no vestibular um elemento que a mesma não controla, é a sociedade que reproduz essa dinâmica em suas relações de mercado de trabalho. E nesse vice e versa ambos os lados acabam por reforçar as possibilidades para que essa ambivalência se perpetue como um processo contínuo.

Se olharmos por esse prisma, que reflete nas multicores de suas possibilidades de reflexo dessas análises, vemos imagens diretas e reais de como se dá esse comportamento entre os gêneros. Ao construirmos a ideia que “idealizou-se” um modelo estático e padronizado da mulher, simplificamos seu papel e atuação dentro de amplos espaços de ocupação social e profissional. Criando assim, gargalos quase que intransponíveis também ao gênero masculino, ao desejar adentrar-se nesses espaços formativos ou de atuação como profissional, por conta de criar essa ideia no imaginário social que tangencia contra o “corpo e seu gênero”. Segundo Rodrigues (1975, p.9): “[...] existe acentuada tendência a se encarar a vida social como um sistema no qual a razão de ser dos elementos que constituem é significar; da mesma forma, considera-se que as relações entre esses elementos significantes são sempre produtoras de significação”. Elaborando assim tamanha problemática em relação às possibilidades dessa polarização dos espaços.

Essas construções sociais são ensinadas, aprendidas e reproduzidas ao longo de relacionamentos sociais, de interação de mercado ou mesmo de aceite, por naturalização das impossibilidades de rompimento com essas situações. Porém, como já pontuamos, não se pode afirmar, com base nesse estudo somente, que as prerrogativas dos acontecimentos se tangenciam dessa forma, ou que só possam ocorrer por esses meandros. Apresentamos uma problemática que exige

entender como funciona sua dinâmica tão elaborada de auto-gerenciamento das forças que a mantém em funcionamento.

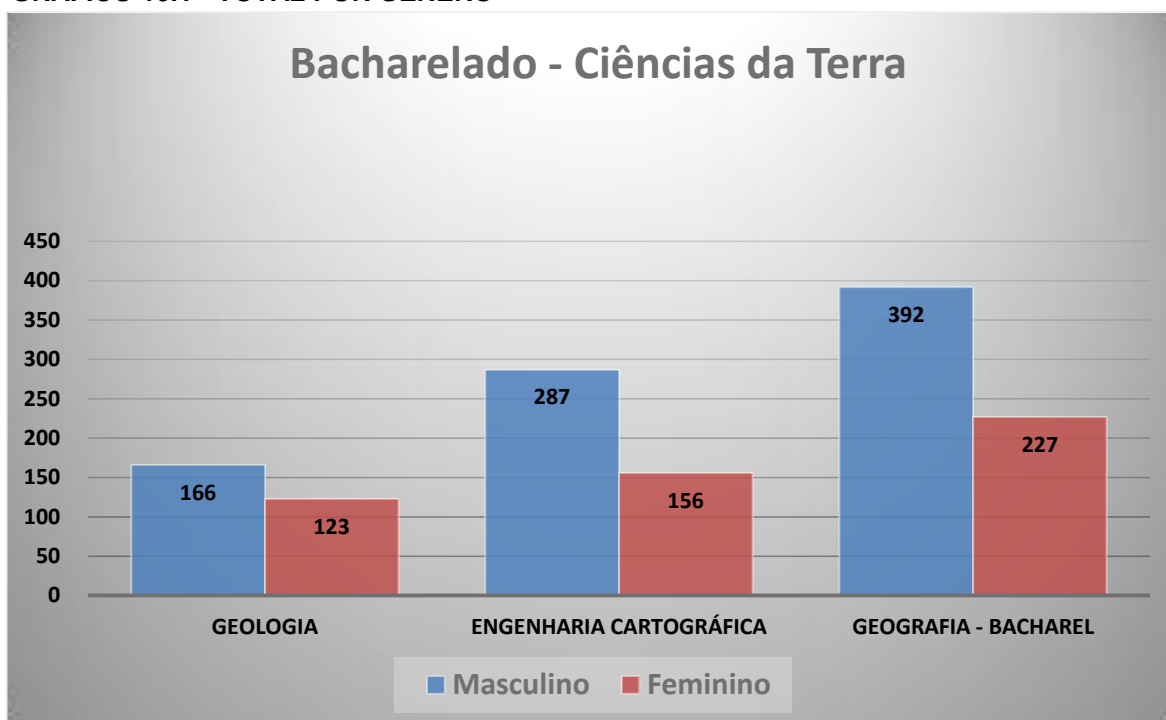
GRÁFICO 10 - TOTAL DE APROVADOS EM 10 ANOS



FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

Na apresentação dos dados sobre os cursos de Ciências da Terra, temos as graduações em Geologia, Engenharia Cartográfica e Geografia (Bacharelado), sendo este o curso com maior número de integrantes, em relação aos apresentados no Gráfico 10. Ao longo dessa apresentação dos dados levantados, observamos distribuições muito distintas, entre as configurações de ocupação de gênero, tanto masculino como feminino, e a maneira como essas distinções podem vir a influenciar na forma como esses profissionais são alocados na vida profissional posteriormente.

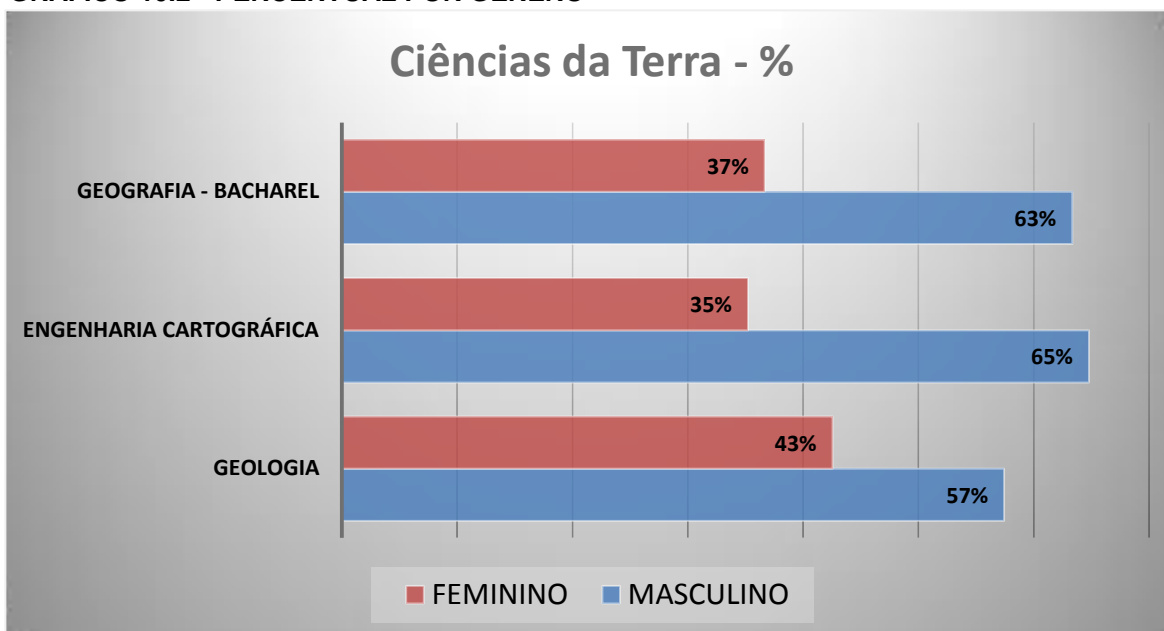
GRÁFICO 10.1 - TOTAL POR GÊNERO



FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

No tocante aos comentários que fizemos ao analisar a relação de gênero nas “Engenharias”, percebe-se no Gráfico 10.1 uma maior “proximidade”, quase uma linearização entre o gênero masculino e o gênero feminino nos cursos. Na comparação entre homens e mulheres em Geologia, poderíamos dizer que sua “disparidade”, não é tão acentuada como pode parecer. O mesmo podemos observar ao olhar os números de Engenharia Cartográfica e Geografia (Bacharelado), onde o número de aprovados homens não corresponde ao “dobro de mulheres”, como em cursos anteriormente apresentados.

GRÁFICO 10.2 - PERCENTUAL POR GÊNERO

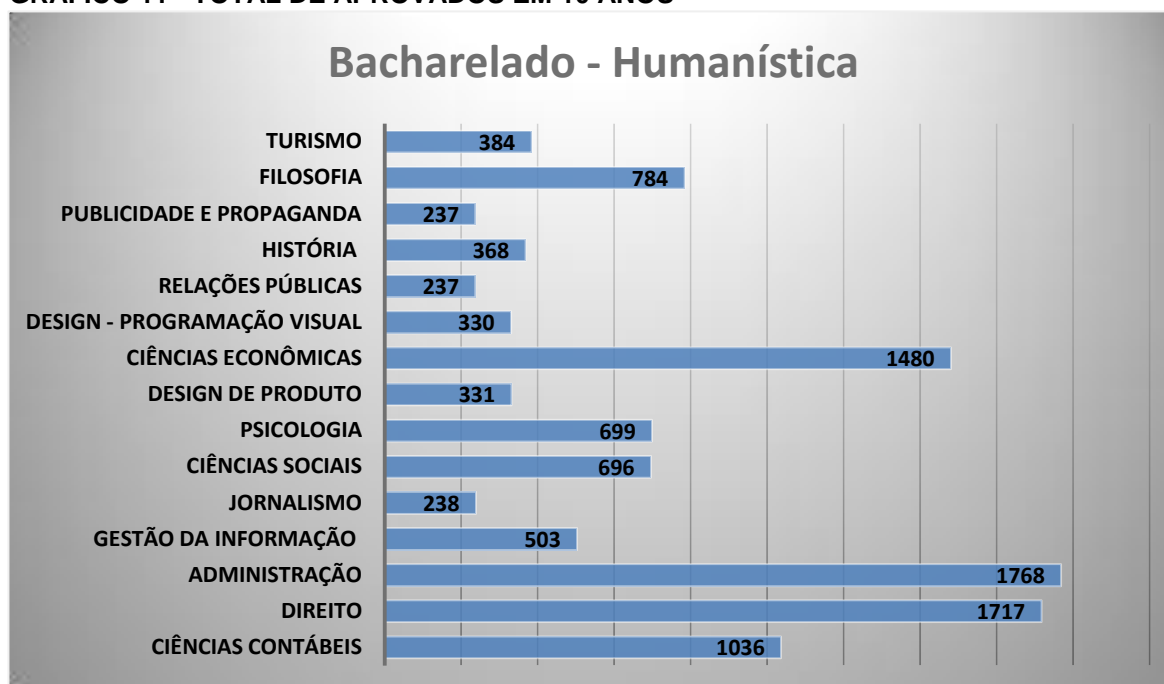


FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

No gráfico 10.2 vemos que os totais que anteriormente não apareciam como o “dobro” em relação ao gênero de menor número, revela-se na realidade como os representantes de um índice maior de 50% nos três cursos. Com grande destaque para Geografia (Bacharelado) e Engenharia Cartográfica, aonde os índices de masculino e feminino, chegam a 50% de disparidade de ingresso, onde o gênero feminino tem presença de 35% em Engenharia Cartográfica e 37% em Geografia.

Tal análise implica olhar com atenção a forma como as dinâmicas sociais agem na suavização dessas percepções ao olharmos para uma totalidade, sem darmos conta das nossas participações diretas ou indiretas nessas composições profissionais/ sociais. Contudo, como já mencionado, seria necessário um estudo mais diretivo em cada uma das áreas de formação onde os cursos são distribuídos dentro da universidade no intuito de compreender como se formam essas dinâmicas.

GRÁFICO 11 - TOTAL DE APROVADOS EM 10 ANOS

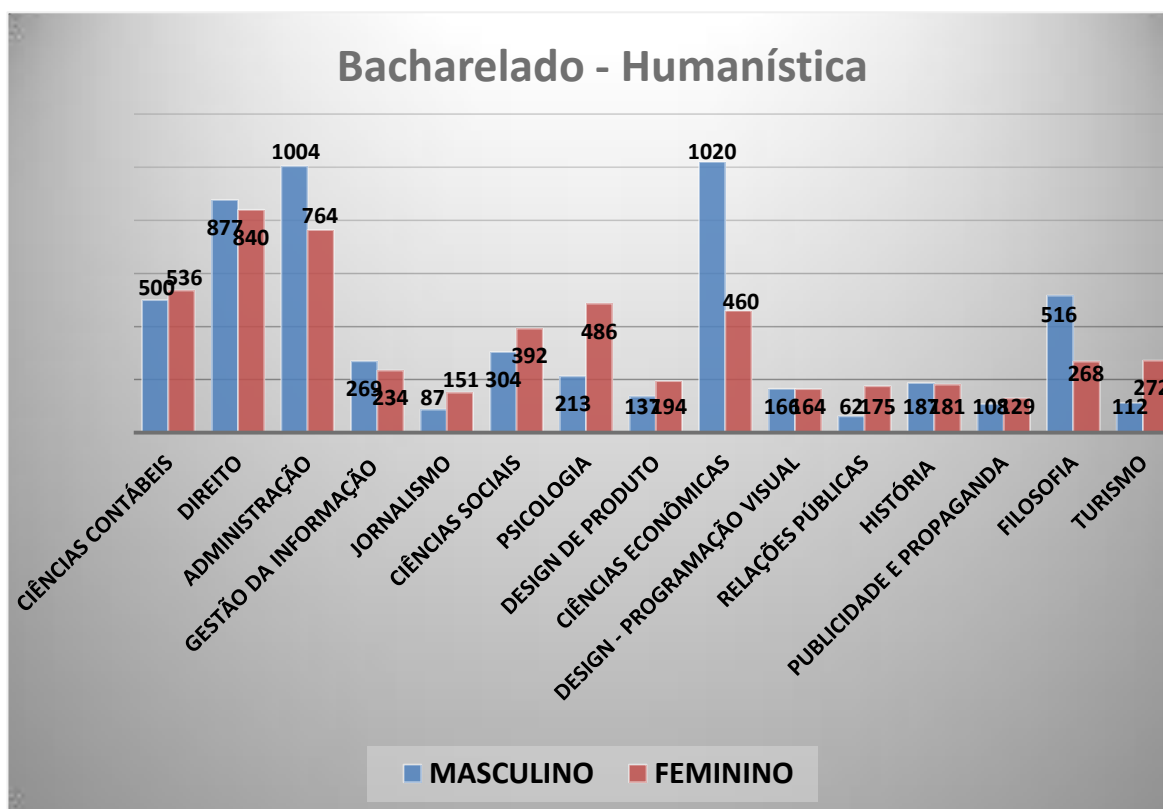


FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

As informações que vão sendo apresentadas, nesse trabalho demonstram-se tão enriquecedoras, que precisaria distintos estudos a parte, para verificar a forma como todos os cursos até então apresentados fazem “residência” no imaginário da sociedade.

No que tange observar no Gráfico 11, os cursos apresentam número de integrantes bastante elevados. Seria pelo prestígio social que essas formações congregam dentro do mercado de trabalho e da sociedade? Seriam, cursos, que estão em alta, no mercado de trabalho com salários acima da média? Embora esse não seja o objetivo dessa pesquisa, fica a necessidade de investigação. Ao observar as informações disponíveis no gráfico 11, quatro cursos despontam, com maior número de vagas no vestibular: Administração e seus 1768 aprovados, seguido de Direito com 1717, Ciências Econômicas 1480 e ainda Ciências Contábeis com 1036 aprovados nos dez anos de levantamento de dados.

GRÁFICO 11.1 - TOTAL POR GÊNERO



FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

No Gráfico 11.1 apresentamos a composição de gêneros nos diferentes cursos. Se no gráfico 11 apareciam as totalidades, agora demonstramos como esses números podem parecer muito mais claros e observamos quais cursos apresentam maior equidade na comparação entre gêneros. Nos cursos que citamos acima, com Administração como sendo o que detinha maior quantidade de integrantes, a comparação entre gênero feminino e masculino indica que uma distância do gênero em 240 integrantes, ou seja, é quase 1/5, maior a presença de homens.

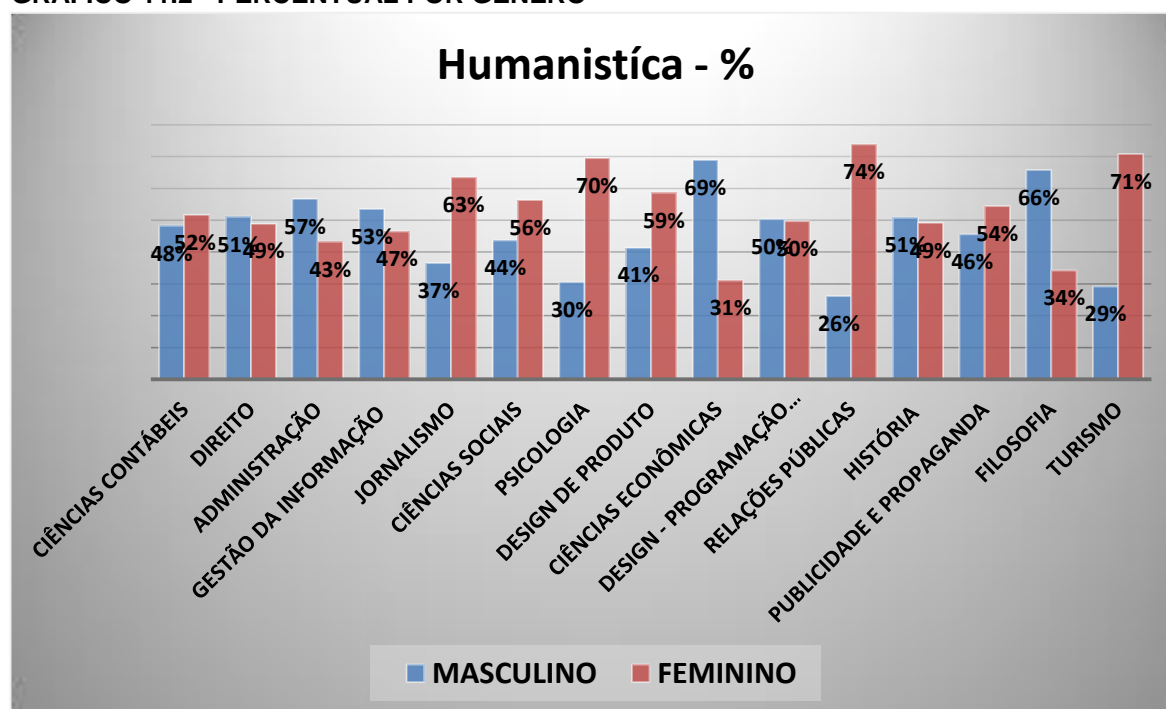
Na composição de diferentes cursos, diferentes realidades conferem à uma sua própria identidade, podemos citar ainda História e Design Visual, onde há mais proximidade, demonstrando menos verticalização de escolhas, deixando espaço de “trânsito”, para diferentes possibilidades de atuação de desempenho dos gêneros.

Salta aos olhos, em destaque muito bem demarcado, a presença no Gráfico 11.1 do curso de Ciências Econômicas, que se verticaliza, ao despontar uma

“permanência” do gênero masculino ao longo de uma década. Em comparação a Administração, cuja diferença entre os gêneros era de 240 integrantes masculinos a mais que o feminino, em Ciências Econômicas essa diferença quase triplica, ficando em 560 a vantagem do gênero masculino em relação ao feminino.

Fatores como esse conduzem a buscar no cerne desses cursos quais as prerrogativas de sua constituição. Cabe ainda destacar as graduações em Turismo com a presença de 272 integrantes do sexo feminino, Ciências Sociais com 392 e Psicologia com 486, demonstram sensível tendência a serem caracteristicamente “mais femininos”.

GRÁFICO 11.2 - PERCENTUAL POR GÊNERO



FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

Quando olhamos os cursos nas médias percentuais, as graduações que anteriormente pareciam ser mais homogêneas apresentam “uma face” diferente, revelando uma percepção que muitas vezes passa despercebida.

Observando a graduação em Relações Públicas, em que as 172 integrantes do sexo feminino, apresentam-se em uma década de análise como 74% da composição do curso, sendo que o gênero masculino totaliza apenas 1/3 do total, com uma representatividade de 26%, no período analisado.

Segue-se a essas observações, como já comentado, Psicologia com apenas 30% de representatividade do gênero masculino em uma década de análise. Colocando o gênero feminino, nessas perspectivas, como mais que o dobro do gênero anterior, já que se apresenta como 70% do total de integrantes da graduação em Psicologia. Não podemos deixar de mencionar também, Turismo, com 71% de presença feminina, contra apenas 29% da masculina. Encontramos as “mesmas” impressões em Ciências Econômicas, onde o reverso dá conta dessa similaridade, compondo-se de 69% de homens e 31% de mulheres.

Não afirmamos que esses cursos, como todos os que foram apresentados até o momento, são graduações que pertencem no cerne de suas constituições mais ao gênero masculino ou mais ao gênero feminino. Temos até o momento, tentado elaborar essas prevalências entre as diferentes graduações como sendo ocupadas de formas tão distintas por homens e mulheres, com momentos de grande polarização em algumas áreas e em outras graduações de forma mais igualitária.

A compreensão desses elementos perpassa o mandato de gênero:

A identidade social da mulher, assim como do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (SAFFIOTI, 1987, p.8)

Nas implicações como a sociedade edifica, delimita e coloca cada gênero em espaços tão distintos, deixa pouca ou nenhuma margem de manobra para qualquer um dos gêneros transitarem sem penalizações. Por mais que possamos incrementar essas possibilidades de mobilidade interna dentro da sociedade universitária, a sociedade profissional apresenta suas regras e não podemos afirmar que ocorreria uma mudança de curto ou médio prazo de planificação de todas as carreiras.

Quando as regras são colocadas e não cumpridas nas formas como essas delimitações de especialidade social nos apresenta, agimos como transgressores dessas regras sociais. Dentro deste contexto analisamos as considerações feitas por alunos de Pedagogia, quando perguntados: “Você acha que a Educação Infantil deveria ser mais mista, com um equilíbrio entre profissionais do sexo masculino e feminino? Porque? ”

“Eu acho que sim, eu não vou nem o acho, mas o sim, a educação infantil ela tem que ser mais mista até porque o motivo assim é porque a educação infantil se a gente já deixou de dividir ela por gênero, sabe! Crianças, meninos tem essa sala e meninas tem essa sala porque a gente continua mantendo as outras sabe! as outras instâncias [...]” (NARCISO)

“Eu não vou me contradizer aqui, então eu sinto que assim se mais homens quisessem ser professores eu acho que, claro, deveriam, porque não! agora o que iríamos fazer, colocar uma cota de quantos professores homens e quantas mulheres, a gente vai fazer, vai subir o salário para encorajar o homem a serem professores, eu gostaria muito que o ambiente da Educação Infantil contemplasse um pouquinho mais os meninos, que nem eu falei antes eu queria que tivesse compreensão maior para o comportamento tradicionalmente outra vez até naturalmente masculino [...]” (BENJAMIM)

Todos esses dados, e com base nas falas dos acadêmicos, apresentam-se modeladores profissionais, assim como:

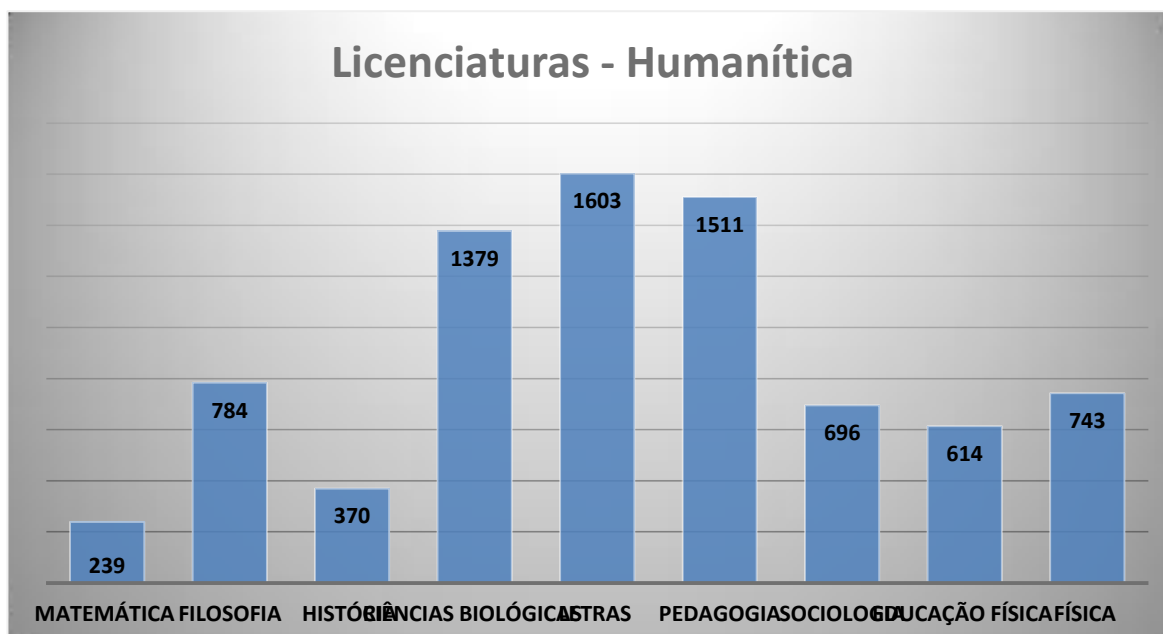
O estereótipo tem, realmente, a força do molde. Quem não entrar na fôrma corre o risco de ser marginalizado das relações consideradas “normais”. O conceito de “normal” é socialmente construído pelo costume. As inovações são temidas, porque nunca se sabe aonde levarão. Este lado frágil do medo existe quer nos homens, quer nas mulheres. (SAFFIOTI, 1987, p.39)

É proibido transgredir. Pois violar uma conduta que foi criada é ser tomado pelo avesso de suas convicções pessoais, políticas ou mesmo de ter no não reconhecimento de suas realizações o reverso do que espera para si pessoal e profissionalmente. Somos formados e formadores dessas habilitações sociais. Reprodutores de ideias e de convicções, mais ou menos conscientes dessas proposições que, por descuido ou mesmo por necessidades, reforçamos ou condenamos. Porém, é notória a ausência de uma problematização interna, a sociedade universitária carece de oferecer em seus espaços e sociabilidades tencionamentos, buscando dar “vazão” às múltiplas subjetividades que se constroem nas suas relações com a graduação e com suas perspectivas de atuação como profissional. Lembrando que as escolhas são simultaneamente pessoais e coletivas, do “eu” de cada indivíduo em suas tentativas de responder aos próprios anseios, demandas sociais e ao mercado de trabalho.

7.1 AS LICENCIATURAS

As graduações na Licenciatura concentram as habilitações voltadas para atuação nos processos formativos educacionais. As observações que apresentamos são para entender a disparidade de gênero nas Licenciaturas no que tangencia à procura formativa na área de Humanas.

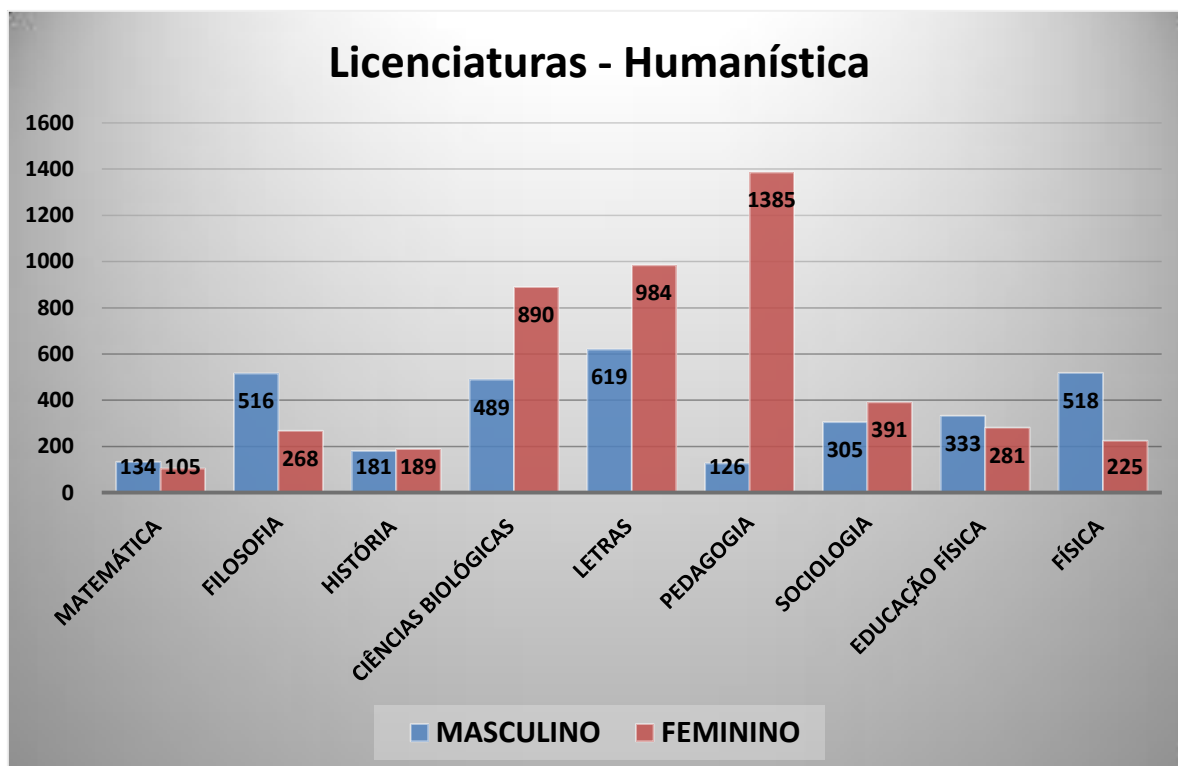
GRÁFICO 12 - TOTAL DE APROVADOS EM 10 ANOS



FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

Das diferentes graduações que compreendem as Licenciaturas, não deixam de chamar a atenção no Gráfico 12 as graduações em Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia pelo número de vagas. Nos gráficos seguintes, voltaremos a esses cursos, na busca de entender suas peculiaridades. A exceção de todos os cursos apresentados no Gráfico 12, que possuem também habilitações no bacharelado, Letras e Pedagogia se destacam como sendo graduações exclusivamente da Licenciatura.

GRÁFICO 12.1 - TOTAL POR GÊNERO

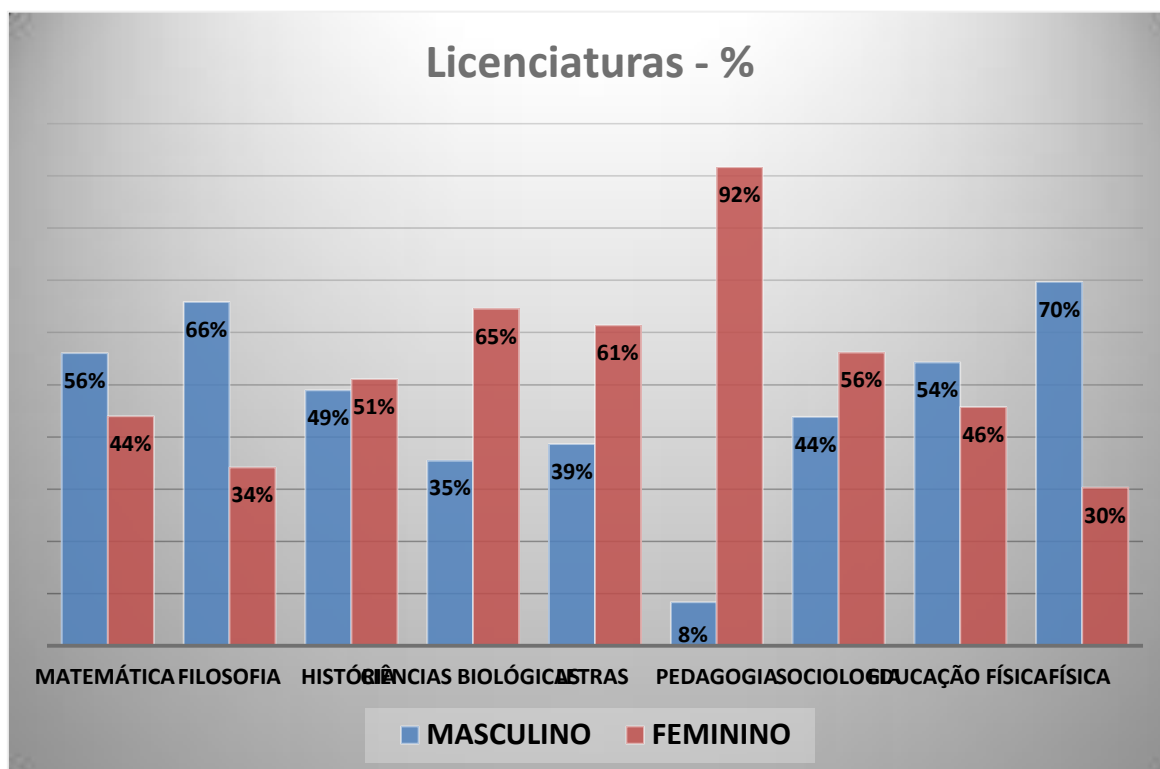


FONTE: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

Nas possibilidades de estabelecermos alguns comparativos de composições entre as graduações, destaca-se Filosofia com 516 integrantes do gênero masculino e 268 do sexo feminino, em equiparação com Física com 518 homens e 225 mulheres. Em História temos quase uma distribuição de 50%. Contemplando uma interação entre gêneros, salientando-se que, até o momento dessas análises, são poucas graduações que apresentaram essa equidade tão acentuada.

Contudo, não se podem deixar de notar as graduações com altos índices de disparidade, com destaque para Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia. Por aparecerem tão distintos das demais graduações e com Pedagogia, como uma análise que precisa de uma atenção, e compreensão de sua construção histórica.

GRÁFICO 12.2 - PERCENTUAL POR GÊNERO



FONTES: COMPILAÇÃO DE DADOS PELOS AUTORES. (NC UFPR - 2008/2017)

No Gráfico 12.2, em que observamos os dados de percentuais de cada gênero nas graduações que formam para a atuação docentes nas diferentes etapas da Educação Básica, o curso que se destaca não somente por seu percentual tão acentuado no gênero feminino, mas também por conta da graduação em Pedagogia diferenciar-se das demais composições do gráfico 12.2, por atuar seus profissionais em modalidades diversas das demais graduações, ou seja, enquanto os demais cursos atuam do Fundamental II até os anos finais do Ensino Médio, os formandos em Pedagogia atuam também na Educação Infantil.

Esse último ponto demonstra o “gargalo”, o “ponto de divergência”, explicando parcialmente o porquê de a presença do gênero masculino ser tão pouco expressiva, representando 8% da totalidade de ingressantes em uma década. No capítulo IV, “Onde estão os Homens e as Mulheres na Pedagogia”, apresentaremos os números sobre educação básica no Brasil, considerando regiões geográficas e gênero, nas diferentes modalidades de atuação, sendo analisados Creche, Pré-Escola e Anos Iniciais.

O fenômeno se dá em diferentes frentes, as quais podem levantar a hipótese de que “é normal e natural” que esses cursos sejam ocupados pelo gênero feminino, pois, de acordo com Saffioti (1987, p.10) “É próprio de a espécie humana elaborar socialmente fenômenos naturais. Por essa razão é tão difícil, senão impossível, separar a natureza daquilo em que ela foi transformada pelos processos socioculturais”. Apurando nosso olhar e buscando, por meio de um discurso mais crítico, compreender que o olhar não se lança sobre ocupação “naturalmente” feminina, e sim sobre a presença quase insignificante dos homens nos cursos apontados. Em especial Pedagogia, cuja distorção “tensiona o fiel da balança” de gênero, como apresentado no Gráfico 12.2, ao mencionar as Engenharias, como graduações de “inculcação social masculina”. Visualizamos então:

[...] o processo de naturalização de uma discriminação exclusivamente sociocultural. A compreensão deste processo poderá promover enormes avanços na caminhada da conscientização quer de mulheres, quer de homens, a fim de que se possa desmistificar o pretense caráter natural das discriminações praticadas [...]. (SAFFIOTI, 1987, p.15)

Apontamos e discutimos até o momento as relações de prevalência de homens e mulheres nas mais diferentes graduações oferecidas pela UFPR e a forma como as disparidades acentuam ou permitem naturalizar essas distorções ocupacionais generificadas.

A graduação em Pedagogia destaca-se como sendo muito mais frequentada pelo gênero feminino, pois carrega ou congrega no senso comum, a maternidade, as experiências do cuidar, como uma “extensão” da vida doméstica tomada como responsabilidade feminina. Pois a mulher insere-se na educação formal e no mercado de trabalho assalariado tardiamente em relação ao homem.

Forma-se a noção de que a Educação Infantil, principal área de ocupação dos egressos de Pedagogia, faz parte da ideia de uma “Pedagogia Maternal”, por ter uma presença muito mais feminina, o que se relaciona aos investimentos sociais:

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, Aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar a luz. (SAFFIOTI, 1987, p.9)

Impõe-se com isso um caminho, uma regra uma “verdade” que reforça essa dicotomização de gênero. Como já discorremos em outros momentos nesse trabalho de pesquisa, investe-se longo esforço em reforçar as estruturas que mantêm e sustentam inabalável a forma como se organizam os diferentes processos de distribuição das atividades entre homens e mulheres. As mulheres ocupam massivamente a Pedagogia, como um “Gueto Feminino” ou um “Clube de Mulheres”, entendido não pejorativamente, ou insinuando zombaria e menosprezo que poderia oferecer um olhar misógino. Trata-se antes de reconhecer a especificidade desse ambiente formativo:

[...] a organização fundamenta-se num conjunto de normas que estipulam, instituem e convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e grupos sobre um terreno comum; e as relações sociais que se podem ser abordadas do exterior, e que consideráramos funções de uma realidade “objetiva”, supõem sempre outras, que são “concebidas” que não constituem uma realidade objetiva, porque só encontram existência na consciência ou na inconsciência do sujeito particular. As primeiras realidades de “ordem vivida”, são incompreensíveis, fazendo-se abstração das segundas, realidade de “ordem concebida”, que representam os sentidos que a estas realidades vividas se atribuem. Portanto, desde que é fundamentalmente concebida a sociedade não é, simplesmente uma “coisa”, mas uma construção do pensamento. [...] A sociedade é uma entidade provida de sentido e significado. (RODRIGUES, 1975, p.10)

Podemos agora, levantar alguns questionamentos, que irão nos conduzir adiante, para buscar compreender a pergunta: Porque existem homens na Pedagogia? Um homem corre o risco de ser tomado como um “afeminado” ao adentrar nessa graduação tão marcadamente feminina? Pois os ensinamentos que se dão ao formato de como cada gênero age e se articula dentro da sociedade se faz de modo que:

Os homens devem vestir a máscara do macho, da mesma forma que as mulheres devem vestir a máscara de submissas. O uso das máscaras significa a repressão de todos os desejos que caminham em outra direção. Não obstante, a sociedade atinge alto grau de êxito nesse processo repressivo, que modela homens e mulheres para relações assimétricas, desiguais, de dominador e dominada. (SAFFIOTI, 1987, p.40)

Mesmo que esses processos de submissão não se deem em forças explicitamente apresentadas, as violências simbólicas estão sempre muito presentes. A apresentação desses dados lança luz sobre a problemática de

polarizações tão acentuadas, assim como na Pedagogia, apresentarem-se como um curso intensamente feminino. Nos capítulos seguintes dessa pesquisa nos aprofundaremos em descrever a inserção dos homens nesse espaço de formação de trabalho onde as mulheres, ainda são maioria. Compreendendo que:

[...] a transmissão geracional ocorre não só dentro das fronteiras familiares, mas ela também é permeada pelos valores culturais de determinada sociedade na qual a família está inscrita. A cultura se expressa nas relações intersubjetivas familiares, pois permite a compreensão as concepções ou ideias daquele grupo. (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p.210)

Colocando assim, em choque, esse embate, entre os gêneros, já outrora mencionado, dentro dessas nossas observações. A tríade, de forças que convergem, sobre o indivíduo: a família, a sociedade e a cultura, reforçam, apoiam e constituem esses elementos que se reproduzem e são reproduzidos nos diários acontecimentos da sociedade acadêmica.

Os “Guetos Acadêmicos” que cada curso forma, como um clã cuja exigência de entrada seja ter o passaporte de ser do “gênero”, para pertencer àquele grupo, impele o sujeito a neutralizar-se a si e convergir, ainda que indiretamente à compreensão. Se aquele lugar é um desejo seu, uma necessidade liberalizadora, embora oposta à expectativa social, marca, deforma e reconstrói essa organização, na busca dentro desse agrupamento de nossos assemelhados, ainda que não sejamos semelhantes. Por conta disso nos assemelhamos aos momentos que nos encontramos, e com isso usamos de nossas “ferramentas” sociais, para, de alguma forma, constituir nosso pertencimento àquele “clã ou gueto”, até o tempo e momento que pudermos dentro dele estabelecer relações de sobrevivência. Essas negociações de “ferramentas sociais” podem ser qualquer elementaridade de trocas sociais que possamos ou tenhamos a oferecer, como possibilidade de relacionar-se com as diferentes realidades nos quais nos inserimos.

8 AS MULHERES E A ESCOLA

A ideia de como se constituíam as formas como os homens relacionam-se consigo mesmos, considerando os aspectos e interações sociais que contribuem para a construção das identidades entre mulheres e homens, com seu entorno e com a sociedade, lhes atribui situações que, já incorporados socialmente ao senso comum, indicam que todas as tentativas de reversão dessa forma de compreender o homem enquanto um gênero, esbarram no entendimento de suas características próprias e distintas da mulher. Assim, como apontam Monteiro & Gati (2012, p.3070): imagina-se a “existência de duas espécies, cada qual com qualidades e aptidões próprias: ‘Aos homens, o cérebro, a inteligência, a razão lúdica, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade os sentimentos’”.

Porém, faz-se necessário pontuarmos como o ambiente escolar enquanto instituição de ensino/aprendizagem foi construída por um processo histórico. Segundo Louro (1997, p.89) “O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”. Outrora a escola fora de ocupação exclusivamente e historicamente passou a ser assumida pelas mulheres. Observa-se que a Pedagogia, nos dias atuais, é ocupada por mulheres em sua maioria. Não queremos dizer com isso, que a “masculinidade” dos homens não deva ocupar esses espaços profissionais, antes observar seu distanciamento a longo da construção da educação no Brasil.

Segundo Louro (1997, p.94) “no Brasil a instituição escolar é, primeiramente, masculina e religiosa [...] formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes. [...] marcadamente masculino, voltado para a formação de um católico exemplar”. Na continuidade desse processo, temos que:

[...] ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes. [...] O magistério se tornará, neste contexto, uma atividade permitida e, após muitas polêmicas, indicada para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de ressignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar. (LOURO, 1997, p.95)

Construindo com isso um discurso educacional disseminado. De acordo com Aragão & Kreutz, (2012, p.64) “[...] o ingresso da mulher no universo escolar enquanto professora ocorreu permeado por discursos construídos ao longo de um processo histórico de representações sobre a mulher e sua função na sociedade”. Contudo essa sociedade que emergia no Brasil na virada do século XX, se faz em ufanismos, com os homens vão desvinculando-se dos espaços educacionais e as mulheres, em contrapartida, reivindicando “espaços sociais” de participação nas mais diferentes esferas da vida pública. Podemos observar que:

[...] aos poucos crescem os argumentos a favor da instrução feminina, usualmente vinculando-se à educação dos filhos e filhas. Essa argumentação irá, direta ou indiretamente, afetar o caráter do magistério – inicialmente impondo a necessidade de professoras mulheres e, posteriormente, favorecendo a feminização da docência. Os discursos que se constituem pela construção da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos implicam a educação das mulheres – das mães. A esses discursos vão se juntar os da nascente Psicologia, acentuando que a privacidade familiar e o amor materno são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças. (LOURO, 1997, p.9)

Na construção de atendimento dessa demanda por parte das mulheres, a educação então é tomada pela ideia de que:

[...] o magistério era visto como a extensão do lar, ou seja, um desdobramento de uma atividade naturalmente praticada, um prolongamento de educar os filhos, numa feliz combinação entre professora competente e dona de casa amorosa. O magistério seria então espaço onde a mulher colocaria em prática dons que socialmente acreditava-se serem inatos e indispensáveis para o exercício docente: a paciência, o cuidado, a sensibilidade, o educar. (ARAGÃO; KREUTZ, 2012, p.66)

Concepção ainda tão latente na forma de pensar a Educação Infantil, na qual se insere a atuação dos profissionais da Pedagogia. É necessário argumentar que as descrições apontadas não são pertinentes somente à mulher em sua “naturalidade feminina”, muito menos pertencem a sua corporalidade, como exclusivas de um único gênero. Cuidar e educar os filhos não é uma responsabilidade cabível exclusivamente à mulher, como se pode admitir segundo o pensamento do sendo comum. Não podemos admitir que a escola fosse uma extensão do lar, ou que assim deveria ser, de maneira naturalizada.

Ser professora e ser mulher ou ser professor e ser homem, são interpretações indissociáveis, pois não se pode separar a pessoa dela mesma. Ou seja, ser o gênero e o profissional que aquele gênero representa em suas funções de trabalho, sendo o que a pessoa é, o que pensa, as suas crenças e convicções, estas duas dimensões estarão sempre presentes em todas as ações de tempo e ambiente que esteja influenciando e sendo influenciadas. De acordo com Louro (1997, p.99) [...] “as representações produzem sentidos, quais seus efeitos sobre os sujeitos, como elas constroem o ‘real’”.

Nessa constituição que a mulher é tomada como “naturalmente educadora”, em suas representações sociais de gênero, coloca-se a figuração dos pressupostos da maternidade, figuração na qual o homem não cabe, pois esse último assume-se como um “elemento provedor”, então:

[...] a representação que se promove a associação dos papéis professora/mãe não existe de maneira ingênua, ela foi construída historicamente, ao mesmo tempo em que se construiu e constrói formas de agir e pensar, que influenciam fortemente a atuação docente. (ARAGÃO; KREUTZ, 2012, p.66)

Essa construção histórica se faz com bases em um pensamento direcionador e formatador de espaços, criando barreiras e mecanismos históricos que estabelecem uma “lógica” para as possíveis carreiras femininas. Segundo Louro (1997, p.96), “já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas”. De forma que tais constituições históricas dificultam que hoje os homens ocupem a Pedagogia como um espaço profissional como qualquer outro.

Isso indica a constituição desta maternalização dos espaços escolares, em que os homens não se constituem em “gênero adequado a educação infantil”, não ao menos no cuidado com os infantes, entendendo-se aqui, que há espaços escolares onde os homens são adequadamente colocados como “aceitos”, por conta das etapas posteriores do processo formativo, onde essas crianças, dotadas de maior autonomia, possam gerir-se a si mesmas, não ocorrendo mais as necessárias relações de contatos corporais entre o gênero masculino e os infantes.

8.1 OS OLHARES SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os homens e mulheres atribuem-se distinções que os colocam quase como antagonistas de uma mesma realidade, pois nessas realizações vestiram-se ambos os gêneros de estruturas e rituais, postos na sociedade, como uma “carnavalização”, onde os sujeitos assumem-se.

Se o homem é a força da criação, a mulher é a redenção da humanidade. O homem, “produz, mas em dois sentidos: ele produz a guerra, a discórdia e o combate e, entre as artes e as ideias, a enxurrada de bens que saem de sua forte e fecunda mão, corre também uma enxurrada de males, que a mulher vem atrás amenizar, consolar e curar”. (MONTEIRO; GATI, 2012, p. 3071)

As investidas feitas a cada gênero consolidam-se como sua identidade real, conforme analisado em capítulo anterior acerca dessas “cristalizações”, onde a subjetividade individual de cada um fica sujeita às diferentes “formatações sociais”, impostas e interpostas na conduta de nossas realizações. O homem é investido de todas essas estruturas tão “rústicas e viris”, ao contrário a mulher é “ungida” de tudo que falta na brutificação do gênero masculino, como num antagonismo fadado a um contínuo social. Se a escola está inserida nos espaços sociais, então a mesma também é representante de como a sociedade reflete suas formações e constituições acerca das ocupações por cada indivíduo. Construindo-se assim;

[...] a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual, definindo o que pertence à esfera pública e o que pertence a privada. Cada sexo, tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar, detalhadamente predeterminados, estabelecendo-se uma posição entre homens políticos e mulheres domésticas. Até mesmo o trabalho e os ofícios são sexuados: ao homem, a madeira e os metais; a mulher a família e os tecidos. Papéis determinados, mas não imutáveis, uma vez que a mulher pode ser submetida a múltiplas variações e destinada a uma vida nova. (MONTEIRO; GATI, 2012, p. 3072)

Essa racionalidade, tão “diferenciadora de gêneros”, mede homens e mulheres por suas aptidões e capacidades de realizações, onde habitam na mesma realidade “Anjos e Demônios”, então só vêm a reafirmar que determinados espaços são generificados de maneira excludente, como destacamos, no capítulo anterior, sobre profissões estabelecerem-se com maior predominância de homens ou mulheres.

Não que uma profissão seja unicamente de um gênero, contudo, cria-se uma “contracorrente” que impede adentrar-se pessoas de outro gênero que não os de pertencimento a essa estratificação já outrora aceita e consolidada socialmente. Homens e mulheres assumem-se dentro da sociedade como “sócios de uma mesma realidade”, onde ambos não estão a par de disputas de espaço e domínio, pelas realizações pessoais dentro dos diferentes embates dessas disputas de “poder e espaço”.

De acordo com Pollock (1990, p.203 apud LOURO 1997, p.99) todas as representações fazem sentido: “É verdade que algumas acabam adquirindo a autoridade de óbvio, do senso-comum e auto evidência, a tal ponto que se status de representação é suprimido” (e é por isso que passamos a aceitar uma apresentação dos sujeitos e do mundo como “a realidade”). Por exemplo, ao colocar que o trabalho doméstico é muito melhor realizado pelo sexo feminino, por ser uma “aptidão naturalizada no corpo e nas habilidades de ser mulher, desde a infância”. Entendido como imprudência, tomar tal disparidade como uma realidade a ser aceita e tomada como uma “naturalizada verdade”. Sendo assim, temos que compreender que:

[...] os sistemas de representações e sua lógica são introjetados pela educação nos indivíduos, de forma a fixar as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo, dessa maneira, para o sistema social, uma certa homogeneidade. Essas categorias do pensamento coletivo são, pois, verdadeiras instituições fixadas em nossas almas pelo processo de socialização. (RODRIGUES, 1975, p.11)

Se essas inscrições sociais estão introjetados dentro de nossos âmagos existenciais, então, o homem ao assumir-se como profissional na Pedagogia, na atualidade tão essencialmente associada a uma profissão de caráter feminino, traz a concretização de que na Educação Infantil, onde atua esse profissional, ele pode ser tomado como feminino, ou seja, colocado como mulher com todos seus atributos anteriormente já mencionados. Com isso, descaracteriza-se o homem como genitor também, colocando sobre o mesmo a incapacidade de assumir-se como portador de ações de carinho e atenção nas múltiplas singularidades que devem assumir perante as suas funções profissionais.

Furtar do homem essas habilidades domésticas, pelo fato do mesmo não ter sido constituído historicamente como “do lar”, o coloca em função de desigualdade com a mulher ao exercer a mesma profissão que ela. Contudo essa mesma reflexão serve ao gênero oposto, nas suas atribuições aos trabalhos relegados ao homem. Cabe questionar principalmente se deveriam existir essas diferenciações de profissões “generificadas”.

Pois na forma como “nossos corpos” são produzidos a serviço de um bem social, não podemos transgredir para além desses espaços aos quais nossa “natureza corporal” pode nos conduzir. A estratificação social de nossas realizações irrompe-se no instante em que tomamos para cada um de nós as escolhas que desejamos tomar como performance profissional, pois é pelo trabalho que realizamos e nós realizamos, nos nutrimos das interações sociais e construímos, reforçamos e apresentamos nossas influências e somos, também, receptivos a todas essas reorientações sociais, nas quais estamos inseridos.

8.2 COMO HOMENS DE PEDRA

Com seus corpos definidos pela biologia de suas constituições, homens não são encontrados nesse campo de trabalho, tão homogeneizado pelo gênero feminino. Não se busca uma culpabilização, contudo o entendimento de porque os homens não estão na Pedagogia, ou nas áreas de atuação onde as mulheres atuam com muito maior inserção, como demonstram Araujo & Hammes (2012, p.7) ao dizerem que “raramente são encontrados homens em cursos de Pedagogia com habilitação em Educação Infantil em séries iniciais. Mais incomum ainda é encontrá-los lecionando para séries iniciais e principalmente na educação infantil”. Esse afastamento do gênero masculino dessas funções alimenta-se do senso comum.

Estará essa ausência ligada ao receio ou ao medo em relação a pedofilia, ao homossexualismo, a visão de que ensinar e cuidar de crianças é uma tarefa exclusivamente feminina ou simplesmente questiona-se a educação de crianças realmente necessita de homens ou para eles existem outras profissões. (ARAUJO; HAMMES, 2012, p.7)

O homem carrega em seu corpo “as formas da pedofilia”, quando a aplicação do olhar social o brutifica como um “viril transgressor de corpos”, contudo, também impõe a esse mesmo homem questionamentos acerca de sua “real” sexualidade, colocando nessa imposição que se assuma em sua condição de definição biológica e não venha interpor em espaços cuja presença “não parece ser bem-vinda”. Quantas vezes não agimos como reprodutores desse pensamento heteronormativo, onde as definições criam antagonismos tão perturbadores. Dessa forma questiona-se se, que de acordo com Araujo & Hammes (2012, p.8) “[...] é possível repensar o pressuposto de que, somente as mulheres encontram-se preparadas ou que somente elas são capazes de atuarem na educação de zero a três anos”.

Já levantamos hipóteses anteriores como formas de entender como se organizam esses espaços onde mulheres e homens, “sócios das mesmas possibilidades sociais”, tomam para si com exclusividade essas realizações. E conforme dito a pouco, quantas vezes não nos portamos como reprodutores desses discursos distorcidos acerca do melhor a cada gênero? Pois o questionamento vai justamente de encontro à realidade de quem somos, não como as formas sociais declaram essas realizações.

A maternalização social da escola assume-se como feminina e a fundamentação dos discursos diluídos dentro dos espaços de fala demonstra que a mulheres e homens são antagonicamente opostos em suas profissionalizações. Durante as realizações dos estágios, as perturbações físicas que intercorrem o espaço dão conta de que homens parecem como intrusos no espaço, conforme fragmento de relato, tomado do diário de estágio do acadêmico Israel, sendo o mesmo em dos autores deste trabalho, que realizou o Estágio A: Estágio curricular obrigatório em prática docente, relativo à Educação Infantil, onde ele descreve, que o dia 13 de abril de 2016, sendo esse o sétimo dia de estágio:

“E o dia de hoje em que relato aqui minhas observações, estava sentado em uma mesa com outras crianças na sala e uma das crianças que diferentemente de todas sempre vinha me abraçar ao chegar e nas palavras da própria avó, que sempre a vem trazer ao CMEI, “ela é muito carinhosa assim com todos”, nesse dia, entrou na sala e quando me viu, parecia “não saber agir com a situação”, que até então eu não sabia do que se tratava. Então olhando para ela perguntei se não viria me dar um abraço, pois esperei por aquele momento a semana toda, foi quando ela olhou para a professora e veio me abraçar, mas diferentemente dos outros dias, não se acorreu ao meu lado, e foi brincar com outras crianças”.

Essa narrativa dá conta de buscarmos entender quais as múltiplas dificuldades pelas quais perpassam homens inseridos nesses espaços de educação, perceptivelmente na educação infantil, pois o relato desse acadêmico incorpora-se de suas angustias por tentar compreender movimentações de ambiente que se relacionam e apontam regras, às qual o mesmo deve submeter-se, encaixar-se “transvestir-se”, em suas caracterizações pessoais e profissionais, para poder ser “aceito/compreendido” dentro do seu papel pessoal e profissional. Em seu relato, demonstra não estar “agindo como um transgressor”, nem é penalizado no sentido da física violência, contudo deixa espaço para hipóteses sobre a sua presença transparecer-se como ruidosa dentro do local onde “tolerava-se” sua presença, a saber:

[...] Sempre nesses momentos em que ocorre o momento da leitura, vou me aninhar no meio das crianças. Nesse momento a menina, a quem citei no início da descrição desse dia, que ao pedir pelo abraço dela sentou ao meu lado e disse: - A “Professora”, disse que não é mais para sentar no seu colo. Fiquei mudo por um instante, me levantei e fui para o BWC, chorar. Senti-me muito constrangido com a situação, voltei algum tempo depois. E quando voltei, senti-me apartado das crianças em outro lugar da sala longe delas. Sendo essa a primeira vez, desde o início dessas observações que me coloco em espaço fora do meio delas”.

Qual o incomodo? Quem se apresenta como incomodado diante dessa situação? Tolerava-se a admissão, por força de constituições de regras, leis e permutações, porém “violenta-se quase fisicamente” essa transgressão de admissibilidade, onde o “diferente” por natureza deve ser “purificado” de sua “natureza pedófila”, pois não se importa aqui que o seja ou não, mas a regulamentação dos espaços e corpos. Os aceites da naturalização das situações que são estratificadoras das condições e realizações de nossos corpos na sociedade.

Para este contexto destacamos das entrevistas diversos momentos das “diferentes falas” que delimitaram quais seriam as suas representações sobre o assunto, contribuindo de forma a abalizar as representações desse processo de formação profissional. Foi perguntado: “Um professor homem na Educação Infantil,

poderia trabalhar com crianças de qualquer idade, ou em sua opinião existe idade que lhe seja indicada pelo fato de ser homem? ”

“É muito complicado porque para alguns diriam assim do bebê, Maternal baby, não! Não pode porque você vai trocar e [...] você vai tocar a criança, mas ao mesmo tempo uma idade mais avançada tem o mesmo problema, só que as crianças agora estão maiores, teoricamente no mundo que a gente vive as crianças estão mais suscetíveis a esse tipo... o temor deles é o abuso então estão mais suscetíveis esse tipo de abuso então eu não conseguiria determinar uma idade indicada eu acredito que aceitasse mais com maior idade porque a criança talvez tenha como reagir, mas eu não sei determinar, ou se existe, qual seria melhor [...]” (ET)

Abaixo declarações realizadas no momento em que foi perguntado “se ainda não realizou estágio, quais as suas expectativas⁸? ”

“Eu acho que isso vai ser um período bem conflituoso, porque já vai ter um preconceito de gênero, acredito que provavelmente isso ocorra porque não é o que se espera né! Que um homem trabalhe com criança e tudo mais, etc. até pelos indícios de abuso de denúncia que é para todos os lados não só na educação vem sendo, né! Respostas e provavelmente tenha alguma dificuldade aí nesse, nesse período [...]” (OSVALDO)

“sim eu acredito sim, eu acredito, eu sinto que tem um preconceito muito grande que os homens são pedófilos, de que os homens são frias máquinas sexuais em relação a tudo, eu sinto que tem esse preconceito, um preconceito de que eu vou fazer bagunça, de que não terei uma atenção aos detalhes, uma atenção à limpeza e que também, de que não terei um certo carinho de uma certa compreensão empática pela criança e ao mesmo tempo caso eu tenha isso ainda ganha uma conotação de pedófila [...]” (BENJAMIM)

Nossos corpos são essa situação emblemática de nossos relacionamentos sociais e, simultaneamente, conosco mesmos. Pois se nossos corpos são estratificados para determinados comportamentos sociais, então se admite que ser mulher ou ser homem, congrega em si elementos de suporte para admitir-se a espaços de restrição e comportamentos, que só são aceitos e reconhecidos nos momentos e nos espaços determinados para isso.

Se entendermos que as nossas formas corporais, podem ser dicotomizadas nas mais diferentes realizações sociais, como ser professoras por conta da investidura social que sobre a mesma é dada, então aos homens ocorre-se dos mesmos elementos sociais, e com isso passa-se a afirmar que ambos são tão

⁸ A grande maioria dos entrevistados, não realizou o estágio obrigatório na Educação Infantil. Impossibilitando com isso analisar com mais propriedade as relações de possíveis conflito que pudessem ser evidenciadas na entrevista.

intocáveis que o ser profissional e ser o gênero, poderiam ser subentendidas como personalizações diferentes.

Segundo Louro com base nos estudos feitos por Connell, ao qual considera essa lógica dos “homens de pedra”, como construção de masculinidade, segundo Louro

[...] Ele comenta que há uma "narrativa convencional" sobre a maneira como as masculinidades são construídas e que se supõe, por essa narrativa, que "toda a cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens". Meninos e rapazes — em sua maioria — aprenderiam tal conduta e sentimentos e, assim, se afastariam do comportamento das mulheres. Mas essa seria apenas uma das histórias possíveis. Conforme Connell, "a narrativa convencional adota uma das formas de masculinidade para definir a masculinidade em geral". Em outras palavras, o que se tem, aqui, seria uma representação do ser homem que é mais visível. No entanto, como ele lembra, essa masculinidade se produz "juntamente" e "em relação" com outras masculinidades. Além disso, essa narrativa convencional "vê o gênero como um molde social cuja marca é estampada na criança, como se as personalidades masculinas saíssem, como numa fábrica de chocolate, da ponta de uma esteira". Ao invés disso, Connell pensa na construção da masculinidade como um "projeto" — tanto coletivo quanto individual — no sentido de que esse é um processo que está continuamente se transformando, afetando e sendo afetado por inúmeras instituições e práticas" (LOURO, 1997, p.48 – p.49, apud, CONNELL, 1995, p.190)

Tais atributos, fazem pensar que a mulher, quando recebe da investidura de professora deve abandonar de si, a mulher que ali está posta, como outrora já comentado, nessa pesquisa, das impossibilidades de dicotomização dessas duas realidades. Contudo se não é possível separar a pessoa do profissional, então também não podemos separar os gêneros por diferentes profissões, ainda que um gênero ou outro tenha maior presença histórica ou no mercado de trabalho.

Considerando com isto, segundo Louro que esses “Homens de Pedra” assumem em si essa “castração de seus corpos”, na adequação da realidade profissional a que adentra como um elemento “necessário” a ser aceito no grupo social, ainda que gerem ruídos como “pôr em dúvida sua predisposição de masculinidade”, quase como um rótulo de uma “homossexualidade” transvestida e corpificada como homem. Pois o que se trata aqui, não é o predisposto como sexualidade individual de cada sujeito, porém, como esse mesmo sujeito é visto, pelos reflexos distorcidos de suas imagens, quando refletidas no ambiente e na sociedade. Não estamos questionando que a feminilidade tenha que ser a “vestimenta” que deve emanar de todas as atribuições postas como condição social, para dar a esses “corpos masculinos” as condições de pertencerem aos

espaços. O profissional da Pedagogia, atua com seus atributos formativos, criando-se essa percepção de que a maternagem é o único caminho a ser percorrido, pelo gênero masculino:

[...] a maior dificuldade é social, pois esse preconceito traz consigo marcas culturais da maternagem. O preconceito ainda é grande em relação aos homens que se dedicam ao trabalho com crianças pequenas. Além de, enfrentarem o fato de que cuidar de crianças seja uma função específica de mulher, na maioria das vezes, ainda tem colocado sob suspeita a sua orientação sexual ou sofrerem com represálias por parte de alguns pais, receosos de que seus filhos, em especial meninas, sofram algum tipo de abuso. (ARAUJO; HAMMES, 2012, p.8)

Assim, assume-se que o relato do diário de estágio que apontamos acima, confirmar-se como uma experiência do ponto de vista constrangedor, para quem se expõe nesse relato como uma tratativa a ser revista dentro do espaço social da escola.

O caminho no qual o gênero masculino caminha é como a travessia de “um pisar em ovos, caminhando no escuro”, numa tentativa de não “despertar o monstro da lagoa”, pois mesmo que esse último possa nunca comparecer, no sentido de efetivar “violência simbólica”, no sentido de poder constranger, mantém-se atento como um destrutor de situações que possam lhe parecer não condizentes com suas crenças, percepções e modelos morais.

[...] os sistemas de representação atuam como uma grade que se estende sobre o mundo, buscando classifica-lo, codifica-lo e transformar suas dimensões sensíveis em dimensões inteligíveis. São como uma rede, cujas malhas, instituem os domínios da experiência, sobre um terreno antes indiferenciado e estabelecem os limites dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos; como códigos construídos, aplicam-se a esses componentes para decifrá-los, pois, ao dividir os domínios da experiência, os sistemas de representação estabelecem cortes e contrastes e instituem diferenças. (RODRIGUES, 1975, p.12)

Diferenças essas que extrapolam para além de suas classificações, muitas vezes usadas como “palavras pungentes”, ou mesmo como “armas diretas”, no intuito de ferir com marcas permanentes, e jogar no obscurantismo dessas “redes de representações” os que não pertencem a esses espaços. Pois se torna o que era sensível, em tangível, e codifica as formas, conteúdos e “falas”, tornando intransponíveis essas realidades, criando com isso um “espaço profissional”

exclusivo. Ambos os gêneros perdem em rentabilidade profissional e social, por conta de não assimilarem entre si, possibilidades de uma simbiose profissional.

Como Homens de Pedra, devem-se assumir-se desprovidos de sua “masculinidade”, embora isso não seja rejeitar nossa sexualidade, todavia não esteja ligada à nossa constituição biológica, assume-se como parte integrante dessa última. Esses Homens de Pedra, mesmo que não manifestando qualquer demonstração que possa ser sequer levantada hipótese contra suas condutas, dentro e fora do espaço escolar, devem manter-se distantes do “que são e de quem são” e com isso subjuguem sua própria realidade de homens.

Não queremos com isso dizer que esses homens devem assumir-se como sem gênero, ou mesmo que a homossexualização seja a única forma do gênero masculino ocupar-se dos espaços do profissional de Pedagogia, cujo campo de atuação mais sensível demonstra ser a educação Infantil, que compreende a idade de zero a seis anos. Faz-se necessário pensar a escola de dentro para fora, como reprodutora do que está vindo de fora para dentro.

Não que a escola deve ser alheia à realidade social, porém ser problematizadora de tudo que passa por ela, porém esse ponto de convergência sensível, passa pela experimentação pessoal de cada indivíduo “biopsicossocial”, recebe, filtra e responde às demandas sociais nas quais se insere.

8.3 ANDROFOBIA E NOSSOS CORPOS

Nesse corpo que habito, encerra-se quem sou. Meu Eu vive e realiza-se através de minha corporalidade, de como me relaciono comigo mesmo e com o ambiente que me rodeia. Então nossos corpos são essa forma de nos apresentarmos diante dos outros e de nós mesmos. Porém, aqui surge nossa ruptura na realidade, pois o corpo é nosso contato com o mundo e a forma como criamos essa “ponte de relacionamentos sociais”.

[...] “o corpo é uma situação”, não a como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. Sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tem sido o gênero desde o começo. (BUTLER, 2015, p.27)

Somos essa interpretação de nossas situações no mundo que nos rodeia, permeado por essa grade de situações que codifica as formas e contornos, deixando as arestas salientes de nossos comportamentos como definidores de mapeamento de um todo, ainda que esse todo nem saibamos do que se trata. Se o corpo de um gênero transgrediu uma determinada regra outrora estabelecida moral ou profissionalmente, estratifica-se seus efeitos para todos os demais representantes do gênero independente de suas vivências e com isso, como já comentado, nos tornamos também portadores desses discursos rasos baseados no senso comum. Muitas vezes nos damos conta de que somos propagadores dos mesmos efeitos que alardeamos buscar combater, o que muitas vezes escapa a nossas limitações e controles pessoais.

Apresentamos o corpo como alguma coisa, que serve socialmente a uma função. Ainda, que não seja o corpo a completude de tudo que o sujeito é, porém aparece como sendo tudo que o sujeito realmente é. As competências pessoais de um indivíduo apresentam-se diluídas dentro dessa esfericidade de seu corpo, agravando-se assim o gênero como sendo a materialidade das representações de diferenciação biológica. Sendo que o corpo é parte integrante do sujeito e não o sujeito.

Essa mistificação de como cada corpo deve se apresentar, nasce da forma como somos apresentados ao nosso próprio corpo. Socialmente aprendemos sobre os determinismos biológicos, onde cada corpo tem uma marcação de diferenciação. Para além dessas diferenciações de sexo e gênero, aprendemos que formas, formatos, contornos, são as marcas que irão nos apresentar dentro de tudo que somos e estabelecemos como lugar social.

Observam-se, com isso, as dificuldades relativas que os homens enfrentam na Educação Infantil, por conta desse “corpo com seus referenciais biológicos”, que implica em todas as mais diferentes atribuições de senso comum que pudesse evidenciar seja por composição de atributos apregoados por conta de noticiários, ou pela própria experimentação na infância, com o masculino, que possa ter deixado marcas de uma experiência “de poucas cores”.

Pois essas experiências com o masculino advêm de momentos anteriores a nossa vida escolar, então deparar-se com um professor homem atuando na

Educação Infantil, com crianças, são motivos de “ruídos sociais”. Como em artigo de Pimentel (2009), publicado no Caderno Cotidiano da Folha de São Paulo, cujo título é: “Minoria dos homens resistem e dão aulas em escolas de educação infantil”.

[...] o professor Fábio Guacy de Lucio, 37, [...]. Único entre as mais de 50 mulheres da equipe de educação infantil do colégio Rainha da paz, no Alto de Pinheiros (região Oeste de São Paulo), ele trabalha com crianças de 1 a 7 anos. [...] É curioso vê-lo, com 1,90 m, 134kg, pés 48, brincando como se fosse um He-man com a criançada.

Embora não comum, há possibilidades dos homens terem na Pedagogia, como uma formação para uma carreira, ainda que, como aponta Colello (2009), que “[h]istoricamente, o ofício de professora (de crianças) é visto como uma extensão da maternidade. E existe uma ideia que o homem, um arrimo de família, não conseguiria mantê-la como uma profissão ‘de mulher’”.

Cria-se assim, um ideário, um mundo onde os homens não cabem com seus corpos masculinos na educação infantil, por não terem as aptidões femininas necessárias à “perfeita desenvoltura” do trato e cuidado de crianças pequenas. Em correspondência a essa ideia encontramos em Araújo & Hammes (2012, p.8), que “Talvez porque as pessoas considerem que um homem não seja capaz de dar banho, trocar fraldas, dar comida, fazer dormir, entre outras atribuições exigidas quando se trata dos cuidados oferecidos a uma criança”.

Reforçando com isso o estereótipo de que o gênero masculino, mesmo que genitor, também se afasta desses cuidados no trato dos filhos, seja por não encontrar espaço na própria família, seja por não ter sido solicitado a tais tarefas, que venham a diluir dentro da sociedade essas compartimentações de que cada espaço social cabe a um único gênero, e que se houver esse trânsito entre eles, que o outro seja “vigiado” em suas performances sociais.

Em outro artigo, assinado por Mandelli (2014) e intitulado “Creche tem mais professores homens”, encontram-se relatos como do professor Rodrigo Matheus:

[...] trocou duas vezes de escola, por conta de preconceito. “Já ouvi mãe dizendo: “Não quero minha filha na lista dele”, lembra. “Também já senti preconceito na própria comunidade escolar”, completa.

Rodrigo que não tem filhos, não sabia trocar fraldas quando começou. Em uma das quatro escolas que trabalhou, não havia banheiro masculino. Ele teve que lutar por dois anos para conseguir um banheiro destinado aos homens e deixar de usar o das crianças”.

Isso demonstra a multiplicidade de forças aos quais os homens estão submetidos por “não serem bem-vindos” nessa etapa da educação básica. Reforçamos a ideia, antes de mais, que:

[...] não só o homem enquanto educador, mas também o homem enquanto pai, pois grande parte dos homens divide os cuidados de filhos pequenos com suas esposas e cumprem essa tarefa muito bem. Porém, a sociedade considera que ele não é capaz de cuidar de seu próprio filho, vai saber cuidar dos quem mal conhece direito. (ARAUJO; HAMMES, 2012, p.9)

Assim como a mulher, o homem encara-se de reinventar-se não só para si mesmo, contudo para todo o entorno, apresentando-se como capacitado a todas as dinâmicas realizações que perpassam os espaços nos quais “habita”, pois o que se busca congrega aqui são esses elementos de funcionamento que dá a ambos os gêneros esse dinamismo de trânsito entre diferentes realidades profissionais.

Na continuidade desses aspectos apresentados sobre a presença dos homens na educação infantil, buscamos apresentar exemplos, como possibilidade de avançar na compreensão dos espaços escolares, tentando conjugar o valor dessa ambivalência de gêneros, com as contribuições que ambos os gêneros podem trazer em suas experiências e realizações, no intuito de lançar luz, e olhares, que não deformem essa realidade como sendo habitada por uma única possibilidade de gênero.

Trazemos com isso, artigo de Vanini (2014), que trata do tema “Homens lidam com estigma ao lecionar no ensino infantil”, que traz relatos como do professor Luan:

“Antes de começar a dar aulas, no ano passado, senti um pouco de medo. Tinha domínio da teoria, mas a prática ainda me assustava. Ficava pensando em como ia cantar musiquinhas com minha voz grossa e achava que, só de encostar nessas crianças, tão frágeis, poderia quebrá-las — brinca Luan, que é concursado da rede municipal e dá aula para 25 alunos de 3 anos. — Mas, na terceira semana, já estava brincando à vontade com todos. Gosto do que faço, não entrei enganado sobre as dificuldades”.

Experimentações que demonstram que existem espaços de possibilidades, que os determinismos de gênero não são limitadores que encerram nossas possibilidades de escolhas, contudo ainda é um caminho longo a ser percorrido como segue na reportagem:

Luan dá aulas para uma turma do 4º ano do ensino fundamental do CIEP Dauti Jobert Barreto, em São João do Meriti, na Baixada Fluminense, onde também é o único homem à frente de uma classe. O estranhamento por parte dos pais não é algo raro. Mas uma boa conversa dá conta do recado. *A própria diretora do EDI, Margarete Mendes, tem este cuidado*⁹.

Na última linha, a fala sobre a diretora da escola onde Luan trabalha aponta uma dupla análise: por um lado a de ter o cuidado de que ele sintasse confortável e integrado ao local de trabalho dentro de suas atribuições de professor, por outro não podemos deixar de notar um elemento que age como um marcador, um delimitador, pois evidencia que a diretora está agindo como uma articuladora entre os pais, a escola e o professor ou tão somente, precavendo-se de maiores problemas de livre interpretação “por ter um professor homem entre os alunos”. Embora não tenhamos subsídios suficientes para elencar essas possibilidades, apresentamos tão somente como uma análise pertinente ao espaço que se desenvolve esse tema, de tão grande valor e necessário na compreensão da baixa presença dos homens na Pedagogia.

Ainda na continuidade da reportagem de Vanini (2014), inserimos novo trecho onde o “corpo masculino” é apresentado como um problema para a atuação no espaço escolar, como o caso do:

[...] pedagogo Pedro Júlio Almeida Neto, de 25 anos. Ele já passou por quatro escolas e conta que em todas sofreu algum tipo de preconceito. Em alguns casos, pais chegaram a tirar seus filhos da instituição onde ele lecionava.

Essa passagem apresenta os problemas de tanta pertinência que vamos reelaborando dentro dessas análises, pois o problema converge em ser um professor homem na educação infantil ou senso comum, que não deixa os olhos anuviados de neblina preconceituosa?

⁹ Grifo nosso.

Não buscamos fórmulas mágicas que deem conta de inserir em espaços escolares a diversidade que se impõe pela letra da lei, porém congregar aprendizagens múltiplas, nas diferentes formas que o profissional da educação possa apresentar-se, independentemente de seu gênero:

[...] os professores da educação infantil deveriam ser homens e mulheres, [...] é um absurdo a discriminação sofrida pelos professores do sexo masculino. As leis que regulamentam a educação básica e a educação infantil no Brasil, também não fazem referência sobre quem deve ser esse profissional. [...] (ARAUJO; HAMMES, 2012, p.9)

A lei não delimita um gênero de atuação na educação infantil, agindo assim como consolidadora da pluralidade das possibilidades, contribuindo para que homens e mulheres ocupem dos mesmos ofícios, assim como em qualquer outra profissão. Porém, nas observações feitas nessa reportagem encontram-se declaradamente as observâncias do senso comum, de um lado (comunidade escolar, pais, etc.) e do outro o próprio profissional da educação infantil, que por conta de ser do gênero masculino, vê-se inserido em uma espiral de problemas a serem diluídos por conta de um “preconceito, desmesurando”, porém que ocorre, como no trecho abaixo, na fala de Pedro Júlio Almeida Neto, 25 anos:

“Em 2009, assumi uma turma de alfabetização, numa escola da prefeitura de Belford Roxo, onde me sentia oprimido pelos pais. Eles perguntavam se teria mais alguém em sala e se eu tinha filhos. Não era explícito, mas sentia uma preocupação de conotação sexual, pelo fato de ser homem, era um medo de que os filhos fossem molestados. Os responsáveis também procuravam defeitos em meu trabalho, reclamando do meu método de ensino e dos deveres que passava. Mas, em alguns meses, consegui conquistá-los com os resultados do meu trabalho — recorda-se”.

Uma fala de grande pertinência, pois não raro encontram-se relatos dessa natureza, em conversas com professores homens que aturaram (ainda que somente como estagiários), como de profissionais nessa etapa da educação básica. Eles passam por essa “conduta de ajuste”, onde o “corpo” que, diferente do que se espera encontrar, tem que se ajustar aos espaços, olhares e formas de comportar se, na realidade que se encontra. Ao estabelecermos um olhar sobre essa complexa equação de espaços, realidades, relações e corporalidade, entendem-se que:

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *té/los* normativo e definidor. (BUTLER, 2015, p.37)

Assim, diante desses fragmentos de reportagens queremos demonstrar que a possibilidade de compreensão dos homens atuantes na educação infantil é uma realidade existente, permanente, porém ínfima diante do universo feminino que se ocupa dos mesmos lugares escolares. Ser um profissional da educação pressupõe-se compreensão das reais necessidades de aprendizagens dos alunos, não elencando sua sexualidade ou gênero como um pressuposto para efetivar uma discriminação contra o sujeito em sua subjetividade, como se houvesse um “desejo inconsciente” de ferir. Não buscar a compreensão da realidade posta, pode convergir a interpretações distorcidas, pois a fala de Simone Ruiz, mãe das gêmeas Valentia e Maria Antonia, de 6 anos, faz referência ao professor Perseu (gênero masculino), de suas filhas, em continuidade a reportagem de Vanini (2014), quando diz que:

[...] A mãe diz que não teve qualquer motivo para temer a novidade, justamente por se informar do histórico do professor.

“Ele tinha ótimas referências. Perseu soube perfeitamente dosar com afeto a proteção maternal que crianças nessa idade ainda esperam de um professor. As meninas se desenvolveram muito e encerraram o ano completamente apaixonadas por ele — avalia. — Acho que as escolas deveriam investir mais nessa diversidade. Se hoje a gente busca esse equilíbrio com pai e mãe atuando na educação dos filhos em casa, é legal que isso seja reproduzido nos colégios também”.

Demonstra essa mãe em seu relato *“justamente por se informar do histórico do professor”*, não sua preocupação com os processos de ensino, ou capacidade técnica do professor em questão. Deixa na subjetividade das entre linhas quase uma solicitação de antecedentes criminais, colocando com isso o gênero masculino que atue como professor na educação infantil, sob a pecha de profissional a ser observado, de perto. Pois como as novidades sempre trazem alardes, assim, acontece com essas experiências ainda tão escassas acerca dos homens na Pedagogia e/ou atuando na educação infantil.

Como análise ainda, dentro desse contexto tão laborioso dessa pesquisa, que não se esgota em suas observações as infinitas possibilidades que se pode desenrolar para a compreensão e análise das ocupações que estão postas nesse trabalho, o comentário de Sandra Pereira Tosta, que atua na pós-graduação de educação da PUC-Minas, em reportagem de Vanini (2014), diz que:

“Social e culturalmente, o que se espera é que os cuidados com a criança fiquem por conta da mulher, mãe, de preferência. É como se isso a habilitasse automaticamente para educar. Ainda há muito preconceito em relação ao homem cuidando de crianças, porque é estigmatizado como pedófilo. E o medo da pedofilia, principalmente, está muito presente na percepção da população” — diz Sandra.

E a ainda, na continuidade dessa fala temos que:

“É preciso mostrar que educar, e não somente cuidar, não é tarefa exclusiva da mãe, mas de quem está habilitado para educar. A identidade da educação infantil não pode ser genericada ao ponto de não ser permeável às mudanças e ao diálogo com outras possíveis identidades”.

Essas distorções e ruídos sociais implicam compreender como os espaços sociais, na relevância das aprendizagens que a escola deixa de proporcionar ao excluir o profissional homem como professor na educação infantil, é uma continuidade de estereótipos de gênero, como outrora fora colocada a mulher como a “mais capacitada” ao exercício de tão nobre carreira profissional. Também a essa última é tolhida o potencial de sua identidade pessoal, pois não se lança sobre essa mulher professora a possibilidade de identidades diversas enquanto mulher e sim, a “maternidade”, interrompendo as possibilidades de criar em si e para si, uma realidade que a coloque em pé de assumir, assim como os professores homens, a identidade profissional com os quais ambos congregam dos mesmos espaços e perspectivas de ensino.

Homens assumem em si as dinâmicas impostas por uma realidade social, permeada por uma forma de androfobia, que nem sempre se expressa de maneira tão velada, evidenciada com os percalços de ingresso e permanência na educação infantil. Como elaborado dentro dessas abordagens, as dificuldades que têm os homens de inserirem-se na educação infantil estão também relacionadas às dificuldades das mulheres de serem compreendidas e reconhecidas como profissionais da educação, dentro de sua realidade de professoras. Cabe buscar

nessas diferentes dinâmicas não o espaço de cada gênero, mas a “desmasternalização” essa etapa de ensino.

Homens e mulheres integram as mesmas realidades escolares. Em suas capacidades técnicas e em suas subjetividades individuais, garantir que ambos possam se realizar dentro dessa esfera, é a compreensão que se busca dentro desses espaços escolares, na comunidade onde a escola se insere e atuando de dentro para fora dos espaços escolares.

9 PROFESSOR! QUE PROFISSÃO É ESSA?

Compreender a forma como se dão as escolhas acerca da rotina da profissão que se irá escolher é fundamental para optar-se por uma efetiva escolha, atrelando-se a isso, prestígio social, salário e todas as adjetivações que engrandecem a carreira que se pretende seguir. Ao longo dos diferentes capítulos desse trabalho de pesquisa temos evidenciado como se dão essas percepções em diferentes frentes de análise, observando salários e distribuição de gênero nos cursos. A seguir focaremos especificamente no magistério, evidenciando suas características em razão das percepções no âmbito das escolhas dos jovens, da família e da sociedade.

Essas percepções demonstram que o magistério não é tido como uma carreira promissora a ser seguida do ponto de vista econômico, como aponta artigo de Oliveira (2011) publicado na Carta Capital:

“Você é louca! É tão inteligente, sempre gostou de estudar, por que desperdiçar tudo com essa carreira?” Ligia Reis, de 23 anos, ouviu essas e outras exclamações quando decidiu prestar vestibular para Letras, alimentada pela ideia de se tornar professora na Educação Básica. [...] no curso de História, Isaías de Carvalho, de 29 anos, também era recebido com comentários jocosos. “Vai ser professor? Que coragem!” Estudante de um colégio de classe média alta em São Paulo, Ana Sordi, de 18 anos, foi a única estudante de seu ano a prestar vestibular para Pedagogia. E também ouviu: “Você vai ser pobre, não vai ter dinheiro”.

O destaque do artigo demonstra claramente como é entendida a carreira do magistério: tomada como uma “loucura”. A desvalorização e desprestígio social do magistério é também um processo histórico, como argumentam Palazzo & Gomes (2012, p.882), “[...] a profissão docente gozava de certo status social, mas perdeu esse prestígio ao longo do tempo, pois se alterou o papel tradicional dos docentes. Juntamente com os párocos, os professores do ensino primário eram os únicos agentes propagadores de cultura nas aldeias e vilas da província”.

No decorrer dos anos, contudo, a profissão docente foi sendo esvaziada dos discursos de importância. Pois os dados que se apresentam vão dando conta de

demonstrar como a profissão de docente se distância das escolhas como profissão a ser seguida, conforme a continuidade do artigo de Oliveira (2011), que afirma: “Em sete anos, nos cursos de formação em Educação Básica, o número de matriculados caiu 58% ao passar de 101.276 para 42.441”. Tais perspectivas “alijam” a docência como efetiva escolha de formação.

Ao perceber-se dentro de uma lógica de mercado de consumismo, onde a busca pelas realizações de conquista de bens e os salários demonstram ser o motor de “motivações pessoais”, atrelado a isso os prestígios que a profissão carrega consigo. Contudo, olhando as diferentes vertentes em que esses elementos convergem, encontramos outros elementos no próprio artigo citado, como:

Uma olhadela na história da educação mostra que não é de hoje que a figura do professor é institucionalmente desvalorizada. “Há textos de governadores de província do século XIX que já falavam que ia ser professor aquele que não sabia ser outra coisa”, explica Bernardete Gatti, da Fundação Carlos Chagas, coordenadora da pesquisa Professores do Brasil: Impasses e desafios. [...] entre as décadas de 1930 e 1950, a figura do professor passou a ter um valor social maior.

Se historicamente a profissão da docência não fora codificada como importante, isso demonstra que em determinadas “janelas de oportunismos”, tomou-se a docência como “palanque de propagandas” de uma nova sociedade de vanguarda.

Porém cala-se a continuidade desse processo de desenvolvimento e valorização. “Construir” a carreira da docência é tomada como uma “escolha do possível” nas situações em que “o jovem que procura a carreira de professor hoje no Brasil é oriundo das classes mais baixas e fez sua formação nas escolas públicas”, como aponta Oliveira (2011) no artigo publicado na Carta Capital. E o texto continua:

[...] essa visão enraizada na cultura brasileira de que ser professor é uma missão ou vocação – e não uma profissão – acaba contribuindo para a desvalorização do profissional. “Socialmente, a representação do professor não é a de um profissional. É a de um cuidador, quase um sacerdote, que faz seu trabalho por amor. Claro que todo mundo tem de ter amor, mas é preciso aliar isso a uma competência específica para a função, ou seja, uma profissionalização”.

Se a visão que se tem da docência, analisando esse fragmento do artigo de Oliveira (2011), é dessa “alma pura, que se doa em causa dos bem-estar dos

outros”, isso extrapola as possibilidades de fundar de reconstruir a identidade desse profissional. Nessa busca de compreensão desses elementos tão importantes para a docência, em outro artigo publicado na Revista Nova Escola em fevereiro de 2010 sob o título de “Por que a docência não atrai”, encontramos outros indícios desse “mapa de evidências” sobre as motivações de distanciamento do magistério:

Sim, o professor é fundamental para a sociedade e exerce um trabalho importante, nobre, gratificante e de muita responsabilidade. Mas, não, obrigado, não queremos ir para a sala de aula. É isso que diz a maior parte dos jovens brasileiros hoje. O trabalho é mal remunerado e o docente é confrontado pelos alunos, esquecido pelo governo e desvalorizado pela sociedade.

A má remuneração, o abandono pelas esferas governamental e o desprestígio social pintam um retrato de como o magistério é visto pelos jovens como uma carreira a não ser seguida, compreendendo com isso, que esses fatores aparecem como determinantes, ignorando-se que todas as profissões carregam consigo seus estigmas e dificuldades dentro da esfera social e do “roll” de possibilidades de inserção. O prestígio de uma profissão está fortemente ligado aos elementos “românticos”, que se podem lhe atribuir, assim enxergando do ponto de vista do viés mais “humanitário” ao tomar a carreira de um médico, como exemplo, pela ideia de querer cursar medicina por querer ajudar as pessoas. Ignora-se, com isso, o lado capitalista que se esconde por trás de cada profissão, como se aspirar a tal profissão, fosse viver da filantropia ou mais distante ainda, ignora-se como é a rotina de um profissional da saúde, no caso aqui citado, o médico.

Ver-se como autor, saber-se responsável, reconhecer-se na profissão. Estas questões passam, inexoravelmente, pelo processo de escolha profissional desde o seu nascedouro. Deslindar as razões que levam um jovem a se interessar pela carreira docente e compreender, no seu interior, o papel que cumpre um curso de formação inicial, particularmente no terreno das disciplinas didático-pedagógicas, constitui-se em nosso objeto de estudo. (D’ÁVILA, 2007, p.219)

Nessas buscas por si mesmo, e das realizações individuais que perpassa pelos diferentes caminhos de nossas conquistas pessoais, passando com isso, pelos diferentes crivos e aprovações nas mais diferentes esferas, seja ela familiar, amigos, sociedade e mesmo mercado de trabalho. Nessa busca pelo lugar do

espaço que consagra, e traz os “louros da conquista”, o artigo da Nova Escola (2010) afirma:

O maior vestibular do país, promovido pela Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), oferece 109 opções de cursos. E a graduação em Pedagogia no campus de São Paulo está na 90ª posição - no de Ribeirão Preto, é ainda pior: 92ª. Licenciaturas e disciplinas da Educação Básica são ainda menos procuradas pelos jovens.

Nesse olhar da docência como uma escolha que não aparece no ranking das “10 mais”, e baseando-se nas evidências que vamos elencando ao longo desse trabalho de pesquisa, o salário é uma das evidências. Como no relato de Ivan (escola particular de Campo Grande), dentro da composição da reportagem citada (2010): "Já pensei em ser professor, só que desisti rápido. Não tenho essa vocação, essa habilidade". Nas palavras de Carlos, aluno da rede pública de Fortaleza, "já imaginei me tornar professor de Inglês, mas foi só por um momento". Se por um instante os jovens consideram a docência, isso demonstra que a carreira carrega alguma atratividade, contudo não tem “força suficiente” para manutenção dessa atratividade, pois ao que parece essa busca por:

Identificar-se com uma profissão, desenvolver uma intimidade com a mesma, de modo a não poder imaginar-se fazendo outra coisa. Estar impregnado deste fazer, integrado a este universo, sendo assim reconhecido pelo que se faz. É encarnando as relações sociais que o indivíduo configura uma identidade pessoal, uma história própria, um projeto de vida. (D'ÁVILA, 2007, p.223)

A identificação nasce do conhecimento acerca das diferentes performances que giram em torno da profissão, para muito além da visão “romantizada”, que constitui a “aura” das profissões, e com isso ignora-se em certa maneira como se dão os acontecimentos de todas as diferentes frentes aos quais encaramos aquela profissão. Podemos evidenciar entre as diferentes hipóteses possíveis que a forte identificação e vivência que o jovem tem em relação à carreira docente, uma vez integrado diretamente e longamente dentro da escola, passa a integrar e vivenciar essa simbiose de íntimo relacionamento com a docência, como sua experiência profissional mais próxima, afastando-se com isso das possibilidades do dia a dia de qualquer outra profissão, dentro da extensa lista de escolhas que possa vir a escolher como carreira a ser seguida.

Com isso, se os jovens pudessem “efetivamente” relacionar-se com diferentes universos de possibilidades de realidade profissional, contemplariam assim, para além de suas “imagens constituídas” por desejos e sonhos, aproximar-se da “verdadeira forma” da prática cotidiana, pois é possível argumentar que a docência afasta por conta de ser essa a profissão que mais se aproxima desse jovem. Encontrando ainda um reforço infindável no fato de que a docência é uma profissão “desvalorizada”.

Diante dessas hipóteses e evidências apontadas em diferentes fontes pesquisadas, dá-se conta de diferentes frentes de análise, de como a docência é encarada dentro da sociedade brasileira e sua historicidade e atualidade. Pois uma evidência também se constitui, dentro do espectro dos espaços, a respeito das lutas e conquistas que a classe vai galgando ao longo de sua formação – com isso deixando suas marcas na sociedade como necessária, fundamental e importante.

Buscamos em todas essas análises, nos distanciar o máximo possível, de discursividades de senso comum, das poder-se-ia apropriar-se como “escudo/espada” em defesa da carreira de docente como a determinante para uma sociedade escolarizada, pois seria reducionismo acreditar que toda aprendizagem passa pela escola e tão somente pela escola, minando com isso a subjetividade e capacidade de indivíduos e grupos de construir seu saber por si mesmos.

9.1 “SER PROFESSOR”

Se nos anais da história, a capacidade de ser letrado, despertava ira entre homens, por conta de ser quase uma “dádiva divina”, ser dotado das habilidades de “ler e contar”, esses ensinamentos, foi com o passar dos tempos condensando-se na figura do “preceptor”, que culmina finalmente na constituição do professor. Ainda que as temporalidades não tenham ocorrido como da forma como se descreve, porém, a caracterização de ilustratividade que tem como intuito, buscar analisar como se olha nas atuais realidades a figura desse profissional, tão invocado como importante na sociedade moderna e ao mesmo tempo, relegado a um “obscuríssimo” tão aterrador, seja por ser deixada a educação como um todo a planos menos importantes em um primeiro momento dentro das demandas dos governamentais, seja por estar distante dos interesses dos jovens em suas listas de carreiras a serem seguidas, como demonstra:

[Ser professor] “é sofrer, né?” (Antonio, escola pública, Taubaté), é trabalhar muito, ser mal remunerado e ter nenhum ou quase nenhum reconhecimento social. Os jovens percebem o professor como um profissional desvalorizado, e vários deles destacam que essa desvalorização é excessiva no caso brasileiro, pelo “baixo salário” e pela “carga horária excessiva”. (FCC/FVC, 2009, p.32)

Tais falas só confirmam a longa discussão que temos apresentado nesse estudo, acerca da desvalorização da docência, incluindo como a mesma é “sentida” como não tendo atratividades às “jovens escolhas”. Contudo, conforme evidenciamos acima, à docência é uma das profissões que o jovem mais tem contato, construindo assim a visão dessa identidade profissional, das evidências de vivência como uma adversidade diante das escolhas que poderá vir fazer para si entre as possibilidades existentes. Todas as experiências nascem de realidades vividas, apropriadas de elementos que nos constituem, nessa simbiose de desenvolvimentos entre eles:

[...] a identidade profissional docente deve ser entendida como prática social construída pela ação de influências e grupos que configuram a existência humana. A prática educativa é uma prática social; assim sendo, a constituição da identidade docente só acontece no âmago dessa prática, e em relação com outros, com o grupo de pertença. Assim, compreender esse processo passa pela compreensão do seu próprio caráter intersubjetivo e relacional. (D'ÁVILA, 2007, p.224)

Avolumando-se ainda a essas aprendizagens de escolhas, as visões “panorâmicas da realidade” a respeito da:

[...] situação brasileira na visão desses jovens, a profissão docente envolve, para eles, uma dificuldade intrínseca, pois exige ouvir e fazer o outro se envolver no processo de aprendizagem. Por isso, é uma carreira “difícil”, “cansativa”, “que exige muito”; “é trabalho que vai além da sala de aula”. (FCC/FVC, 2009, p.36)

Contudo, na fala de outra estudante, apresentando a dicotomização entre duas realidades de “ser docente”:

Eduarda, aluna da escola pública de Fortaleza, afirma que 90% dos professores da escola particular “sabem dar uma aula e sabem tirar dúvidas sobre qualquer coisa que você esteja pensando e [...] coloca sua atenção ali e você tem o aprendizado”. (FCC/FVC, 2009, p.36)

Falas que evidenciam como a carreira do magistério apresenta-se como distorcida. Ela não é vista como possibilidade de “status social”, não está

relacionada com a busca de realização pessoal, anteriormente planejada como a opção que o coloraria entre os louros das conquistas dos genitores. Adiante, na fala de Jeane, estudante escola pública em Taubaté, temos:

[...] porque a gente vê o sacrifício que o professor faz pra poder ensinar, porque pra ensinar, por exemplo, uma sala que nem a minha, não pode ser novato, primeiro dia, não pode, tem que ter energia, tem que saber, ter 3 ou 4 anos [de experiência] com a cabeça bem boa, com psicologia, pra poder enfrentar a sala, senão não aguenta mesmo. (FCC/FVC, 2009, p.37)

Essa fala reforça a ideia apresentada por D'Ávila (2007, p.221):

[...] quadro que caracteriza a formação inicial como problemática, diante do qual concebemos como principais hipóteses: a) o peso relativo da formação inicial no processo de construção da identidade profissional dos futuros professores; b) as disciplinas do curso de licenciatura não parecem aos estudantes corresponder às representações do ato de ensinar.

Essas formatações vão sendo sedimentadas e tais sedimentos conferem às jovens direções para suas escolhas, quais serão “deferidas ou indeferidas”, diante das experiências que realizam em suas formação e constituição frente à realidade social e ao mercado de trabalho.

[...] há dois processos convergentes ou não que concorrem para a constituição das identidades: um processo biográfico [...] e um processo relacional, sistêmico e comunicacional [...]. O primeiro está ligado à trajetória de cada um, o que inclui múltiplas esferas, seja da família, da formação escolar e profissional, do trabalho, etc.; o segundo, relacional, está ligado às relações partilhadas em atividades coletivas, organizações, instituições etc. Neste sentido, não há como se pensar numa disjunção possível entre identidade individual e identidade coletiva. (D'ÁVILA, 2007, p.224)

O jovem tem olhado a docência não com distanciamento ou como ruptura dentro das possibilidades a serem escolhidas, e não se podem negar os “lobbies” sejam eles familiares, amigos, mídia ou mercado de trabalho. Diferentes forças interferem diretamente sobre esse jovem na constituição da:

[...] identidade profissional docente, o sujeito do trabalho é o ser humano, portanto sua característica mais marcante é a interrelação entre as partes (aquele que ensina e aquele que aprende). Nesse sentido, é um trabalho interativo, por definição. Um trabalho que conduz à interação no seio de uma organização. Como tal, os professores constroem e reconstróem uma identidade profissional pertinente a um grupo, ou ainda, a subgrupos específicos, a depender do segmento ao qual pertençam (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio) e de suas características específicas. (D'ÁVILA, 2007, p.224)

Porém a forma como o jovem constitui-se nessa esfera de possibilidades profissionais parece não encontrar correlação com a ideia apresentada na fala de André, um aluno de escola particular de São Paulo, que declara:

Tem gente que fala... todo mundo aqui já ouviu uma frase que é “Quem pode faz, quem não pode ensina”, e eu discordo dessa frase porque eu mudaria para: “Quem é egoísta faz, quem é generoso ensina”, porque um professor, no fundo, ele divide o conhecimento dele com os alunos [...] eu acho que o professor não deveria ser julgado daquela outra maneira. (FCC/FVC, 2009, p.37)

A forma como se constituem as ideias que perpassam os ensinamentos da escola por onde esse aluno vive suas experiências intraescolares ou extraescolares, como um lugar que não dá “valorização” aos docentes, relegados a “servis do conhecimento” que ensinam, desfiguram-se suas identidades subjetivas, afastam qualquer possibilidade de apresentar à docência como uma profissão desejável, capaz elevar-se nas esferas sociais.

Afasta-se dos desejos, os devaneios do Ego, em seus relacionamentos sociais nessa busca incessante da satisfação de “execução do pacto familiar”, no cumprimento desses tradicionalismos que perpassam a vontade inquestionável do que é um tradicionalismo, no seguimento de pai para filho.

Ser docente, é enfileirar-se entre os que assumem para si a carreira no magistério como uma profissão e não como um estilo de vida, mesmo diante de todas as múltiplas dificuldades a serem vencidas. Faz-se necessário voltar-se para dentro da própria profissão, e a mesma reinventar-se em sua revalorização de si, como categoria. Constituir-se como não só mais uma possibilidade profissional, porém como uma profissão que constrói e contribui com o desenvolvimento pessoal e profissional de cada sujeito, que perpassa pelos espaços escolares nos mais diferentes momentos de suas vidas.

10 O HOMEM PEDAGOGO E SUA ATUAÇÃO NAS DIFERENTES ETAPAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ao longo dos anos percebe-se uma inserção do gênero masculino, na profissão docente, em áreas de atuação ainda de intensa ocupação pelo gênero feminino. Tal inserção vem contribuir positivamente para ambos os gêneros, no sentido da escola com seus contornos para ultrapassar a ideia de senso comum da “escola maternal” ou da “escola cuidadora”. Segundo Louro (1997, p.96) “usualmente vinculando-a à educação dos filhos e filhas [...] impondo a necessidade de professoras mulheres e, posteriormente, favorecendo a feminização da docência”.

Como dito em momentos anteriores, a presença do gênero masculino na Pedagogia, ainda que de baixa adesão, em nenhum momento se apresentou como totalmente ausente, mesmo com índice abaixo de 10%, porém sua permanência ao longo do período de estudo manteve-se sempre presente.

No capítulo anterior, onde “ventilou-se”, ainda que de forma tímida, algumas hipóteses sobre as motivações e dificuldades que tornam a carreira da docência menos atrativa, diante do extenso “roll” de possibilidades de escolhas entre os jovens, demonstraremos a seguir como se distribuem homens e mulheres nas diferentes etapas de atuação da graduação em Pedagogia, compreendendo a: Creche, a Pré-Escola e os Anos Iniciais.

Os gráficos que analisaremos dão conta da separação entre homens e mulheres na atuação profissional da Pedagogia, não se tratando aqui de pretensões salariais, pois esse tema já foi anteriormente discutido.

O que podemos trazer como hipótese nessa análise diz respeito aos estereótipos que carregam a formação, os preconceitos que inidem contra o gênero masculino, ao atuar diretamente em etapas da educação onde as idades ainda são muito ternas. Considerando Louro, em citação antes apresentada:

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais constituem *verdadeira carreira* das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, *a menos* que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. Em seu processo de feminização, o magistério precisa, pois, tomar de

empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc. (LOURO, 1997, p.96)

Analisamos que estes aspectos de feminização do magistério refletem nas práticas das creches, por exemplo, despertando com isso essas marcações vindas do senso comum, como diz Souza (2010, p.152): “os estereótipos simplificam o real, favorecendo uma visão esquemática, própria aos preconceitos”.

Essas simplificações dão conta de “satisfazer” os argumentos para explicar a ausência ou não permanência do gênero masculino nas primeiras etapas da do sistema educacional, pois temos ainda que “[...] [o] termo estereótipo está ligado a noção de preconceito, inexatidão, crença geral, ela vai trazer também a ideia de estabilidade e através dessa noção ambivalente, podemos partir para a reflexão da relação do indivíduo com o outro e consigo mesmo, dos grupos com seus membros, etc.” (SOUZA, 2010, 152).

Essa construção do estereótipo dá conta de simplificar e amplificar a ausência do gênero masculino na atuação dessa etapa da educação ou ainda, não tornar “atrativa” sua atuação, por fatores que podem não ser externalizados em suas escolhas como pretensão profissional. Levando-se em conta que tais escolhas atingem ambos os gêneros, ainda que a presença do gênero feminino seja maior, como analisamos no capítulo anterior: a docência, não é a escolha marcadamente presente entre os jovens.

Considerando todos os processos de distribuições profissionais abordadas nesta pesquisa, observamos a presença feminina, para esta inserção na docência, fundamentalmente na Educação Infantil, subentendo e dialogando com todo o processo histórico já mencionado, pode ser vista esta escolha como um caminho para um “fácil” acesso ao mercado de trabalho. O que por sua vez, nos faz repensar a estrutura da Educação Básica, como está se constitui, quais são os papéis delegados aos futuros pedagogos e pedagogas.

Apresentamos nos gráficos abaixo, as distribuições de homens e mulheres nas diferentes etapas da educação por região brasileira, e uma análise especial em relação a capital do estado do Paraná, Curitiba. Os gráficos apresentados foram feitos com base na composição de dados das Sinopses Estatísticas da Educação Básica do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e do Ministério da Educação e Desporto - MEC, compondo a série histórica

compreendendo os anos de 2008 até 2017. No gráfico 13 apresentamos a distribuição por gênero dos profissionais atuantes nas creches brasileiras entre 2008 e 2017.

GRÁFICO 13 - CRECHE BRASIL

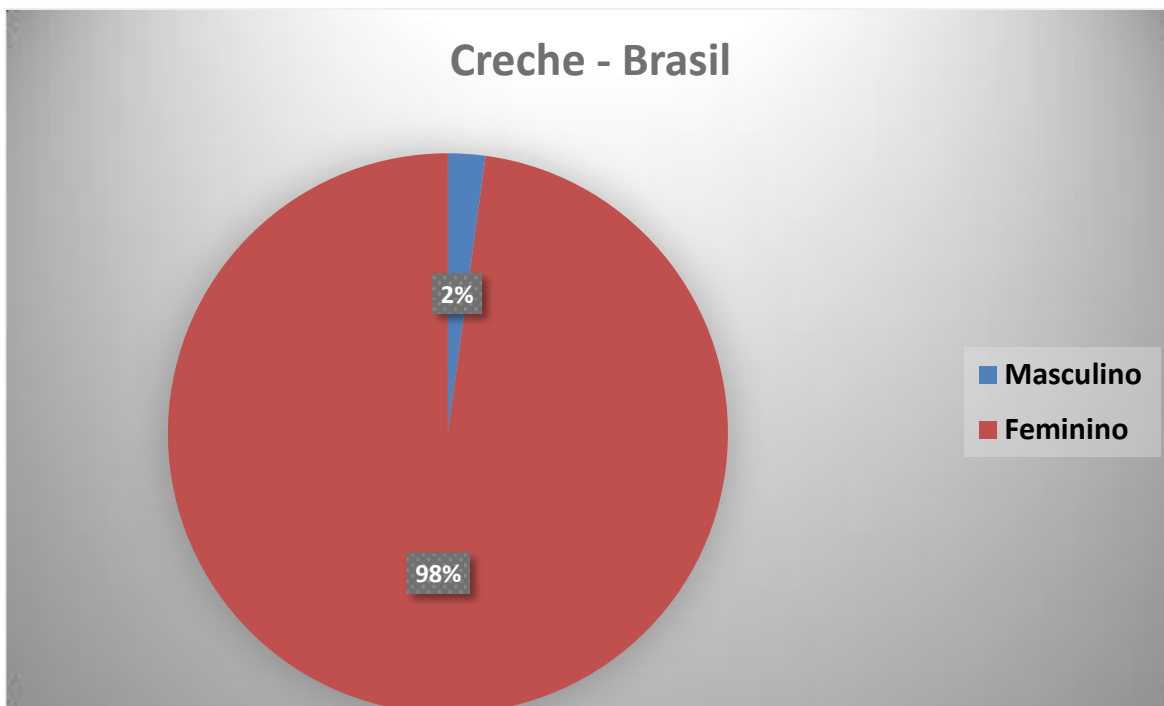


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

A representatividade do gênero masculino apresenta-se como muito menor em um marco de 10 anos de análise, expressando que a Creche efetiva-se por uma presença muito mais feminina, reforçando com isso o que Souza (2010, p.152) argumenta sobre “[...] o conceito de estereótipos [que] está diretamente relacionado a forma como a sociedade de uma maneira geral, concebe, compartilha e julga determinados grupos sociais”. Entendendo que essa etapa da Educação Básica ainda converge muito mais com o “cuidar” e muito menos com o “instruir/educar”, e pretensamente a mulher em suas “qualificações femininas” apresenta esse ideal.

Contudo, defende-se a ideia de que nas diferentes etapas da Educação Básica, e principalmente na Educação Infantil, a presença do gênero masculino pode ser uma forma de diversificação das diferentes possibilidades de construção e efetivação do aprendizado. Segundo Thomas & Venturini (2013, p.6) é “[i]mportante abordar nessa discussão sobre políticas públicas brasileiras para a

Educação Infantil e a formulação de políticas públicas visando à superação da questão do sexismo na educação e das desigualdades de gênero, contemplando as mais variadas formas de construção da feminilidade e da masculinidade”.

Pois a escola, como espaço inserido dentro de um contexto social, composta em sua laicidade, que a princípio a afastaria de confessar “crenças de subjetividade individual”, na realidade demonstra que tais elementos de crença não ficam “do lado de fora”, indicando com isso a necessidade de problematização sobre a presença masculina nessas esferas educacionais, por conta da importância tão amplamente discutida em relação às esferas familiares, na construção da subjetividade na infância, das figuras do masculino e do feminino. Ainda que a representatividade do gênero masculino, na Creche seja de apenas 2%, isso indica o interesse dos jovens do sexo masculino pela atuação nesse espaço escolar da Educação Básica, demonstrando a necessidade urgente, de homens Pedagogos na Educação Infantil.

No gráfico anterior apresentamos a distribuição por gênero masculino e feminino nas creches do Brasil. Ainda que a representatividade do gênero masculino seja de 2% no Brasil, ao apresentarmos essa distribuição pelas diferentes regiões brasileiras teremos, em números absolutos:

GRÁFICO 14 - CRECHE - POR REGIÃO

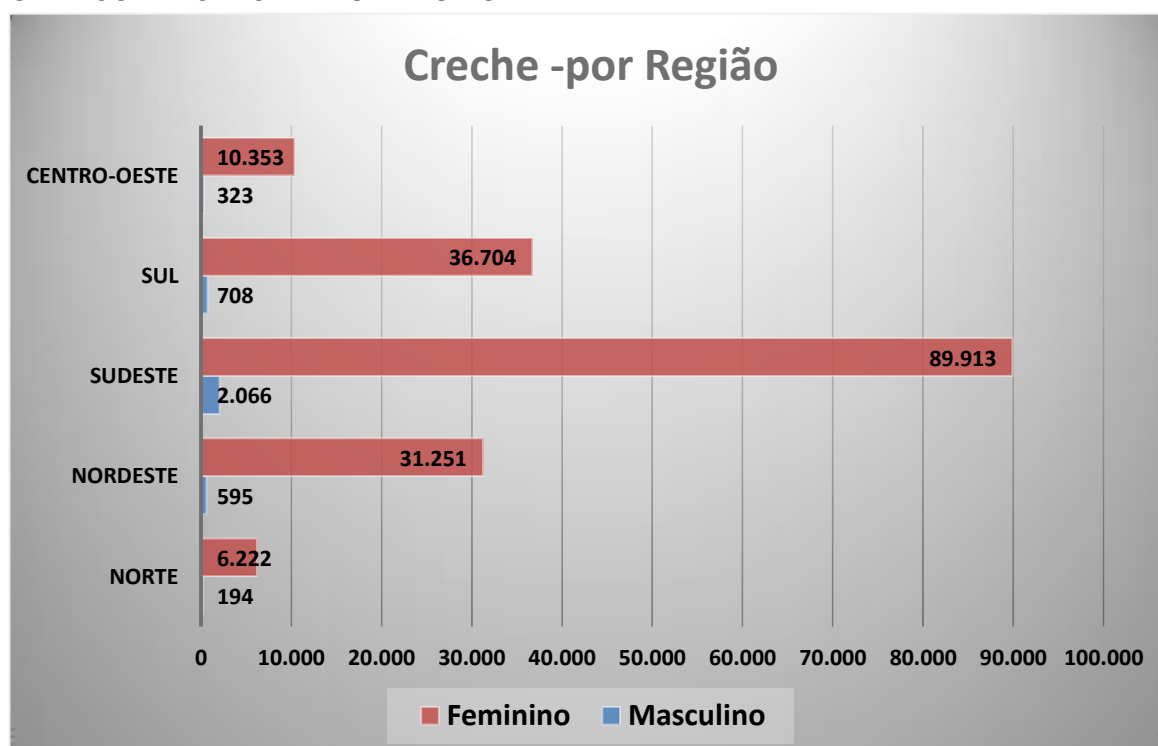


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

Na visão dessa distribuição por região, temos uma imagem mais clara de como os homens encontram-se distribuídos ao longo das diferentes regiões do Brasil.

GRÁFICO 15 - CRECHE MASCULINO

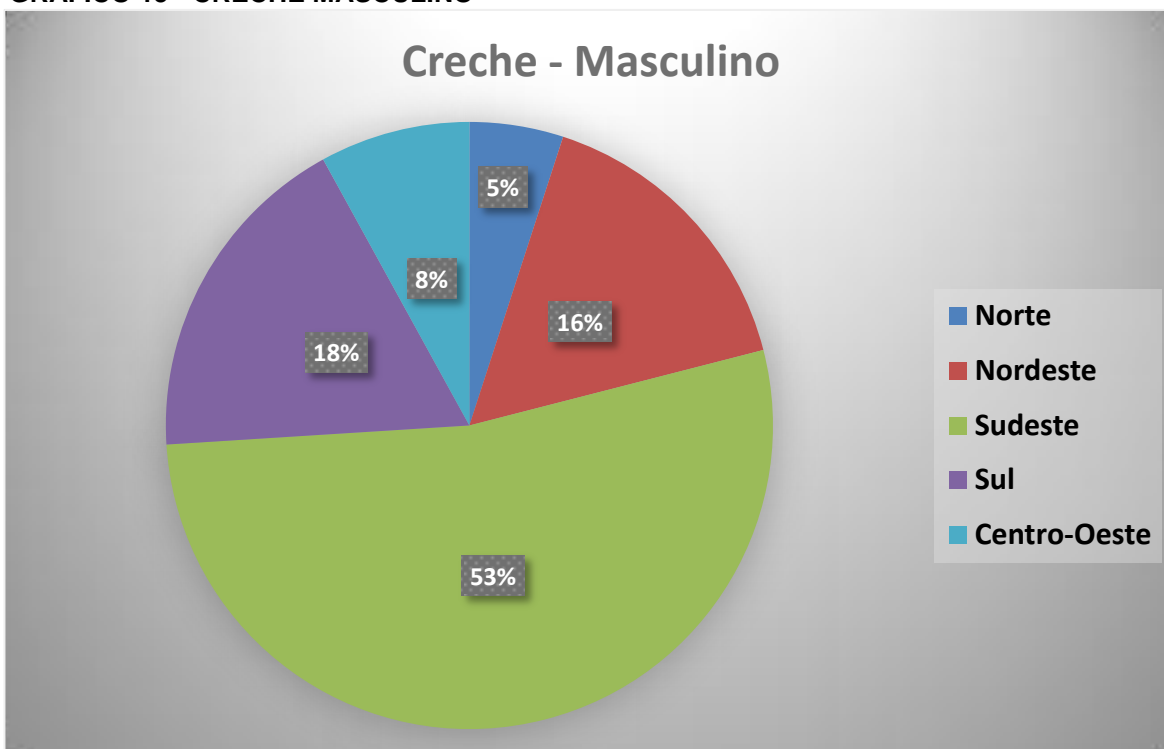


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

O Sudeste, tomado como a maior região do país na composição de seu desenvolvimento industrial/populacional, congrega 53% dos homens, acompanhado da região Sul, com 18% e da região Nordeste com 16%. Cabe aqui, um comentário acerca da percepção dessa distribuição, pois as diferentes regiões compõem-se de diferentes números de estados, demonstrando com isso a percepção que cada região tem dos diferentes gêneros na composição da ocupação das creches como espaço de desenvolvimento profissional.

Não podemos deixar ainda de levantar a hipótese de que essas composições das diferentes regiões se fazem com base em atendimentos, ocorrendo que em determinados "espaços regionais", pretensamente cidades, em função da não obrigatoriedade da creche, dentro do alcance da lei, determinar sua obrigatoriedade, para crianças de 0 a 3, ocorrerem "creches" paralelas às

oficialmente contadas dentro dessas sinopses do INEP. São espaços de Educação Infantil não institucionalizados e, portanto, não integram os dados da pesquisa.

Nas mesmas regiões, abaixo a composição do gênero feminino na atuação no mesmo segmento da Educação Infantil, como podemos ver no Gráfico 16:

GRÁFICO 16 - CRECHE - FEMININO

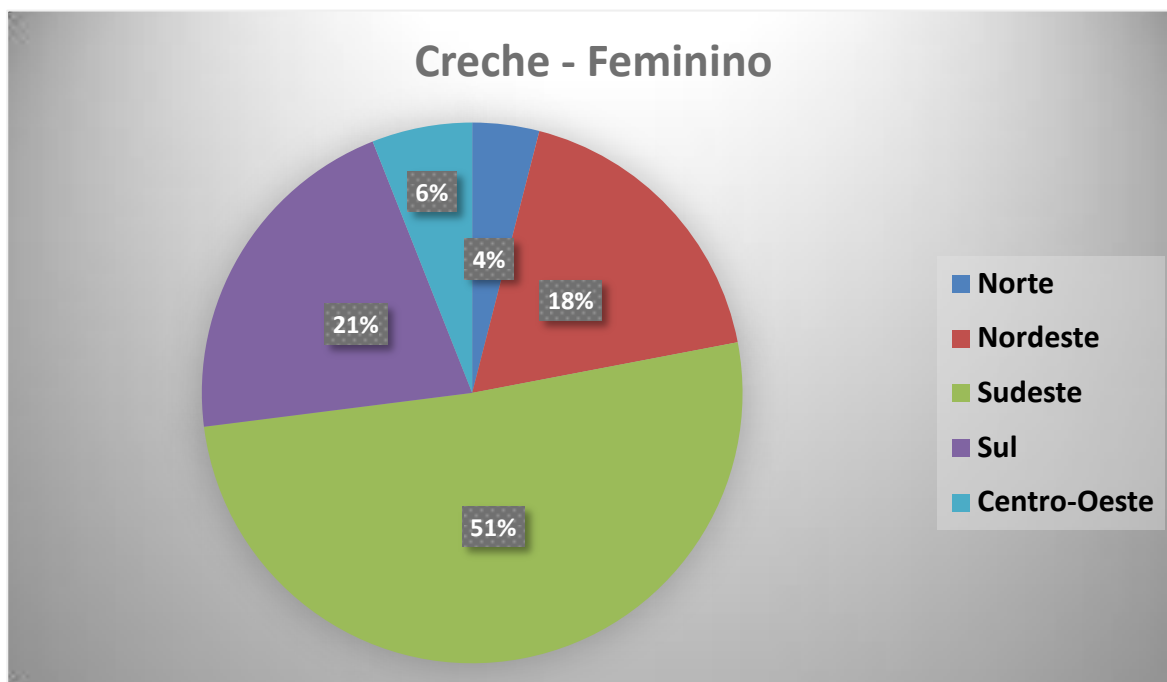


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

O gráfico apresenta, a mesma representatividade das regiões analisadas no gráfico da distribuição do gênero masculino, com as mesmas regiões, Sudeste, Nordeste e Sul, como centralizadoras com maior concentração de profissionais em atuação na Educação Básica na modalidade da Educação Infantil.

No Gráfico 17, apresentamos a distribuição de profissionais homens e mulheres na Pré-Escola no Brasil. Diferente da etapa anteriormente analisada, a Pré-Escola, centra-se como um segmento aonde as presenças dos homens com formação em Pedagogia aparecem de modo mais efetivo, no desenvolvimento afetivo/cognitivo, com atuação em saberes que já iniciem o preparo para as etapas posteriores da Educação Básica. Na contrapartida da Creche, onde essa atuação versa sobre os aspectos do cuidar e dos preparos do desenvolvimento

afetivo/cognitivo para as diferentes realidades do crescimento e da aprendizagem efetiva.

GRÁFICO 17 - BRASIL - PRÉ-ESCOLA

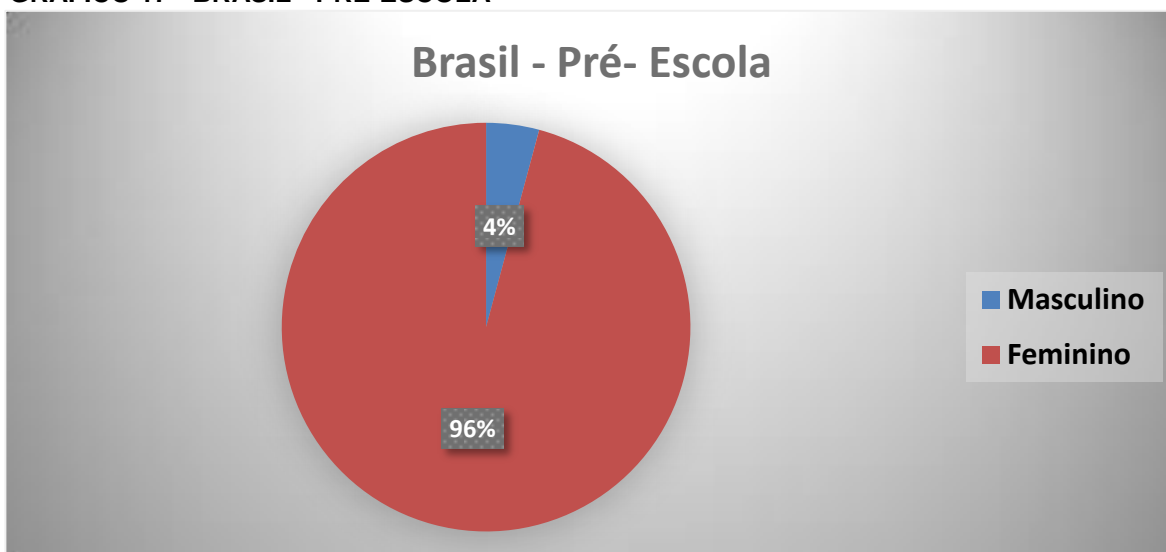


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

Na observação desse gráfico da distribuição por gênero na Pré-Escola, a atuação de homens dobra em relação ao gráfico anterior. Demonstrando a que a inserção de homens aumenta de forma constante e significativa ao longo das etapas de ensino. Nessa modalidade analisaremos, no Gráfico 18, como os gêneros se distribuem por regiões. Cuidando-se de reforçar novamente que a Pedagogia, embora seja de atuação muito mais ampla por parte do gênero feminino, não demonstra que o gênero masculino não possa adentrar-se como profissional nessa área.

GRÁFICO 18 - PRÉ-ESCOLA - POR REGIÃO

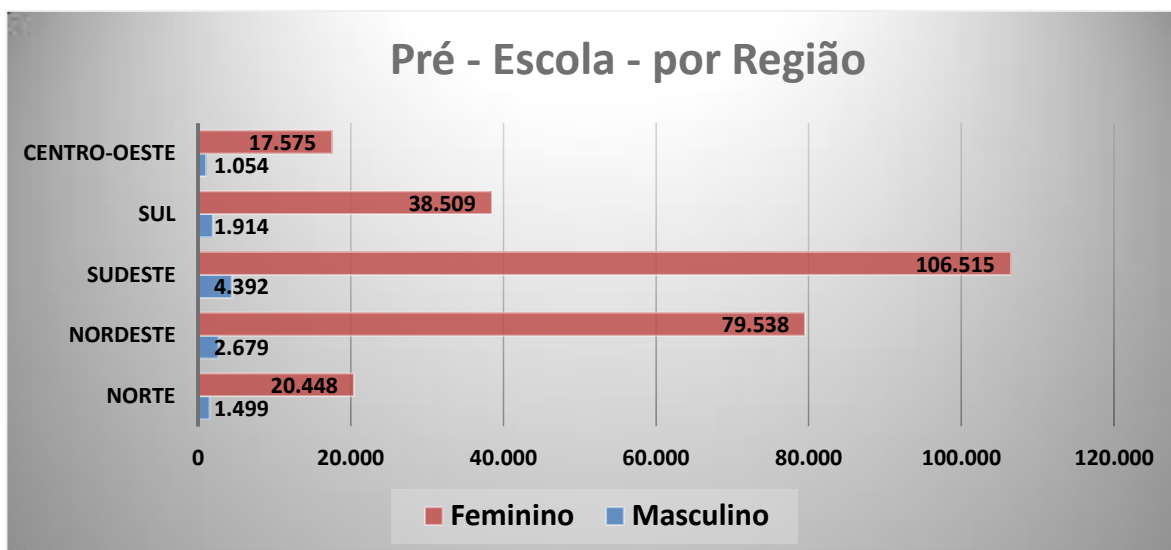


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

As distribuições de representatividade por região assemelham-se à observada em relação à Creche, com o Sudoeste com 37%, como a região com maior representatividade. Sendo seguido pela região Nordeste com 24% e a região Sul com 17%, despontando a região Norte, aproximando-se da região Sul, quase com a mesma representatividade.

GRÁFICO 18 - PRÉ-ESCOLA - MASCULINO

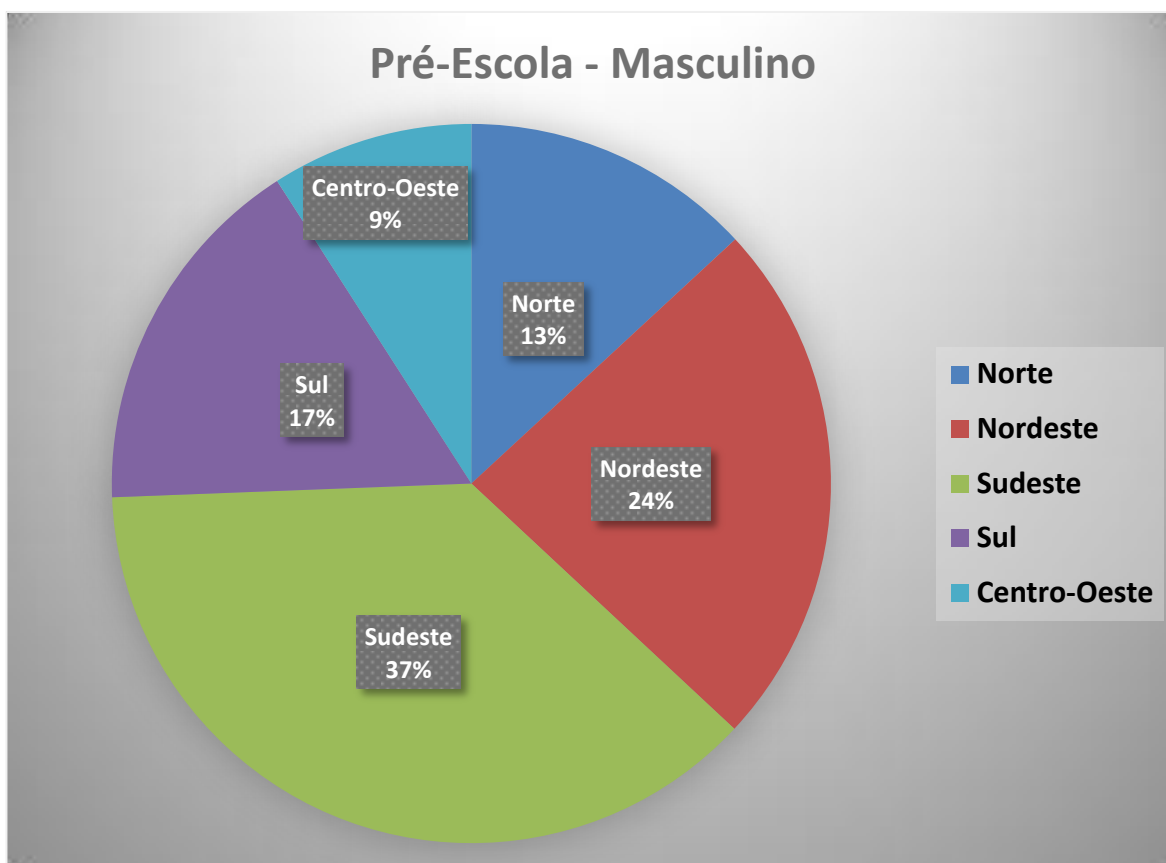


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

Tais verificações dão conta de indicar como nessa etapa da Educação Infantil, a disparidade é menos atenuada, se comparada com a etapa anteriormente analisada, colocando o gênero como dimensão relevante de reflexão e análise sobre essas diferentes realidades para o desenvolvimento de políticas educacionais e salariais na Educação Básica. No Gráfico 19, apresentamos a distribuição feminina, na mesma modalidade de educação.

GRÁFICO 19 - PRÉ-ESCOLA - FEMININO

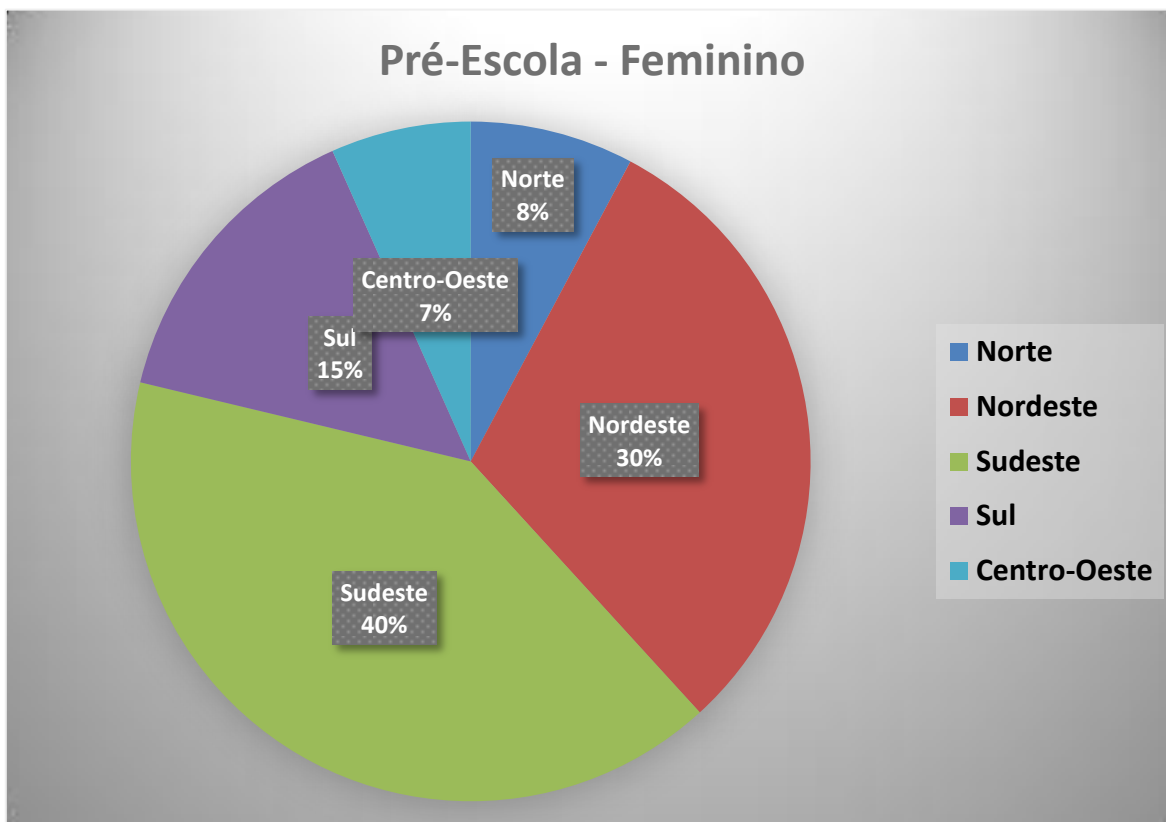


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

As regiões de maior representatividade, não se alteram, ao longo dessas análises, inclusive na comparação entre os dois gráficos dessa modalidade da Educação Infantil. Ocorrendo dessa forma uma homogeneização entre os gêneros nas diferentes regiões que se mantém em constância, nas diferentes modalidades analisadas.

A modalidade dos Anos Iniciais corresponde à etapa da Educação Básica onde a atuação dos docentes em Pedagogia é mais direta, nas perspectivas do ponto de vista da educação formal, diferente das etapas anteriores onde esse processo era mais indireto. Ocorrendo nessa etapa da educação básica especificamente os processos de alfabetização. O gênero masculino, objeto desse estudo, aumentou em cinco vezes seu número nos Anos Iniciais, em relação à presença do mesmo gênero na Creche e quase três vezes em relação à Pré-Escola.

GRÁFICO 20 - ANOS INICIAIS - BRASIL

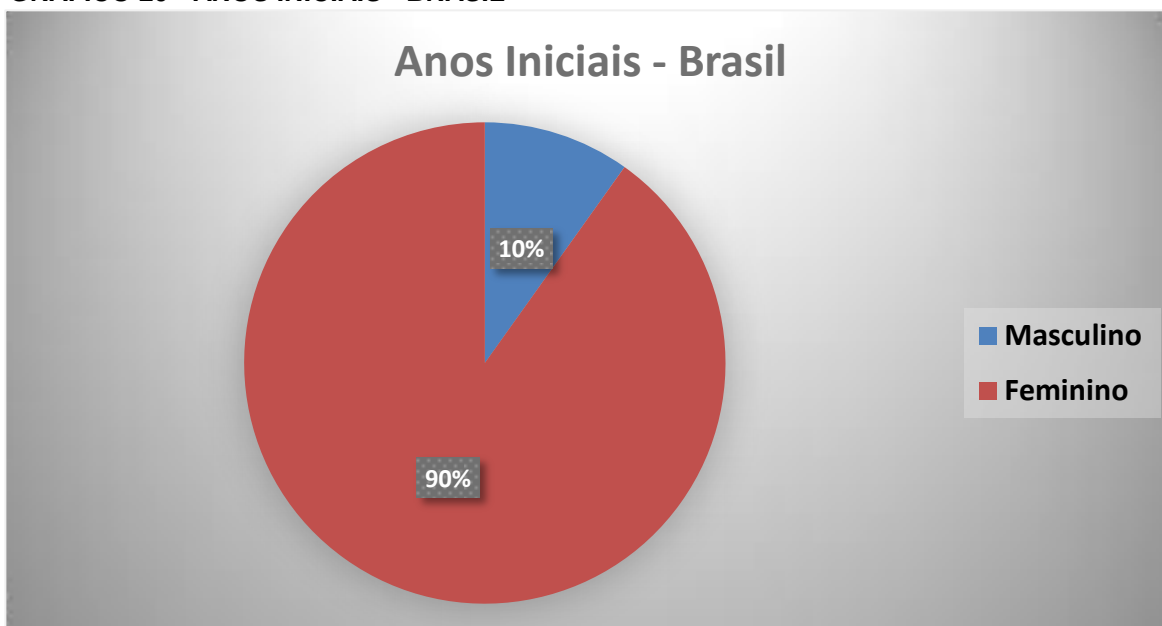


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

No Gráfico 20 podemos perceber como se dá essa distribuição por gênero, sendo dessa totalidade, 10% de presença do gênero masculino. A distribuição dos diferentes gêneros, por região em de dez anos de análise pode ser observada no Gráfico 21.

GRÁFICO 21 - ANOS INICIAIS - POR REGIÃO

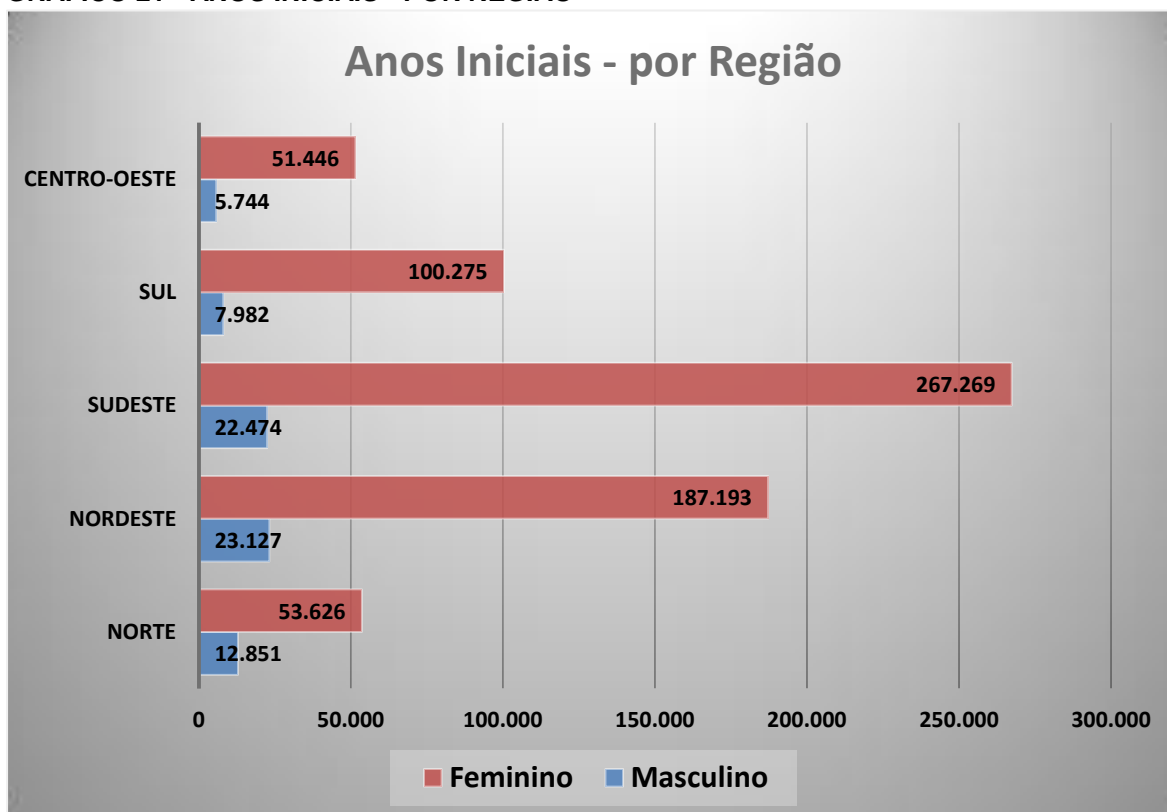


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

As demonstrações numéricas dão conta de observar, embora a presença do gênero masculino não seja tão numerosa como do gênero feminino, que a Educação Básica seria espaço de atuação de ambos os gêneros. Ao longo da análise apresentada até esse momento observa-se que os números mudam sensivelmente.

GRÁFICO 22 - ANOS INICIAIS - MASCULINO

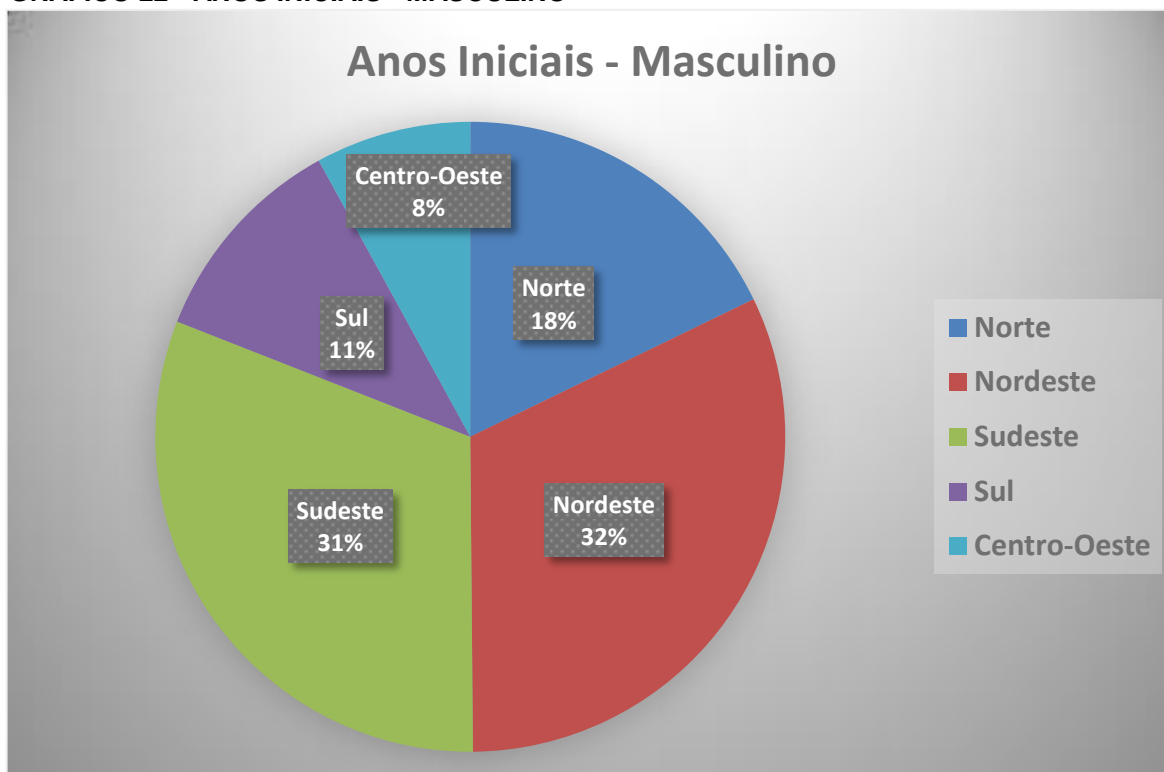


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

Nas observações de distribuição entre as regiões, sudeste e Nordeste apresentam-se juntos com mais da metade de toda a distribuição do gênero masculino. Essas observações de dados contribuem e levam a reflexão de que a Pedagogia tem assumido aos poucos, contornos de imersão masculina, como uma contribuição a desmistificar que as modalidades da Educação Básica apresentadas, são só de prevalência feminina. No gráfico 23, abaixo, a distribuição de mulheres nos Anos Iniciais.

GRÁFICO 23 - ANOS INICIAIS - FEMININO

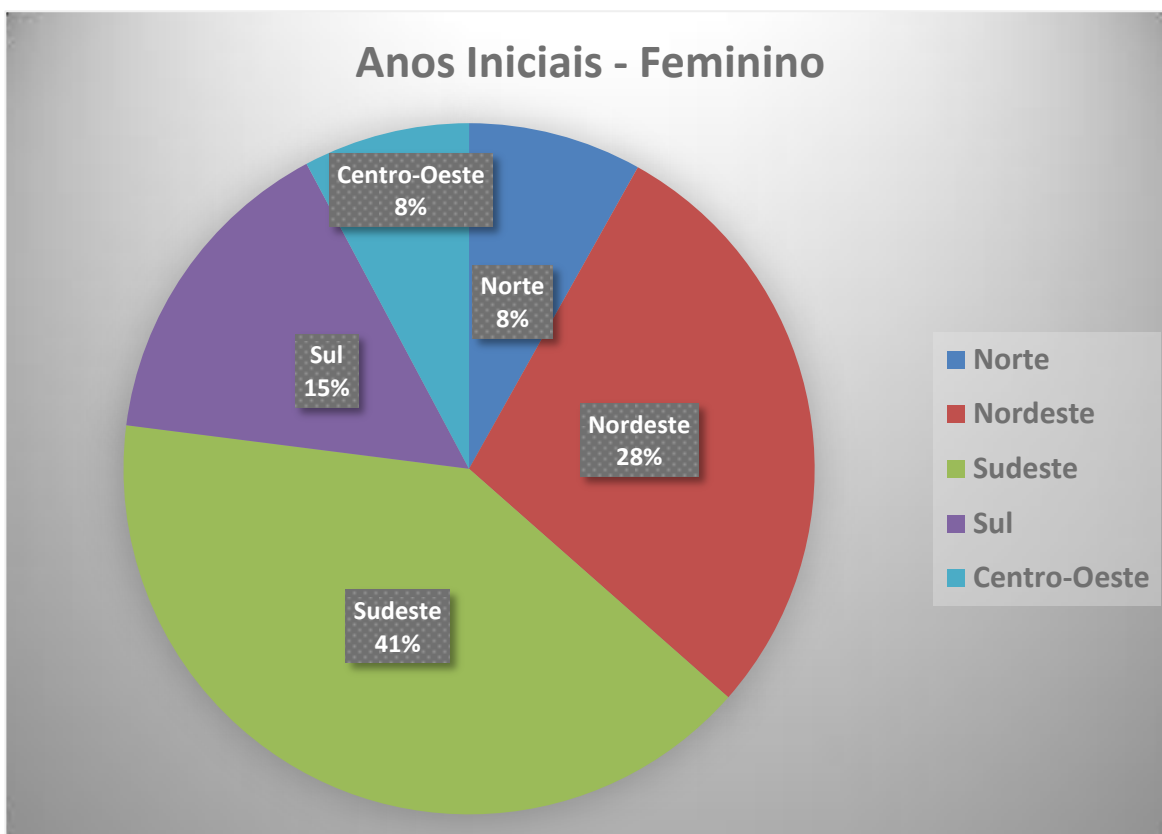


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

Entre as Regiões Sudeste e Nordeste, que no gráfico anterior representavam mais da metade da concentração do gênero masculino, na totalidade dos números apresentados, essas mesmas regiões apresentam-se como representativas, na relação de aglutinar a maior distribuição do gênero feminino, nos Anos Iniciais.

10.1 GÊNERO, EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS EM CURITIBA

Essa análise foca as características das instituições de ensino locais, no intuito de lançar um olhar para uma realidade mais próxima, elencando, assim, elementos de aproximação com esse estudo, acerca do gênero masculino, nos espaços escolares de atuação da formação do Pedagogo.

GRÁFICO 24 - CRECHES DE CURITIBA

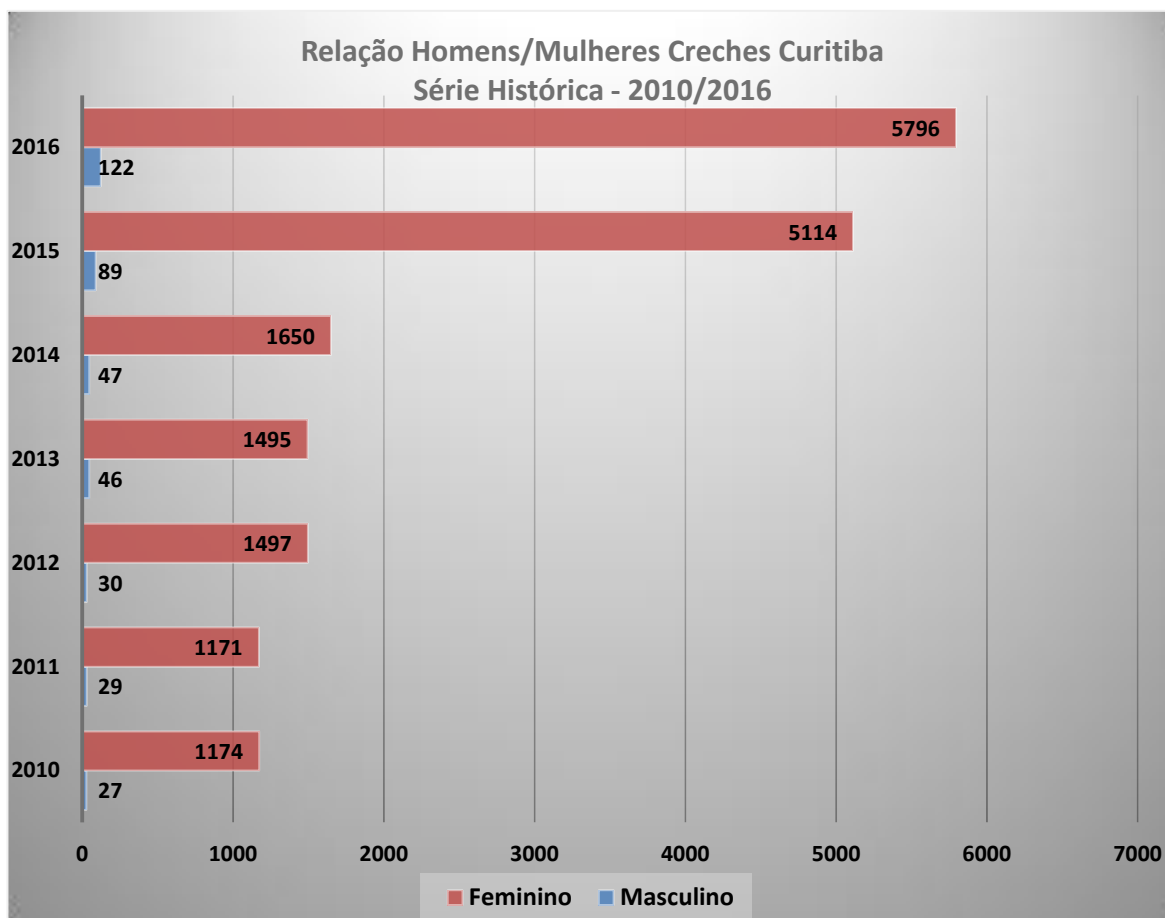


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

Os dados do gráfico acima demonstram a tendência histórica da distribuição de gênero nessa modalidade da Educação Infantil. Reafirmando, dentro desse contexto, que quando fazemos um exercício de aproximação para nossa realidade, com os acadêmicos do sexo masculino no Curso de Pedagogia da UFPR, de nove acadêmicos, quando perguntados: “Conhece exemplos próximos a você sobre profissionais homens na Educação Infantil?”, apenas dois afirmaram conhecer. Em números totais apresentados, seja Brasil ou por regiões essa é a etapa onde o gênero masculino, mais se encontra atuante.

GRÁFICO 25 - PRÉ-ESCOLA - CURITIBA

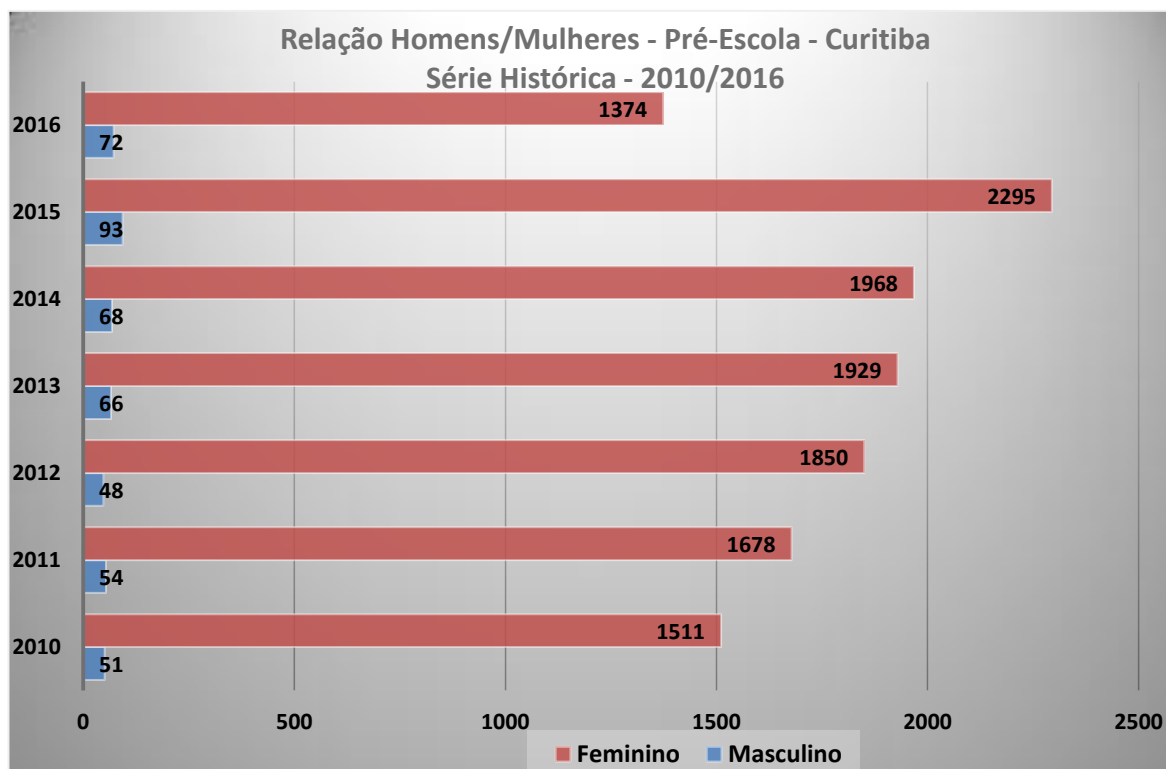


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

Na observação Gráfico 25, sobre Pré-Escola, há estabilidade em relação à distribuição dos gêneros, ambos aumentam de forma mais regular, ou seja, tanto o gênero masculino como o gênero feminino seguem uma linha contínua, sem grandes sobre saltos em nenhum dos anos analisados.

GRÁFICO 26 - ANOS INICIAIS CURITIBA

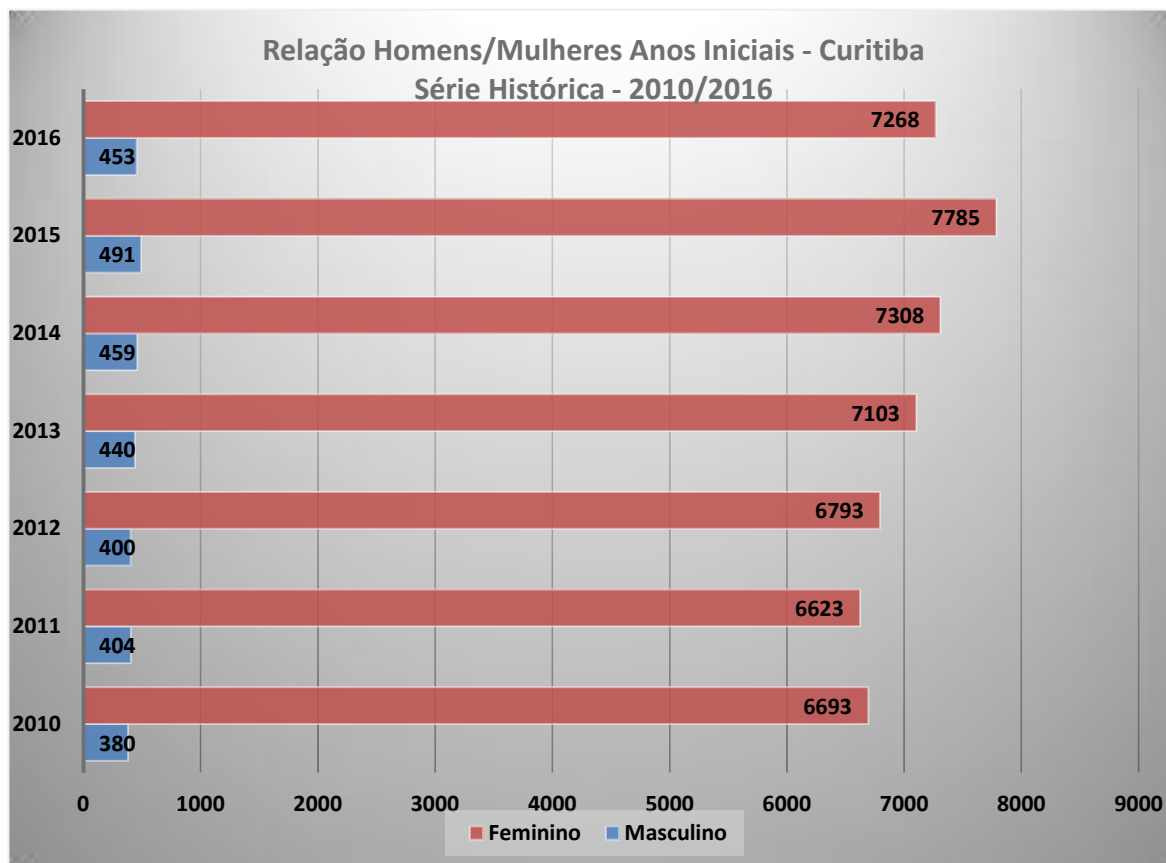


GRÁFICO ELABORADO PELOS AUTORES - FONTE INEP:2008/2017

Essa etapa da Educação Básica consiste na efetiva educação formal, como a etapa onde a apresentação de conteúdo de um roll de temas, como alfabetização e aprendizagens das diferentes frentes do currículo básico. Mesmo sendo também uma etapa ocupada majoritariamente pelo gênero feminino, o gênero masculino, tem se aproximado e tomado a Pedagogia como uma profissão a ser seguida, pois o magistério é uma realização que ambos os gêneros podem atuar, com efetivas contribuições para a educação.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão de uma pesquisa é como o fim de uma viagem. Pois quando o viajante coloca-se na estrada de suas aventuras, também coloca-se diante de tudo que o rodeia e pode ser observado e captado por seus sentidos.

Essa pesquisa também tornou-se uma viagem. Com suas descobertas, seus vislumbres de paisagens, trouxe as respostas às nossas hipóteses, às nossas indagações e as descobertas que fizemos, assim como o viajante, nos impressionaram, nos modificaram, seja em nosso modo de pensar seja em nossa forma de olhar as mesmas paisagens de antes, mas com olhos muito mais atentos e apurados agora.

Lembrando que essa pesquisa não nasce no instante em que se atinge o oportuno momento de dedicar-se a escrever sobre o tema escolhido, nasce muito antes em uma remota ideia ou experiências pessoais, talvez sem nos darmos conta desses momentos imemoriáveis de nossas vidas.

A faculdade ajuda a consolidar essa pesquisa, quando nos direciona no caminho certo, na trilha certa. E dentro desses espaços que a universidade propicia, amadurece no coração dos viajantes que, tendo os caminhos corretos a percorrer, os levará às descobertas que se propuseram a fazer. Equipados com todo arsenal teórico necessário ao desenvolvimento da pesquisa nos colocamos em marcha para ir até o fim dessa trajetória.

Do momento que iniciamos essa pesquisa, olhamos para dentro de nós mesmos, no intuito de buscarmos nas nossas experiências pessoais o olhar apurado e refinado na sensibilidade de na compreensão da fala do outro, entender como sente-se diante do ambiente que o rodeia e que agora estamos observando.

Não buscamos nesse trabalho desenvolver uma teoria de como os fatos narrados acontecem, mas pautar pelas sensações que essa pesquisa nos trouxe. Escrevemos como sentimos, como olhamos, como percebemos o mundo a nossa volta. Purificamos nossas conclusões o máximo que pudemos na tentativa de não sermos injustos com os que ao nosso lado também caminharam em contribuição a essa pesquisa.

De coração aberto, seguimos com tantas quantas foram as leituras necessárias, para dar a esse trabalho de pesquisa toda robustez e base sólida que

o tornasse real, com a sensatez necessária e a humildade ao lado, recorreremos aos teóricos que nos emprestaram suas ideias e suas contribuições postas na diversidade de literatura que trabalhamos: sem eles essa pesquisa também não teria sustentação, pois é impossível criar nada do nada. Demos a esse trabalho a sensibilidade necessária, para que o mesmo pudesse erguer-se e por si mesmo falar, com todos os dados de informações postas e construídas de fontes sólidas. As leituras referenciam-se a temas de teóricos que analisaram as “paisagens” que também vislumbramos e trazem os embasamentos aos nossos questionamentos, como “mapas guia” que o viajante leva consigo em suas viagens. Assim também conosco, teorias nos mostraram se estávamos na rota certa ao escrever os episódios que incorporam essa pesquisa.

Muito embora esse trabalho não traga todas as respostas. Muito menos foi esse nosso objetivo, esgotar esse tema tão plural e enriquecedor que desponta a cada dia com uma realidade mais presente e necessária em sua constante problematização. Pois compreender o outro ao seu lado, já não basta mais, torna-se necessário compreender o outro na sua complexa realidade como indivíduo, nas múltiplas formas de suas realidades compreendendo que o gênero e a sexualidade, habitam uma mesma realidade mesmo com suas distintas formas de serem compreendidas.

Como citado, uma viagem muda o olhar do viajante, assim a pesquisa muda a forma de observar um tema pesquisado. Podemos dizer que nos igualamos ao viajante em aprendizagem, nos tornamos melhores observadores do que está ali, diante de nós, e o que até ontem ainda ignorávamos ser real ou invisível ao nosso olhar. Agora torna-se parte de nós, pois ao incorporamos essas observações temos uma problemática em mãos e uma problematização a ser conduzida. Não que devamos nos tornar somente conscientizadores, antes conscientizados de toda essa problematização, que esse trabalho de pesquisa propõe.

Lacunas ficaram e, como já dissemos, não é intuito de uma pesquisa esgotar o tema que a mesma investiga. Fica o convite a quem depois possa e venha a trabalhar na continuidade, na extensão e contribuição dos espaços abertos que ficam do nosso trabalho.

Ao longo dessa pesquisa, buscamos expor as informações dos dados que foram sendo levantados, com as perspectivas de tradicionalismos familiares ainda

perpassando as escolhas dos jovens vestibulandos, bem como carreiras que vão sendo seguidas em uma continuidade tão “natural” que encaramos como uma verdade quase absoluta.

Ao contemplar esse pensamento, demonstramos como esses equívocos podem parecer verdadeiros e reprodutores das “falas postas do senso comum”, reproduzindo um discurso que, não sendo problematizado, encontra a fecundidade necessária para ser aceito sem ser questionado.

Nos apresentamos como observadores, colhendo essas realidades diante de nós, assim como o viajante que escreve em seu diário suas impressões, escrevemos nessa pesquisa nossas indagações e hipóteses, aprendendo a questionar como as verticalizações se estratificam e se reforçam, na busca da compreensão, ainda que não de forma definitiva, como os resultados apontam na direção de escolhas que prevalecem muito mais concorridas que outras.

As carreiras, tomadas como as profissões valorizadas não somente em salário, cujo aspecto demonstra-se como um atrativo diferenciador nas escolhas dos cursos, entram na composição como um elemento que mostra como funciona a dinâmica salarial de mercado, que ao lado do prestígio social gera a combinação do que escolher e porque escolher um determinado curso e não outro.

Analisamos com isso, em um primeiro momento, que salários, sociedade e família, agem nessa tríade de forças, como um “anel encantado” que coloca as escolhas como um segmento que inclina-se pela tradição, pois como os diferentes relatos postos no começo dessa jornada de pesquisa dão conta, a família desponta como importante nas relações que conduzem à carreira a seguir. Demonstrando que salário e prestígio social são importantes, contudo não são os determinantes, trabalhando assim como coadjuvantes dessa realidade que permeia e constrói a paisagem inicial desse trabalho de pesquisa, sobre as formas como ocupam-se as diferentes variáveis que tensionam a carreira a seguir como profissão.

Na continuidade dessa pesquisa, elaboramos os dados sobre a distribuição de gênero por cursos na UFPR, compreendendo assim como as escolhas problematizadas no primeiro momento de análise, ao falarmos da sociedade, família e salário, puderam ser apresentadas de forma mais objetiva e clarificada. Os cursos, “pratos dessa balança”, apresentam inclinação em grande parte dos

casos por um único gênero. Com isso temos um desnível entre homens e mulheres na ocupação dos espaços de formação em relação ao mercado de trabalho, criando cristalizações de um gênero, impedindo que outro possa alocar-se nas mesmas funções.

Nessa dicotomização, esvaziam-se os diálogos possíveis em prol de mudanças sociais e não na perpetuação dessas realidades. Se no primeiro capítulo tratamos das médias salariais como um dos temas centrais, no capítulo seguinte, apresentamos como homens e mulheres distribuem-se nos 57 cursos que foram escolhidos para serem analisados. Tomando por base uma década de levantamento, observamos corroborada nossa hipótese sobre os cursos de Engenharias e sua tendência a escolhas maiores pelo gênero masculino.

A surpresa foi que entre as engenharias, dois cursos mostraram-se muito mais equitativos (Engenharia Florestal Madeireira e Engenharia Ambiental), com resultados de 50% de distribuição entre os gêneros, dando conta que o estudo descortina paisagens novas ainda desconhecidas dos “viajantes”.

Dando-se conta ainda de muitas outras conclusões que esse segundo momento dessa jornada trouxe: o Setor de Ciências Biológicas congrega a maior concentração de um só gênero, onde o sexo feminino apresenta-se em maior representatividade, como no curso de Terapia Ocupacional, com uma verticalização feminina muito estratificada.

Rompendo com a ideia que se tinha (ao menos como pensávamos antes de iniciar essa jornada) que só existiam duas pontas, o curso de Pedagogia (com prevalência de ocupação mais feminina) e os cursos de Engenharias (com maior ocupação masculina) como polos opostos de uma mesma realidade. Se pensávamos assim, agora descortina-se uma realidade nova, pois ao mapear diferentes setores da UFPR e como os cursos alocam-se, percebemos como é muito maior o universo de trabalho do que quando olhamos de onde estávamos dentro dos nossos cursos.

Na visão do viajante, seria algo como “olhar até onde a vista alcança”. No nosso caso, para essas análises, lançamos mão de informações técnicas, apoiando-nos, como mencionado, nos teóricos, em entrevistas pessoais com estudantes do gênero masculino que contribuíram também, com suas falas vieram

a enriquecer de forma a não termos palavras em agradecimento, com imensurável contribuição.

Desses dois momentos apresentados e compreendidos como de máxima importância na compreensão dessa temática abordada, conjuntamente com as diversas falas dos acadêmicos que contribuíram com suas experiências pessoais, vivências acadêmicas e profissionais, que, disseminados ao longo desse trabalho, sustentam e incorporam a essência de tudo que tratamos ao longo dessa viagem de descobertas sobre a presença dos homens na Pedagogia e suas ocupações como carreira profissional.

Dito isso, adentramos de forma mais específica no caminho percorrido ao lidar como os homens que, formados pedagogos ou ainda como normalistas (magistério), apresentam-se na atuação profissional, que nas falas dos entrevistados, deixam transparecer que a heterossexualidade é posta à prova. Entendendo ainda que, nessa abordagem, desponta que “cuidados devem ser tomados com homens na Pedagogia”, deixando a ideia de uma aversão à feminilidade e à “maternidade que a mulher carrega”.

Como apontado por um entrevistado, embora que não tenha sido questionado de forma direta (pois as entrevistas conduziram-se como uma “catarse”, espaço para colocar para fora aquilo angústias), o questionamento da heterossexualidade é um ponto bem delicado, deixando nas “entrelinhas” a preocupação de uns e de outros passar “batido”, ou seja, transpassa-se rápido de uma fala para outra, não deixando margem de ser interrogado sobre as delicadezas dessa perspectiva. Ainda que não ventilado esse tema diretamente, o mesmo ocorreu nas falas livres. Compreendendo como uma lacuna a ser preenchida, na entrevista com outros cursos sobre como veem os homens atuando em um curso cuja prevalência de mulheres é muito mais marcada em presença ao longo de todo esse estudo.

Encontramos ainda nesse capítulo, uma variedade de expectativas, de pontuações, de considerações, demonstrando que ser homem na Pedagogia é quase um risco social. Congrega-se ainda a ideia de que no homem está o “pensamento pedófilo”, contrapondo-se a mulher que “é o fruto da angelical resignação”. Das múltiplas falas apresentadas, dos relatos que incorporam esse capítulo, encontra-se a escola com um problema que a mesma esconde, fingindo não ver, fechando os “olhos da problematização”, eximindo-se de

responsabilizar-se, deixando essa tarefa posta para fora de seus espaços, em um entendimento mais claro da ideia “dos que os pais dessas crianças vão pensar, se verem um homem professor”. Ideia essa que é posta nas falas e em reportagens que compõe o corpo de capítulo. Onde o professor aos poucos “vai convencendo e conquistando os pais”, como se a profissão tivesse gênero, sexualidade.

É inegável a necessidade de problematização, dessa dicotomização de gênero nos espaços escolares. Necessário se faz invocar um maior dialogismo, permitindo que homens e mulheres ocupem-se desses espaços não generificados ou sexualizados, não colocando um gênero nas ocupações profissionais. A escola é lugar onde essas ideias perpassam e devem ser diluídas, na construção de uma nova realidade social de ocupação profissional.

Na reta final dessa nossa jornada de leituras pesquisa e aprendizagens, elaboramos ainda um olhar ocupacional de como a Educação Infantil, campo onde os formados em Pedagogia têm atuação mais condensada. Elencamos os dados fornecidos pelo censo educacional disponibilizado pelo Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), onde constatamos que a ocupação de homens nessa etapa da Educação Básica é minoritária, apresentando-se ainda em grande maioria por mulheres.

Tais observações conduzem a reflexão de que a docência não atrai os homens por desconhecimento, por não apresentar a carreira da docência como uma profissão na qual possa-se alavancar socialmente. Nessa compreensão de dados, um relatório efetivado pela Fundação Carlos Chagas sob encomenda da Fundação Victor Civita, apresenta dados sobre as perspectivas da falta de atratividade pela carreira docente. Compreendemos, com esse trabalho, que as “falas do senso comum”, ainda ecoam nos “ventos escolares”, disseminam-se nas mais diferentes formas de compreensão das realidades de cada vestibulando em suas escolhas (compreendo que a idade aqui, não é determinante).

A escola falha quando exime-se do trabalho de, dentro de seus espaços, contestar e mitigar os estereótipos que se formam sobre determinados espaços profissionais ocupados preferencialmente por homens ou mulheres. A educação tem a obrigação de romper com esses espaços, ser esclarecedora do ponto de vista que um homem ocupando uma sala de aula de crianças, não compreende

nele a “pedofilia personificada”, pois a profissionalização não forma o caráter e sim “aparelha do uso do ferramental” para atuação desse profissional.

Se os homens que adentram por esse espaços educacionais têm sua heterossexualidade questionada, convém não olhar com discriminação ou relegar a esses profissionais ocupações de burocracia (atividades de trabalho voltados a administração escolar), e dar a eles a oportunidade de permanência em sala de aula, evitar sobre eles olhares “de vigia”, na metafórica expressão da “raposa cuidando do galinheiro”.

A escola tem uma tarefa imprescindível, dela e somente dela torna-se possível a solução. Lembrando ainda que a universidade como detentora do título de formadora do profissional nas esferas superiores, não pode ausentar-se dessa realidade e cabe fomentar no dia a dia de seus trabalhos formativos, essas discussões acerca da pluralidade e aceitação das transformações postas. Compreendendo e desfazendo dessa compreensão que mulheres e homens possuem gêneros distintos e diante dessa distinção, ocupam realidades diferentes. Quando ao bem da verdade, são personagens de uma mesma realidade.

Dessa ausência de debates dentro do espaço acadêmico, ao não lançar olhar sobre as diferentes dificuldades que os acadêmicos homens nos cursos como Pedagogia, calam essas vozes com suas “angustias de enfrentamentos”, deixando a encargo da própria personalidade de cada um buscar uma melhor maneira de elaborar o contexto e enfrentar as dificuldades em que se encontra. Compreende-se da necessidade da universidade em dar voz, vez e espaço ao diálogo, para que esses afunilamentos não ganhem espaço nas tratativas do senso comum.

Nessa caminhada, viagem, jornada de longos passos, descortina-se agora a compreensão que todos nossos esforços são coroados com a conclusão, que somos melhores agora do quando iniciamos essa aprendizagem.

O coração amadurece e passa a compreender o que se faz necessário. Na mudança de nossos discursos, não assumimos uma radicalização em relação a todos os questionamentos que levantamos, mas estamos com certeza muito mais sensibilizados, mais críticos e refinados desse olhar sobre a necessidade do gênero masculino incorporar os espaços da profissão de pedagogo. Compreendemos que as variáveis a essa escolha são múltiplas e algumas das

quais não tangíveis de serem observadas, contudo o que obtivemos nas diferentes falas dos entrevistados e nas experiências pessoais de cada um dos autores desse trabalho de pesquisa torna-se rico em detalhes e análises que suscitam compreensão continuada desse tema tão instigador.

Ao viajante, que chegando a frente de seu destino, na meta que outrora escolhera como fim a ser atingido, chegamos aqui, com essa bagagem de aprendizagem. Pois essa pesquisa traz consigo um enriquecimento sem precedentes sobre esse tema. Toda essa caminhada trouxe a certeza que não para aqui, toda essa descoberta. E, sim, aponta novos rumos a serem trilhados, novas contribuições a serem compartilhadas.

As licenciaturas devem ser encaradas como espaço formativo e profissional que conduz até onde seus sonhos podem lhe levar. As dificuldades que trazem essa profissão, devem ser compreendidas como próprias da realidade de cada profissão. Não minimizando ou acrescentando adjetivos de minimização, como que cursa Pedagogia quem gosta de criança. Que ser homem na Pedagogia, invoca questionamentos na sua heterossexualidade. Romper com esses estereótipos que colocam o profissional de Pedagogia em outros patamares. E ao homem que adentra nesse curso demonstrar que é bem-vindo, que sua presença é imprescindível à profissão e à profissionalização.

Esse trabalho traz uma contribuição ao estudo da necessidade de compressão da ausência dos homens na Pedagogia. Embora muitas perguntas peçam respostas, as que buscamos elencar, acreditamos termos dado conta de respondê-las satisfatoriamente. Senão com a melhor resposta, mas com as análises que nos dispusemos a realizar e na busca da constituição corpo desse trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

Agência Cartola. **Terra: Educação.** Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/por-admiracao-jovens-escolhem-a-mesma-profissao-dos-pais,13b91a4045cea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

ALMENIDA, J. S. **Mulher e Educação: Paixão pelo Possível.** São Paulo: Editora UNESP, 1998. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000028.pdf>. Acesso em: 15 de junho de 2017.

AUAD, D. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. **Educar.** Curitiba, n.36, p.281-284,2010.

ARAGÃO, M.C; KREUTZ, L. A Mulher é Naturalmente Educadora. Caderno **Espaço Feminino**, Uberlândia – MG, v.25, n.1, jan./jun. p.64 – 78. 2012

ARAUJO, M.P; HAMMES, C.C. A Androfobia na Educação Infantil. **Interfaces da Educação.** Paranaíba, v.3. n.7,p.5-20,2012

BONAMINO, A; ALVES, F; FRANCO, C. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v.15, n.45, set./dez. p.487 – 594, 2010

BORTOLINI, A. Diversidade sexual e de gênero na escola. **Revista Espaço Acadêmico.** Nº123, p,27-37, 2011.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura.** Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Tradução Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1975.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero - feminismo e subversão da Identidade.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2015

IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 2009, Curitiba. **Escolha Profissional e Gênero: Implicações para o Trabalho Educacional.** Curitiba: Editora PUCPR, 2009.

CONNELL, Robert William. **Masculinidades.** Trad. ARTIGAS, Irene Ma. 1.ed. em espanhol, 2003. Universidad Nacional Autónoma de México.

CRUZ, F.M.L; AGUIAR, M.C.C. Trajetórias Na Identidade Profissional Docente: aproximações teóricas, **Psic. da Ed.**, São Paulo, 33, 2º sem, p. 7-28, 2011.

DANTAS, A.S; MORAIS, M.S.F; COELHO, M.G.P. As Relações de Gênero no Cotidiano da Escola: O Ponto de Vista dos Discentes da Licenciatura em Pedagogia Da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. **Revista Temas em Educação.** João Pessoa, v.18/19, n.1/2,p.151-163, jan-dez.2009/2010.

EMÍLIO SANTORO. Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito**. São Leopoldo, RS, vol.06, p.15-30, janeiro-junho 2014.

ERVING GOFFMAN. Introdução; Capítulo I. In: ERVING GOFFMAN. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis. Editora Vozes. 1975. P. 9-71

FREUD, SIGMUND. Luto e Melancolia. In:____. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos**. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2010. p.127-144.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. 1ª edição. São Paulo:Civilização Brasileira, 2008

HSBC HOLDINGS PLC. O Valor da Educação - **Um aprendizado para Vida - Relatório Brasil**. Londres: HSBC Holdings plc, 2015. Disponível em: <https://www.hsbc.com.br/1/PA_esf-ca-app-content/content/hbbr-pws-gip16/portugues/personal/comum/pdf/relatorio-brasil-pt.pdf> Acesso em: 15/07/2017

JORDANI, S.P; BRARICHELLO.R; ARTMANN. C.R; ECKER, J.S. **Fatores determinantes na escolha profissional: um estudo com alunos concluintes do ensino médio da região Oeste de Santa Catarina**. Ponta Grossa.V.7, n.2, p.25 - 32, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós - estruturalista**. 6. Ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1997.

MAGALHÃES. A.S; ALMEIDA. M.E.G. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, vol.12, n.2, p.205-214, jul.-dez. 2011.

MARÍLIA PINTO DE CARVALHO. **Vozes Masculinas numa Profissão Feminina**. Revista de Estudos Feministas. Santa Catarina, vol.06, fascículo 02, 1-17, 1998.

ODA, M. **Globo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2015/08/conheca-historias-de-filhos-que-seguem-profissoes-dos-pais.html>> Acesso em: 26/04/2017

PALAZZO. J; GOMES. C.A. Origens Sociais dos Futuros Educadores: A Democratização Desigual da Educação Superior. **Avaliação**, Sorocaba, SP, V.17, n.3, p.877-898, nov.2012

PATI, C. **Exame: Você S/A**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/as-profissoes-que-pais-de-15-paises-sonham-para-seus-filhos/>> Acesso em: 26/04/2017

RESCHKE, C. **Exame: Você S/A**. Disponível em:
<https://exame.abril.com.br/carreira/programados-no-nascimento/>

RODRIGUES, J.C. O Tabu do Corpo. Rio de Janeiro: Edições Achiamé. 1975

ROSA, R. V.M. Feminização do Magistério: Representações e Espaço Docente. **Revista Pandora Brasil – Edição especial**, n.4, São Paulo, p.1-19, 2011.

SAFFIOTI.H. Papéis Sociais Atribuídos às Diferentes Categorias de Sexo; A Quem Serve a Relação de Dominação da Mulher pelo Homem. In: SAFFIOTI.H.. **O Poder do Macho**. São Paulo. Editora Moderna.1987. p.8-40

SANTOS, A.C; CANEVER, C.F; FROTTA, P.R.O. A Influência do Gênero na escolha profissional de pré-vestibulandos: Estudos de caso na cidade de Criciúma/SC. **Revista Travessia**. n.3, v.15, p.347 – 364, 2011.

SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, IX, 2012. **História, Sociedade e Educação no Brasil**. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – Anais Eletrônicos. p. 3069 - 3094

SOUZA. H.V.A. Os Estereótipos Sociais: Instrumentos para a Construção de Identidades. **Anais do Evento PG Letras 30 anos**, Vol.1, p.150-161, 2010

VENTURINI. A.M; THOMASI. K.B.A **Feminização na Educação Infantil: Uma Questão de Gênero**. Revista Científica Digital da FAETEC: EDU.TEC. vol.1, nº1, 2013, ano V, 8º edição. Disponível em:
<http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/A%20FEMINIZA%C3%87%C3%83O%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf>. Acesso: 17/05/2017

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar livremente dessa pesquisa, na categoria de voluntário. Visando que sua adesão é de sua livre escolha, implicando se deseja participar da pesquisa ou não. Não tome uma decisão na impulsividade. Advertimos, que antes de decidir-se em concordar com sua participação voluntária, contribuindo com isso ao responder nosso instrumento de pesquisa, para coleta de dados, possa compreender de forma clara e consciente, as informações e instruções que estão contidas nesse documento. Leia com atenção e cuidado, e qualquer dúvida que possa advir-se, não se intimide de esclarecer juntos ao/a acadêmico(a), que estão desenvolvendo essa investigação/pesquisa. Esse trabalho de pesquisa está sendo realizado pela acadêmica Isabella Coelho dos Santos e o acadêmico Israel Simão de Farias, ambos estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná – UFPR, sob a orientação da Professora Me. Lennita Ruggi de Oliveira.

Dados os esclarecimentos das informações que serão prestadas na sequência e caso sinta-se motivado e seguro em participar, contribuindo como participante nesse estudo, pedimos que assine esse documento, que se apresenta em duas vias. Uma das vias fica em seu poder e a outra será entregue para o/a acadêmico(a) que estão realizando a pesquisa.

Reforçando, que diante da sua recusa, não será penalizado de forma alguma. Não recaindo sobre você nenhum prejuízo.

1) INFORMAÇÕES ACERCA DA PESQUISA QUE ESTAMOS REALIZANDO:

Título do Projeto de Pesquisa: **Pedagogia é curso de menina ou de menino também?**

Orientadora Responsável: Professora Me. Lennita Ruggi de Oliveira

Acadêmico(a) responsáveis pela pesquisa: Isabella Coelho dos Santos e Israel Simão de Farias.

2) OBJETIVOS DA PESQUISA

Os objetivos desse projeto de pesquisa, visa através de entrevistas, a serem realizados com acadêmicos do sexo masculino, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, que atuantes ou não na docência dos Anos Iniciais, da Educação Infantil. Essa pesquisa tem por objetivos investigar, os significados, motivações e escolhas que os acadêmicos do sexo masculino, produzem sobre a escolha pelo curso de Pedagogia e nessa expectativa/perspectiva, poder conhecer: quais os motivos da escolha pelo curso de Pedagogia. Quais suas perspectivas de atuação na docência. Como é/está sendo sua trajetória ao longo do curso.

Como foram suas experiências ao longo do(s) estágios obrigatórios.

Diante que expusemos como perspectiva desse trabalho, agradecemos se prestar sua contribuição à nossa pesquisa. Para melhor organizar como se dará os passos dessa pesquisa, a mesma ocorrerá da seguinte forma: com uma entrevista, que será desencadeada, por meio de uma pergunta que será o motivador inicial de

sua fala livre, no intuito de poder relatar suas experiências/vivências dentro e fora do curso de Pedagogia. Todas as informações coletadas, em sua entrevista narrativa, serão gravadas em áudio, que serão transcritas, analisadas e relacionadas ao corpo do trabalho de pesquisa que estamos realizando.

Sua contribuição nessa pesquisa será muito importante para compreender, como os acadêmicos do sexo masculino, se veem dentro do curso, e como relaciona-se com suas perspectivas como docentes nos Anos Iniciais da Educação Infantil, podendo com isso entender, os entraves que ocorrem, suas aspirações diante de uma etapa da Educação Básica ser fortemente de predominância feminina.

3) ADESÃO DE LIVRE ESCOLHA - VOLUNTÁRIA

A adesão a essa pesquisa/entrevista é totalmente de livre e voluntária escolha. Com isso estará livre, a qualquer momento em recusar-se a prestar resposta a qualquer questionamento, que por ventura possa lhe trazer/causar constrangimentos, a qualquer momento dessa entrevista, sem lhe imputar qualquer prejuízo/penalidade. Contudo, a pesquisa bem simples e não apresenta qualquer tipo de risco.

4) SIGILO INVIOLÁVEL

Se estiver de pleno acordo em prestar sua contribuição e participação a essa pesquisa, seus dados pessoais estão protegidos sob sigilo, garantindo com isso, seu total anonimato.

Eu, _____,
RG nº _____, estou de pleno acordo, em prestar voluntariamente minha participação nessa entrevista/pesquisa, como sujeito. Declaro, que fui devidamente esclarecido, quanto a todos os propósitos dessa pesquisa, as informações que li, ou que me foram repassadas, em relação aos objetivos. Fica com isso claro que estou ciente, quanto aos procedimentos da entrevista que será realizada comigo, as garantias que está sendo proposta quanto a inviolabilidade dos meus dados pessoais. Ficou claro dentre os termos, que posso retirar meu consentimento de não uso das informações que prestei nessa entrevista, a qualquer momento, seja isso antes ou durante o transcorrer da entrevista, sem que para isso possa ser penalizado ou prejudicado.

Curitiba, _____ de _____ 2017

Assinatura

Professora Me. Lennita Ruggi Oliveira - Professora Orientadora

Isabella Coelho dos Santos - Israel Simão de Farias
Acadêmico (a) responsáveis pela pesquisa

ANEXO II - QUESTIONÁRIO

Prezado Acadêmico,

Eu, Isabela Coelho dos Santos e Israel Simão de Farias, acadêmico(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, UFPR, agradecemos sua contribuição afim que possamos efetivar nosso trabalho de pesquisa para nosso TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que se intitula, **Pedagogia é curso de menina ou de meninos também?** Que se objetiva a: investigar quais as percepções que o acadêmico de Pedagogia do sexo masculino tem da sua formação, com suas experiências dentro universidade, os estágios obrigatórios, sua permanência no curso e as possibilidades que vislumbra após egresso do curso.

Para que isso seja possível, gentilmente pedimos que responda o questionário abaixo, com objetivos de traçarmos um perfil dos sujeitos que se voluntariam a serem participantes nessa pesquisa.

Agradecemos imensamente sua atenção, ao dispor de seu tempo em contribuir conosco, nessa investigação.

I - INFORMAÇÕES DE VÌNCULO PESSOAL

Nome: _____

Sexo: Masculino Feminino Outros

Idade: _____

Estado Civil: Casado Solteiro outros

Tem filhos(as): Não Sim, quantos? _____

Bairro: _____ Cidade: _____

E-mail: _____

II - INFORMAÇÕES DE CARATER PROFISSIONAL

a) Escola/Empresa que trabalha: _____

b) Bairro: _____ Cidade: _____

c) Tipo de vínculo: Estagiário Contratado Concursado Outros

d) Há quanto tempo tem atuação nessa escola: _____

e) Série(s) em que leciona: _____

f) Horários (turnos) que mantém atividade como professora nesta escola:

Somente pela manhã Somente a Tarde Somente a Noite

Atuante em dois turnos Trabalha em todos os turnos

g) Há quanto tempo está no exercício da docência: _____

III – INFORMAÇÕES DE CARÁTER ACADÊMICO

Formação educacional/profissional:

a) Ensino Médio: Educação Geral Técnico

Conclusão – ano de início: _____ ano de termino: _____

Técnico em: _____

Conclusão – ano de início: _____ ano de término: _____

() Tecnólogo em: _____

Conclusão – ano de início: _____ ano de término: _____

Graduação em: _____

Instituição: _____

Conclusão – ano de início: _____ ano de término: _____

Cidade: _____

As instituições em que estudou: () pública () privada

b) Especializações

() Especialização em: _____

() Conclusão – ano de início: _____ ano de término: _____

A instituição em que estudou: () pública () privada

Nome fantasia ao qual será nomeado em nossa pesquisa: _____

Agradecemos a sua colaboração em prestigiar nossa pesquisa com sua presença.

IV- DADOS DA ENTREVISTA

1. Sujeito: _____ Idade: _____

Data: _____

Local de realização: _____

Horário de início: _____

Horário de Término: _____

Observações: _____

2. Sujeito: _____ Idade: _____

Data: _____

Local de realização: _____

Horário de início: _____

Horário de Término: _____

Observações: _____

ANEXO III - ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

I) Grupo I - UNIVERSIDADE

1 – Quais foram os motivos que levaram a escolha de curso de Pedagogia? Porquê escolheu a UFPR?

2 – É a sua primeira graduação na área da Educação? Se não for a primeira, quais seriam as outras formações?

4 – De maneira geral quais são, ou quais foram as primeiras impressões sobre o curso de Pedagogia na UFPR? Quais foram suas expectativas para com o curso, e se vem superando de forma positiva ou negativa?

5 - Sobre a presença majoritariamente feminina no curso de pedagogia qual é a sua opinião:

- A) Como se posiciona com essas relações em sala de aula?
- B) Encontrou alguma dificuldade para realizar alguma atividade em grupo?
- C) Já se sentiu de alguma forma, deslocado ou passou por alguma situação constrangedora no curso?

Grupo II - ESTÁGIO

Questão I – (Para os entrevistados que já realizaram o estágio da educação infantil)

Se já realizou o estágio obrigatório em docência, como foi sua experiência?

- A) Conte-nos como foi a realização do seu estágio na educação infantil?
- B) O fato de ser homem na Educação Infantil foi uma dificuldade a ser enfrentada? Qual dificuldade encontrou?
- C) As disciplinas obrigatórias e até mesmo as optativas auxiliaram de alguma forma a sua prática de estágio? Poderia nos dizer quais e como?

Questão II

- A) Como foi sua relação com as crianças?
- B) Sentiu-se “vigiado”, ainda que de maneira discreta, pelas regentes de sala?

Questão III

- A) Em sua opinião, o que foi mais relevante na sua prática de estágio?

Questão I - (Para os entrevistados que ainda não realizaram o estágio na educação infantil)

Se ainda não realizou seu estágio, quais as suas expectativas?

- A) Acredita que o fato de ser homem na Educação Infantil será uma dificuldade a ser enfrentada? Quais dificuldades espera encontrar?
- B) Conte-nos como espera ser sua experiência no estágio da Educação Infantil?
- C) As disciplinas obrigatórias e até mesmo as optativas te preparam de alguma forma para sua prática de estágio? Poderia nos dizer quais e como?

Grupo III - ESTEREÓTIPOS

Questão I

Como você vê/entende as diferenças entre homens e mulheres?

Questão II

A partir do conceito de gênero compreendemos que mulheres e homens não são plenamente determinados pela natureza biológica, mas são resultados de um amplo conjunto de fatores sociais, culturais e históricos.

Você concorda? Qual sua opinião?

Questão III

Em sua opinião como deve ser o perfil do profissional da Educação Infantil, tais como: gênero, formação acadêmica, relações sociais... etc.

Questão IV

É desejável que exista um perfil?

Questão V

Você sendo um homem no curso de Pedagogia, que é constituído majoritariamente por mulheres, qual é sua opinião sobre a relação entre a docência e a feminilidade?

Questão VI

Um professor homem na Educação Infantil, pode trabalhar em qualquer crianças de qualquer idade, ou na sua opinião existe alguma idade que lhe seja mais indicada pelo fato de ser homem?

Questão VII

- A) Conhece exemplos próximos a você sobre profissionais homens na Educação Infantil?
- B) Em sua opinião porque a educação infantil tem sido majoritariamente escolhida por mulheres como área de atuação profissional?

Grupo IV - EDUCAÇÃO INFANTIL

- A) Você acha que a Educação Infantil deveria ser mais mista, com um equilíbrio entre profissionais do sexo masculino e feminino? Porque?
- B) A Educação Infantil é o primeiro contato da criança com um ambiente externo a sua família. Na sua opinião a escola deveria ser uma extensão dessa realidade da casa da criança?
- C) Ao ensinar às crianças que o profissional em sala é "Professor(a)", deve também esse profissional, afastar-se de qualquer tratamento afetivo com as crianças, tendo com elas somente relações de ensino aprendizagem?

- D) Na sua opinião, ocorreram mudanças na educação infantil nos últimos anos? Positivas ou negativas? Você tem críticas ou sugestões à maneira como a educação infantil é realizada hoje?

Grupo V - MERCADO DE TRABALHO

- A) Depois de formado em Pedagogia pela UFPR, como pretende atuar no mercado de trabalho?
- B) Quais atividades pretende realizar?
- C) Atuaria na Educação Infantil?
- D) A formação que a universidade consolida como currículo o torna apto ao desenvolvimento das suas funções como Pedagogo?
- E) Diante da sua experiência com o estágio da Educação Infantil, voltaria a trabalhar nessa etapa da Educação, após formado?
- F) Mesmo que ainda não tenha realizado sua experiência com o estágio da Educação Infantil, gostaria de trabalhar nessa etapa da Educação, após formado?
- G) Você já foi chamado para alguma entrevista de estágio em alguma escola que atende a Educação Infantil? Como foi?
- H) Atualmente está inserido no mercado de trabalho?